UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
CURSO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA

Bernardo Pereira de Sá Filho

CARTOGRAFIAS DO PRAZER:

Corpo, Boemia e Prostituição em Teresina
(1930 – 1970)

RECIFE
2017

Bernardo Pereira de Sá Filho

CARTOGRAFIAS DO PRAZER:
Corpo, Boemia e Prostituição em Teresina (1930 – 1970)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal de Pernambuco, com área de concentração em História do Nordeste do Brasil, vinculado à Linha de Pesquisa Cultura e Memória do Norte e Nordeste, como requisito para obtenção do título de Doutor em História do Brasil.

Orientador: Profª Drª Tânya Maria Pires Brandão.
Coorientadora: Profª Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

RECIFE
2017

Catalogação na fonte Bibliotecária
Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S111c Sá Filho, Bernardo Pereira de. Cartografias do prazer : corpo, boemia e prostituição em Teresina (1930-1970) / Bernardo Pereira de Sá Filho . – 2017. 182 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Profª. Drª. Tânya Maria Pires Brandão. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017. Inclui Referências.

1. História. 2. Prostituição. 3. Corpo humano – Aspectos eróticos. 4. Vida noturna. 5. Boemia. I. Brandão, Tânya Maria Pires (Orientadora). II. Título.

981 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2017-130)

Bernardo Pereira de Sá Filho

CARTOGRAFIAS DO PRAZER:
Boemia e Pros**tituição em Teresina**
(1930-1970)

Aprovado em 31/ 03/ 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Tânya Maria Pires Brandão (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (Co-orientadora)
Universidade Federal do Piauí

Profº. Dr. Antonio Paulo de Morais Resende (Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr.Marcelo de Mello Rangel (Examinador)
Universidade Federal de Ouro Preto /MG

Profº Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (Examinador)
Universidade Federal do Piauí

Profº. Drº Carlos Alberto Cunha Miranda (Suplente)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Drª. Elizângela Barbosa Cardoso (Suplente)
Universidade Federal do Piauí

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo que tem me proporcionado ser, saber e poder.

A meus familiares pelo apoio em toda a minha trajetória de vida.

Ao programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

A todos os professores da UFPE e da UFPI que estiveram envolvidos neste projeto para que ele desse certo, especialmente a Prfª Drª. Tanya Brandão (Coordenadora do Programa) e ao Prof. Dr. Prof° Francisco de Assis Nascimento (Coordenador do Doutorado pela UFPI).

À minha Orientadora (institucional), Profª Drª. Tanya Brandão, pelo incentivo, compreensão e carinho a mim devotados.

A minha Orientadora (de fato), Teresina Queiroz, pelo conhecimento, diálogos, compreensão, tolerância e carinho a mim dedicados.

À Banca Examinadora composta pelos professores, Doutores(as): Tanya Brandão, Teresina Queiroz, Antonio Paulo Resende, Marcelo de Mello Rangel, Pedro Vilarinho e Elizângela Barbosa.

Ao coordenador do Curso de História (UFPI), Prof. Dalton Macambira, e ao Chefe do Departamento de História(UFPI), Prof. Fonseca Neto, pela compreensão e condições de trabalho no DH.

À Profª Elizângela Barbosa, pelos diálogos sobre os estudos de gênero.

À Secretária do Programa de Pos Graduação em História da UFPE, Sandra Regina, pela atenção.

Às Professoras que compuseram Banca Examinadora de minha Qualificação: Drª. Teresinha Queiroz, Drª Tanya Brandão, Drª Elizabethe Abrantes, Drª Elisângela Cardoso.

Ao Conselheiro Delano Câmara, Diretor da *Escola de Gestão e Controle do TCE*-PI, pela compreensão e viabilização de condições de trabalho, nos momentos finais de elaboração desta tese.

A todos os colegas do curso de Doutorado com os quais fiz essa trajetória, especialmente Antônio Melo e Julinete.

RESUMO

Este trabalho analisa a boemia e a prostituição em Teresina, dos anos de 1930 a 1970, momento em que se intensifica o processo de urbanização com algumas políticas públicas voltadas para a modernização. A cidade é enfocada enquanto *locus* de uma trama social urbana cuja tessitura é produzida através dos mais diversos tipos de relações que se estabelecem entre sujeitos de identidades subjetivas os quais agem na noite em busca de prazeres, significando os lugares e sendo por eles significados. Mesmo durante o dia os sujeitos masculinos e femininos, são vigiados nos seus lazeres socialmente subordinados às normas de boa conduta, de modo a não macular físico e moralmente os seus corpos, nessa perspectiva são cartografados os lugares noturnos e suas licitudes, os prazeres ilícitos e os corpos pérfidos na dimensão social, clínica e moral**.** A concepção de corpo como território de significações social e culturais é o fio condutor que permeia todo o trabalho articulado o conteúdo de cada capítulo.

Palavras-Chave: Noite. Corpo. Prazer. Prostituição.

RÉSUMÉ

Ce travail analyse la bohèmie et la prostituition à Teresina dês années 30 jusqu' aux années 60, correpondant au momment dans lê quel lê processus d´urbanisation s´est intensifié em raison de certaines politiques d´Et at dressées à la modernisation, La ville est considérée comme lê *lócus* d´une trame sociale urbaine, dont la tresse se produit par moyen de divers types de rapports qui s´installent entre lês individus d´identités subjectives qui agent à la nuit em demandant lês plaisirs, em tenant la signification dês endroits em même temps que ces endroitws prenment signification. Dans cette visions, lês spaces nocturnes avec sés permissions de lassitudes sont visibilisés, ainsi que lês plaisirs illicites et lês corps perfides soul la vision sociale, clinique et morale.

Mots-Clef: Nuit. Plaisir. Bhoèmie. Prostituition.

Não é a grande política,
nem os grandes acontecimentos
da História oficial que me atraem para a captura
do espírito do tempo e a essência de uma época...
(**Alcir Lenharo**)

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Dolores Duran..... 35
Foto 2 – Pça Rio Branco 40
Foto 3 – Pça Pedro II 43
Foto 4 – Clube dos Diários 46
Foto 5 – Bar Carnaúba 49
Foto 6 – Centenário de Teresina 71
Fotos 7 – Teresa Tajra 73
Foto 8 – Teresinha Vilarinho 74
Foto 9 – Teresinha Alcântara 75
Foto 10 – Filme Boêmio Encantador..... 102
Foto 11 – Rua Paissandu 117
Foro 12 – Toinha 122
Foto 13 – Mª Tijubina e seu Companheiro..... 123
Foto 14 – Assucena 128
Foto 15 – Gerusa Santos..... 132
Foto 16 – Representação do Corso..... 134
Foto 17 – Gerusa e Portela 146
Foto 18 – Francisquinha 149
Foto 19 – Francisquinha e suas meninas 151
Foto 20 – Gerusa 158
Foto 21 – Santa Casa de Misericórdia..... 169
Foto 22 – Dr. Jarbas de Sousa 169

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Demonstrativo de doenças venéreas 163
Tabela 2 – Demonstrativo de doenças – Relatório SCM – 1942 164
Tabela 3 – Relatório de Doenças/Mês – Relatório SCM – 1943 165
Tabela 4 – Procedimentos médicos – SCM. 166
Tabela 5 – Outros procedimentos médicos 166
Tabela 6 – Amputações 167
Tabela 7 – Doenças Venéreas – demonstrativo por sexo 171
Tabela 8 – Fórmula Química 178

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 A CIDADE NOTURNA 19
2.1 O lúdico da noite 23
2.2 Lugares na Noite 36
2.3 O Perigo na Noite 52

3 CORPOS VIGIADOS 60
2.1 Diversão Vigiada 61
2.2 Corpo e Honra 77

3 O CIRCUITO DO PRAZER 90
3.1 A Boemia 91
3.2 De Zona em Zona 103

4 OS CORPOS PÉRFIDOS 155
4.1 Doenças do Mundo 155
4.2 O que fazer 169

CONCLUSÃO 173

BIBLIOGRAFIA 176

ENTREVISTAS 182

1 INTRODUÇÃO

A História Social voltada para o campo da cultura, das relações de gênero, das cidades e de outras especialidades do conhecimento histórico, aponta para um conjunto de possibilidades de apreensão e interpretação da experiência humana nas diversas dimensões do social. Historicizar uma cidade, a partir de suas opções de lazer, dos seus espaços marginais e dos tipos de relações que se estabelecem entre seus frequentadores é penetrar numa história subterrânea; é dar lugar e voz a sujeitos sociais anônimos e marginais cuja abordagem na historiografia brasileira começa a emergir somente a partir das duas últimas décadas do século XX. É colocar em discussão um conjunto de fatores voltados para a compreensão dos costumes, das concepções normativas, das transgressões e das sanções sociais. Aliás, no atual estágio da história da humanidade, a produção do conhecimento histórico abdicaria a sua função libertadora se nós, historiadores, continuássemos a nos reportar às esferas política, econômica, social e cultural apenas na perspectiva das elites, negligenciando a história dos lugares e dos sujeitos marginais. Nesse sentido, a História que nos interessa apresentar é a dos sujeitos anônimos e indesejáveis, vista de baixo, cuja trama se desenrola não somente nos clubes, nos cinemas e nas praças, mas também, nas ruas escuras dos subúrbios, nos botequins e nos prostíbulos.

Teresina, dos anos 1930 a 1970, vive um processo de crescimento urbano impulsionado pela ideia de modernização e pela economia extrativista que possibilitou uma maior circulação monetária, aumentando o consumo e gerando receitas tributárias que permitiram ao governo a realização de algumas obras de infraestrutura urbana. No entanto, a cidade continuou com aspectos provincianos: pequena, sem muitas opções de lazer e uma sociedade de comportamento marcado por tabus e preconceitos.

Os cinemas, as retretas na Praça Rio Branco, os passeios na Praça Pedro II, os encontros nos bares e cafés e as tertúlias no *Clube dos Diários* eram algumas das opções de lazer e formas de entretenimento noturno dos teresinenses. Mesmo não havendo uma segregação social, legalmente instituída, a população mais pobre se divertia também, mas em outros ambientes, marcados pela simplicidade, como os festejos religiosos e quermesses em diversas igrejas católicas bem como as festas em clubes populares, como a *União Artística*, o *Botafogo*, o *Teresinense* e o *Automóvel Clube*.

Dentre os espaços de entretenimento, não se podem excluir os territórios de prostituição, considerados zonas boêmias, a exemplo da *Paissandu* e *Morro do Querosene.* Ainda que vistos pela sociedade como espaços marginais, estes e outros se constituíam em opções de lazer para a população masculina jovem e adulta, que buscava prazeres noturnos, através da prática de relações ilícitas.

Observa-se que, nesse período, o espaço urbano torna-se, cada vez mais, fragmentado pelas múltiplas relações sociais decorrentes das demandas de seus habitantes articulados por um processo social marcado por fatores de ordem política, econômica, moral e religiosa, contendo no seu interior agentes transgressores e indesejáveis: os desclassificados, os pervertidos, os pecadores. Suas condutas podem afrontar a moral e os bons costumes, ou serem socialmente relativizadas, como no caso de adultério masculino e da prática da prostituição. Ao primeiro, diz-se que é "normal" todo homem trair a esposa e que tal conduta faz parte da identidade masculina; ao segundo, diz-se que é um mal, mas um mal necessário em todas as sociedades.

Cartografar a noite e a tessitura das conexões estabelecidas entre os diversos sujeitos, bem como os seus corpos que se articulam em busca de prazer, foi o que nos motivou a realizar esta pesquisa, dada a riqueza e a complexidade da trama de agentes históricos transgressores. Procuramos lidar com dois problemas, porém interligados: as cartografias dos territórios, preferencialmente noturnos, e os tipos de relações que se estabelecem entre seus agentes, significando os espaços e sendo por eles significados.

O *flerte* na praça Pedro II, os jogos de sedução que terminavam em defloramento e processos-crimes, o *bulinamento* no escuro, os "segredos" de alcovas, os simbolismo dos corpos e as "*doenças do mundo"* são pontos de partida e de captura de corpos libidinosos que recorrem à noite, na praça, nos cinemas, nas ruas ou nos cabarés, movidos pelo desejo de prazeres transgressores. Esse conjunto de práticas lícitas e ilícitas que envolviam diferentes sujeitos é abordado tendo por base os diferentes tipos de conexões que se estabeleciam entre eles em busca do prazer.

O tempo histórico escolhido e cronologicamente demarcado, de 1930 a 1970, deve-se ao fato de ser nesse período que a *Paissandu e o Morro do Querosene* se constituíram como as duas maiores zonas boêmias e de prostituição de todos os tempos, em Teresina. Mas como construir numa história de um tema tão abrangente, que não se reduza à descrições dos espaços urbanos, bem como de seus agentes de condutas indesejáveis e transgressoras?

Nessa perspectiva, foi imprescindível a recorrência teórica sobre a construção das identidades de gênero (masculino/feminino), consciente de que a compreensão de diferentes modos de viver implica também o entendimento de diferentes concepções de homem e de mulher no interior de cada sociedade. As identidades de gênero entendidas como construções sociais fundamentadas na cultura são, portanto, históricas, se produzem em relação e na relação de um com o outro, de acordo com as concepções de masculinidade e feminilidade definidas no interior de uma mesma sociedade, conforme a classe, a religião, a idade etc., ou seja, o *gênero* "oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais consignados às mulheres e aos homens".[1]

O corpo é um terreno propício a esse tipo de investigação. Portanto, a noção de corpo com seus simbolismos será o fio condutor gerador das análises que devem compor todo o trabalho, com o objetivo de mostrar fragmentação do corpo social, a partir da relações de seus sujeitos, como se veem, como se articulam, como se representam. Tomaremos por fundamento o pensamento do antropólogo e sociólogo David Le Bretton.

Recorremos ainda a outros conceitos que iluminaram nossa leitura do universo social em foco e através do quais procuramos operacionalizar a análise e a nossa interpretação histórica: *Poder e Sexualidade*, de Michel Foucault; *Honra sexual*, de Sueann Caulfield; *Lugar e não-lugar*, de Michel de Certeau; *Subjetividade, e Corpo sem Órgão.* Recorri ainda a Margareth Rago para operacionalizar melhor o conceito de *prostituição*, na perspectiva moral, jurídica e social; e, a Magali Engel na concepção de corpo, social e moralmente doente. O *prazer*, como a questão central que atravessa todo o corpo do trabalho, não é apresentado como um conceito fechado, aplicável objetivamente a todas as situações que expressam realizações de desejos, mas como "uma sensação complexa, subjetiva e que varia em função de cada conjuntura."[2] São prazeres não somente corporais, mas também psicológicos e afetivos, que se expressam de forma subjetiva, no plano individual e no coletivo.

Utilizamos uma documentação diversificada, quantitativa e qualitativamente substancial: jornais, fontes bibliográficas do gênero historiográfico e literário; crônicas literárias, poesias e letras de músicas; folhetins informativos; inquéritos policiais e processos-crimes; relatórios oficiais da Santa Casa de Misericórdia de Teresina e do Centro de Saúde Estadual; e entrevistas orais. Vale ressaltar que, embora se tenha recorrido à técnica da história oral, não se intencionou

[1] SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. 1990, p. 7
[2] GUTIERREZ, Gustavo Luís. *Lazer e Prazer – questões metodológicas e alternativas políticas.* 2001, p. 14

escrever o trabalho a partir da história de vida dos entrevistados. A recorrência a depoimentos de alguns homens e mulheres funcionou como fontes de informações, das quais foram extraídos elementos informativos importantíssimos na "recomposição" do universo social noturno voltado para a boemia e a prostituição teresinenses desse período. Os entrevistados foram protagonistas ou expectadores de várias tramas dos territórios do prazer. Alguns, entretanto, embora não se reconhecendo como sujeito nas várias histórias relatadas, não conseguiram ocultar que, em alguns momentos, enquanto falavam de outros sujeitos, na realidade falavam de si. Outros, porém, como *Gerusa e Maria Tijubina,* não somente falaram de si, sem nenhum constrangimento, como deixaram transparecer um certo orgulho das suas histórias de vida.

Diz Bosi que, "quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensiblidades de uma época". [3] Foi por essa razão que procurei capturar, através das falas dos entrevistados, aquilo que a escrita não revela. Mesmo a história oral, quando transformada em texto escrito, oculta muitos elementos que expressam maiores sensibilidades e emoções, através de gestos, risos, voz embargada, suspiros profundos, lágrimas etc., que ajudam o entrevistador a compreender melhor, pelo menos do ponto de vista emocional, o que esses elementos representam, no contexto do discurso do depoente.

Não se pretende, contudo, dizer que a história oral seja mais importante que a história escrita e oficial; ao contrário, é considerada, em determinadas circunstâncias, um instrumento "perigoso", em face da dimensão passional contida em cada depoimento, necessitando, às vezes, recorrer-se a dados oficiais para enquadrá-la à realidade, enquanto verdade histórica. Entretanto, "a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios "[4] É através do instrumento da história oral que se podem capturar as melhores informações, emitidas com emoção e sensibilidade, imprescindíveis à análise e interpretação da história de muitos grupos excluídos e marginalizados. Torna-se uma história "proibida" e "clandestina," como a da boemia e prostituição.

A história que ora apresentamos é uma história aberta, que não se processou através de um único método ou de uma só teoria, mas que recorreu às várias formulações teóricas e metodológicas de diversos autores, conforme a necessidade de tornar mais inteligível o conhecimento em torno de um passado recente de Teresina, até então negligenciado pelos

[3] BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória – Ensaios de Psicologia Social.* 2003, p. 17
[4] BOSI,, 2003, p. 15

historiadores. Os mais pudicos, certamente, chamarão de história "marginal," vista de baixo, em oposição à história "oficial" focada na trama das elites.

O acesso a testemunhos individuais e marginalizados não é difícil, depende da sensibilidade e do compromisso do historiador em querer fazer emergir dos claustros da história os sujeitos indesejáveis, discriminados e marginalizados nas abordagens historiográficas feitas a partir do papel das elites. Foram por muitas décadas negligenciados sujeitos como os loucos, os bandidos, as crianças, as mulheres e os homossexuais. Embora a influência da História Nova no Brasil tenha se iniciado ainda na década de 1970, no Piauí esse novo olhar só começou a ocorrer a partir da década de 1980, com algumas obras como Os Literatos e a República (Teresina Queiroz), Cotidiano e Pobreza (Mafalda), A Cidade sob o Fogo (Alcides Nascimento) e Mulheres Plurais (de Pedro Vilarinho).

Ainda na década de 1980, quando Michelle Perrot se indignava dizendo que era possível uma história das mulheres, não questionava apenas a historiografia produzida a partir da ótica de um único sujeito universal. Questionava também se "existiria uma maneira feminina de se fazer / escrever a história radicalmente diferente da masculina E, ainda se existiria uma memória feminina."[5] Por algum tempo algumas historiadoras pensaram assim e produziram uma história das mulheres feitas por mulheres e para serem lidas preferencialmente por mulheres. A leitura da realidade apenas no feminino colocava a mulher como sujeito e objeto de uma leitura do social que vitimava sempre o sujeito feminino. E, assim, os estudos produzidos abordaram uma história das mulheres mais e mais no campo da política e do trabalho.

A emergência das abordagens de gênero como categoria de análise histórica ,afirmava Joan Scot[6] para a ideia da relação, mostrando que os sujeitos se produzem em relação e na relação. Os estudos de gênero, entretanto, não se voltaram para as classes inferiores da sociedade. A dificuldade existe diante da realidade do registro da memória ser mais frequente nas classes medias e superiores. São elas que são mais relatadas nos jornais, ou são delas o maior manancial de fragmento de registros que possibilitam interpretar suas relações no seu dia a dia.

A memória das prostitutas, se não for através das crônicas policiais, só é possível recorrendo-se à história oral, uma técnica nesse sentido vulnerável a vários tipos de criticas, como, em se tratando de sujeitos de baixo nível de escolaridade, não se pode deixar de pensar nos diferentes níveis de introspecção de cada depoente. O recurso da história oral foi num primeiro

[5] RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar.* 1980. p. 22.
[6] SCOT, Joan. Iem, ibid.

momento da historiografia piauiense, a partir dos anos de 1980, para preservar a memória de personalidades de destaque do mundo político e da vida social do Piauí. Entretanto, é pela memória de sujeitos anônimos da história que, também, tem se buscado compreender e interpretar traços reveladores de passado submerso e protagonizado por sujeitos históricos como as prostitutas, madames de cabarés como Gerusa, Maria Tijubima, Francisquinha e tantas outras.

A prostituição, como fato social produzido no interior da sociedade, tem o seu formato e suas características modificadas a partir de elementos de ordem cultural que alteram os costumes e os olhares sobre as mais diversas práticas sociais transgressoras. Como objeto de pesquisa, tem gerado uma série de estudos nas áreas das Ciências Sociais, mas quase sempre sendo abordado como uma prática unilateral e a prostituta um sujeito marginalizado, focando-a apenas pelo viés da infelicidade, remetendo todas as clivagens e estereótipos gerados no âmbito do senso comum à construção da identidade social da prostituta. Porém as que aqui são abordadas não se veem como vitima da sociedade; ao contrário, orgulham-se, cada uma, de sua história de vida.

Constitui-se de quatro partes, com conteúdos distintos, articulados pela problemática do prazer, tendo o corpo como fio condutor e, também, como território de representações de diversos significados que lhes são adjetivados, do ponto de vista ético, estético, moral, religioso e pecuniário.

No primeiro capítulo, *A Cidade Noturn*a, Teresina é abordada, inicialmente, na perspectiva lúdica. A representação da noite é enfocada como espaço da boemia em oposição ao *dia* como espaço do trabalho. A noite é concebida como um tempo lúdico, do descanso, do ócio e do prazer, através do qual a cidade torna-se um lugar encantador, sedutor e alegre, mas também em lugar perigoso: do pecado, do erotismo, próprio dos amantes, onde homens e mulheres, através de diferentes tipos de lazer noturno, assumem identidades transgressoras em busca de prazeres ilícitos.

No segundo capítulo, *Corpos Vigiados*, faz-se um levantamento dos territórios de lazer e entretenimentos, focando a vigilância dos corpos a partir das concepções de moralidade, liberdade e interdição nos comportamentos sociais., bem como o corpo feminino como território de construção de honradez.

O terceiro, *O Circuito do Prazer*, faz um mapeamento dos territórios da prostituição, mostrando como Teresina nesse período tem seu perímetro urbano marcado por um conjunto de estabelecimentos de prostituição, formando uma espécie de cinturão em torno do centro da cidade, considerado um lugar de lazer e entretenimento sadios, de comportamento ordeiro e

relações lícitas. Enfoca, principalmente, a *Paissandu* e o *Morro do Querosene* como as duas maiores zonas boêmias, onde meretrizes e clientes, cafetões e cafetinas, gigolôs, jogadores, bêbados e outros sujeitos de condutas transgressoras, se subjetivavam, assumindo identidades diversas, estabelecendo entre si diferentes tipos de conexões, produzindo uma tessitura que constituía o submundo da boemia e da prostituição. Todos esses lugares estavam interligados pelas práticas transgressoras de sujeitos notívagos que, como num circuito, se articulavam em busca de diversos tipos de prazer.

O quarto e último capítulo, *Os Corpos Pérfidos,* mostra que dos prazeres da noite, praticados na zona, resultava também uma dimensão violenta das relações pessoais, que provocava suicídios, assassinatos e até autoflagelo. E que as precárias condições sanitárias da maioria dos prostíbulos, bem como o conhecimento limitado dos cuidados de si, adotando medidas de profilaxia contra doenças sexualmente transmissíveis, produziam corpos pérfidos, que a moral vigente associava à prostituição, à perversão e à libertinagem. O corpo como um território de significações diversas é analisado sob o ponto de vista clínico e moral.

É noite, a cidade dorme.
Não, não é verdade;
a cidade não dorme,
não cochila, não para.
Ela está permanentemente acordada
atenta, vigilante.
(Aury Lessa)

2 A CIDADE NOTURNA

Quando a noite cai, a cidade se transforma. A luz é substituída pela sombra possibilitando a percepção de distintos processos da trama social urbana. A cidade, na sua constituição, tem múltiplas faces, dentre elas, a diurna e a noturna, das quais não se deve prescindir quando se busca entendê-las enquanto *locus* de relações sociais diversas, ambíguas e contraditórias que exprimem temporalidades recheadas de memórias e significações. Compreendê-la, só é possível a partir do "entendimento de modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e de se divertir dos moradores que, com suas ações, estão empregando e construindo uma cultura urbana".[7]

O conceito de *dia* como unidade de um sistema de mensuração do tempo, vincula-se à duração de 24 horas. Entretanto, é raro conceber o *dia* aliado à *noite*, pois não relacioná-lo em oposição a ela é não captar a ambiguidade do conceito, constituído de luz e sombra. É como se a noite fosse excluída das múltiplas relações estabelecidas na cidade ou como se as relações sociais noturnas não fossem tão importantes quanto as diurnas para a compreensão de sujeitos sociais que se articulam, constroem e ressignificam espaços urbanos de acordo com suas demandas, processando temporalidades de dias e noites. É mesmo típico das sociedades modernas associar *dia* à ideia de esforço, trabalho e negócios, e *noite,* à de ócio, descanso e lazer.

Teresina teve, entre as décadas de 1930 a 1960, crescimento impulsionado pela economia da cera de carnaúba e da amêndoa de babaçu, cujo extrativismo já ocorria desde as primeiras décadas do século XX. Observa-se, no período, uma intensificação do processo de urbanização e considerável crescimento populacional não somente da capital, mas também de outros municípios do estado, tanto que em 1950 Parnaíba contava com 30.174 habitantes, Floriano com 9.101 e Teresina com 51.418. O Piauí, entretanto, continuava com a maioria da população concentrada na zona rural, já que, de um total de 1.045.696 habitantes, 87% residiam fora dos centros urbanos,[8] quadro esse cuja inversão só aconteceria nos primeiros anos da segunda metade do século XX.

Com o crescimento da população e o aumento da arrecadação tributária a partir de 1940, setores da sociedade, sobretudo os mais instruídos, pensaram um projeto de modernização para a capital, de sorte que, segundo Nascimento,

---

[7] FENELON, Déa Ribeiro., *Cidades.*1999., p. 6.
[8] DOMINGOS,NETO, Manuel *et tal*; *Piauí: Evolução, Realidade e Desenvolvimento: 2002.*

> A cidade recebeu tratamento urbano, novas áreas de sociabilidades, além de transportes modernos, sendo tudo isso valorizado no discurso oficial. Teresina é transformada em uma cidade moderna. Desse modo alguns símbolos da modernidade foram sendo incorporados no cotidiano da cidade e de seus habitantes. [9]

Houve, desde a década de 1930, melhoramentos e expansão das redes de energia elétrica e de abastecimento de água. Algumas ruas foram pavimentadas, sendo que o telefone, um dos símbolos da modernidade, já se instalara no primeiro decênio do século XX, passando, a partir de 1937, a funcionar pelo sistema automático, com rede ampliada. Mas na década de 1950 tornou-se ineficaz para atender a demanda da população, além de ser de péssima qualidade. Era o que denunciavam alguns jornais, como *A Cidade,* em matéria do dia 9 de Novembro de 1951, dizendo que 'O serviço telefônico de Teresina é atualmente o pior em funcionamento em todo o Brasil".[10] Responsabilizou-se o então interventor do Estado, Leônidas de Castro Melo, por ter autorizado a montagem de uma central de apenas 500 [11] aparelhos quando a nossa capital tinha a capacidade para 2 mil telefones, naquele momento.

O processo de crescimento da cidade era, para época, um tanto acelerado. Formava-se um novo vetor de urbanização no sentido centro-leste, cujo eixo central era a Avenida Frei Serafim onde foram edificados vários prédios de dois pavimentos, cumprindo o que recomendava as posturas municipais em vigência. Eram edificações em estilos arquitetônicos neoclássico e moderno, alguns para residências, outros para abrigar instituições públicas. São exemplos de arquitetura épica na capital do Piauí, o *Colégio Sagrado Coração de Jesus,* conhecido como Colégio das Irmãs, (1927) e o *Hospital Getúlio Vargas* (1941), além do prédio da *Estação Ferroviária*, construído na década de 1920, e o prédio do *25º Batalhão de Caçadores*, de estilo francês, inaugurado em 1930, bem como a P*onte Metálica João Luís Ferreira*, inaugurada em 1939, ligando Teresina a Timon. Todos são exemplos de arquitetura e engenharia arrojadas, para os padrões da época

Entretanto, os teresinenses reclamavam de deficiência em vários serviços públicos como transportes, sanitarismo e infraestrutura, além da falta de calçamento e praças, bem como de eventos programados para o Centenário da cidade. O que se tentou foi uma espécie de "maquiagem" da cidade, com a retirada dos mendigos das ruas e a incrementação do Concurso de Rainha do Centenário da cidade. Os habitantes de Teresina já eram acostumados às misérias da

[9] NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A Cidade sob o Fogo*, 2002, p. 19.
[10] Jornal *A Cidade*, Edição do dia 9 de novembro de 1951; p. 4
[11] Idem; idem.

cidade, mas essa situação também causava estranhamento ou surpresa naqueles que vinham de outros lugares, a passeio ou tratar de negócios na capital piauiense. Era muito grande a quantidade de mendigos que infestavam "as nossas ruas, nossas praças, os cafés, os bares, enfim que transitam todos os lugares onde a misericórdia humana possa minorar-lhes os sofrimentos com alguma esmola, dada pelo amor de Deus" [12]

Reclamava-se que a cidade, com quase 80 mil habitantes, às vésperas de seu primeiro centenário, tornara-se recordista no Brasil na deficiência de pavimentação. Eram pavimentadas apenas cerca de sete ruas. "O resto é areia, barro, pó e lama, martirizando uma população que bem merece um tratamento melhor".[13] Protestava-se ainda do abastecimento deficiente e de um sistema de transporte coletivo precário.

Mesmo entre o centro da cidade e o limite do perímetro urbano, existiam muitos espaços ociosos tomados pelo mato tal como aquele para o qual os moradores da rua Santa Luzia e adjacências, no ano de 1952, exigiram providências do setor público em relação ao mato crescido que tanto servia de abrigo a salteadores, como a "casais em amores escusos. Que especialmente das imediações da av. Maranhão na altura da av. Joaquim Ribeiro, por falta de policiamento, ser utilizado por indivíduos irresponsáveis na prática de atos atentatórios à moral".[14]

O *Jornal do Comércio*, em sua coluna *Verdade*, cobra do governo municipal o fato de já terem transcorrido quatro meses do engavetamento de uma reivindicação contando de 148 assinaturas com representação de todas classes profissionais. O documento fazia um apelo para que providências fossem tomadas em relação à praça Rio Branco, às vésperas do centenário da capital. "Abandonada pela elite e frequentada apenas por elementos afrontadores do pudor público. O substancioso apelo, evidencia, ainda, a ausência de trato, no piso, na jardinagem, nas podações, enfim, em tudo quanto de fato ela precisa". [15]

O cinema, uma das opções de lazer da população local, já instalado desde 1901, com os novos recursos tecnológicos, dá um salto qualitativo, quando, em 1933, os irmãos Alfredo e Miguel Ferreira inauguraram o primeiro cinema falado de Teresina, situado nas dependências do *Teatro 4 de Setembro*. Em seguida, foram estabelecidas outras casas do gênero: *Cine-Teatro Olímpia*, *Cine Rex* e *Cine Roya*l

[12] Jornal *A Cidade*, Edição do dia 23/11/1951, p. 4 .
[13] Idem, 23/10/1952; p. 4
[14] *Jornal do Comercio*,1952; p. 1
[15] *Jornal do Comércio*, 1952; p. 1

O bonde, outro símbolo de modernidade, instalado pela *Intendência Municipal* em 1927, foi desativado em 1930 no centro da cidade. Em compensação, nessa década Teresina ganhava a sua primeira empresa privada de transporte coletivo urbano e entrava também na era da aviação, com a chegada de aeronaves da *Esquadrilha da Marinha*, embora a regularização desse meio de transporte, que encurta as distâncias, só viesse de fato a ocorrer nos anos de 1940.

A educação, como em qualquer sociedade, foi fundamental para o desenvolvimento, principalmente no que diz respeito a novos comportamentos e sociabilidades. O ensino público tinha no *Liceu Piauiense* e na *Escola Normal* as suas maiores referências, e o privado era bem representado pelo *Colégio São Francisco de Sales* (Diocesano) e o *Colégio das Irmãs*, escolas confessionais fundadas no início do século XX. O ensino superior iniciou-se com a Faculdade de Direito, em 1931, e foi ampliado a partir de 1958, com a *Faculdade de Filosofia (FAFI)*, criada pela Diocese de Teresina, sob o comando de D. Avelar Brandão Vilela, em 1958.[16]

Em relação ao sistema de comunicação, embora a radiodifusão tenha sido uma invenção da década de 1920, a primeira emissora de rádio no Piauí só veio a ser instalada na década seguinte, em Parnaíba, com o nome de *Rádio Educadora.* Em Teresina, a primeira experiência de radiodifusão ocorreu com a instalação da *Rádio Difusora*, em 1948, a qual deu uma grande contribuição à sociedade como meio de comunicação de massa e forma de entretenimento.

> Atendida pelo prefixo ZY´Q-3, a Difusora operava em horários alternados, compondo uma programação [...] musical intercalada com matérias jornalísticas para a sociedade. Além destes, transmitia programas que exploravam temáticas populares, voltadas para os problemas da comunidade local . [17]

Apesar dos elementos apontados, aqui tomados como um conjunto de transformações da modernidade, observa-se, entretanto, que eles não imprimiram um processo de grandes transformações nos modos de viver e conviver dos teresinenses. Era visível a permanência de vários costumes, alguns percebidos apenas a partir do anoitecer, demonstrando aspectos de uma sociedade ainda pequena. Daí, inferir-se que "a importância de uma cidade reside em tudo que o tempo e a complexidade da vida social não conseguiram destruir durante os anos"[18] de modo que

---

[16] CARDOSO, Elizangela Barbosa.*Múltiplas e Singulares,* 2004.

[17] LIMA, Nilsângela Cardoso. Z-Y Q-3: da primeira rádio Teresina nunca esquece. IN: Santos Neto, Antonio Fonseca (org.) *Teresina – 160 Anos.* 2012, p. 166

[18] MAGALDI, Cássia Regina Carvalho de. Entre o pensar e fazer arquitetura em Salvador na virada dos séculos XVIII e XIX. In:FENELON, Déa Ribeiro.(org.). *Cidades.*1999, p.30

é ela vista e compreendida a partir e através dos costumes e normas de convivência social, bem como dos lazeres e descanso que fazem a cotidianidade dos habitantes.

2.1 O lúdico da noite

O crescimento e a complexidade da cidade não tiraram de seus habitantes a coesão social, lúdica e noturna, visível a partir do anoitecer até ao romper da aurora. Aliás, a representação da noite associada à ideia de descanso, ócio e prazer está relacionada à positivação e não à negativação, como ocorre quando o olhar sobre o dia se associa ao trabalho. Diz o cronista A. Tito Filho:

> Era bom. Conheci os anos trinta de Teresina e deles guardo queridas recordações. Tempos sérios. As famílias viviam nos lares verdadeiros, nos quais predominavam afeto e reciprocidade de alegrias e sacrifícios. Os homens trabalhavam de manhã e de tarde. As mulheres cuidavam da criançada, da roupa, dos remédios, e dirigiam a culinária. Noites aprazíveis, reuniam pais, mães e filhos na roda da calçada em palestra alegre das visitas. Servia-se o cafezinho e às vezes se tomava um bom refresco. Meninos e meninas tinham estudos matutinos e vespertinos. Rapazes e moças frequentavam a bem cuidada praça Rio Branco, de árvores enormes para passeios e namoros. Nos domingos, descanso geral, cinema familiar concorridíssimo. A primeira obrigação dominical estava na missa. [...] Parece que todos compunham uma única classe social, classe média. Inexistiam ricos. Baixinho o custo de vida. Era bom. Época em que a gente pediam benção aos pais e aos padres. [19]

Sentar-se à porta da rua ou no terreiro depois do jantar, ao anoitecer, era hábito comum de parcela significativa da população teresinense. Membros de uma mesma família, com alguns vizinhos, deleitavam-se em conversas amistosas sobre o dia a dia, a vida dos outros e a rotina da cidade, sendo que em algumas residências com suficiente iluminação formavam-se mesas de jogos de baralho ou simplesmente, em algumas épocas do ano, esperava-se a chegada da *cruviana,* algo marcante no cotidiano de muita gente que de sua memória não deve apagar. A propósito, a escritora Nerina Castelo Branco. escreve:

> - Catarina vai chover! Tira roupa do sol!
>
> Hoje, vai ser noite de cruviana...
>
> Quem não dormir cedo, vai se ver com a cruviana. Cuidado!
>
> A imaginação infantil começou a trabalhar. Que diabo era cruviana?

[19] TITO FILHO, A. *Seriedade.* Jornal O Dia. 232/07/1989.. p. 4.

> O que seria?
>
> - Mamãe o que é cuviana?
>
> - Cuviana não, filha. Cru, cruviana. Aparece em noite de chuva. Vês aquela nuvem branca, carregadinha dágua? Ela e outras nuvens vêm a frente da cruviana. Ela porém só chega à noite. De dia, o sol não deixa aparecer. Por isso, ela só vem com a chuva e sempre à noite.
>
> - Mamãe a cruviana é uma Princesa? Vestida de ouro?
>
> [...]
>
> - Boba! A cruviana é frio, este friozinho que chega, com a chuva. Embrulhe-se bem! Hoje é noite de cruviana...[20]

Teresina, como se percebe nos discursos escritos e orais, sempre teve uma imagem metaforicamente associada à feminilidade. A *cruviana*, nesse sentido, representava um perigo não apenas climático, mas também uma ameaça aos corpos puros e imaculados das meninas, os quais exigiam cuidados. A *cruviana* era, assim, um pretexto para chamar a atenção daquelas crianças sobre a "necessidade" de protegerem os corpos, preservando-lhes a candura e não os expondo a outras pessoas, em uma espécie de culto à pureza, idealizada pelas mulheres, visto que a nudez deveria ser evitada a todo custo. O corpo diante dos outros, principalmente dos homens, deveria ser protegido por todo tipo de cobertura, saiotes e botões. É como se dissesse: *feche-se, cubra-se! Embrulhe-se bem! Preserve o que você tem de precioso!* A *cruviana* poderia ser um malefício trazido pelo perigo da noite, mas, sob um ponto de vista climático, não passava de uma queda de temperatura acompanhada de certa ventilação, o que alterava, nas noites de determinados meses do ano, a sensação térmica, provocando uma certa friagem.

As crianças viviam quase uma rotina de jogos infantis noturnos cujo ludismo amalgamava umas às outras. As brincadeiras imprimiam entre elas, ainda que circunstancialmente, relações de poder, obediência e solidariedade, demarcadas por um discurso que desde cedo lhes definia os papéis sexuais. Dessa forma, mesmo analisando os jogos infantis na perspectiva do prazer e do ludismo, a criança deve ser vista como pessoa e sujeito de um processo histórico[21] com identidades múltiplas que têm início no processo de socialização desencadeado na infância.

A *brincadeira de roda* era, dentre outras, uma prática exclusiva do sexo feminino, e o *bombaquim*, o *casamento chinês*, a *boquinha de forno e* o *balacondê* eram de composição mista, com participação simultânea de meninos e meninas. Às vezes sentavam-se em volta de uma

[20] CASTELO BRANCO, Nerina. *Cruviana*. 1979, p.19 – 10.
[21] ÁRIES, Phelipe. *História Soaial da Criança, e da Família.* 1981

pessoa adulta para ouvir *histórias de trancoso*[22] as quais as faziam transcender a realidade para um mundo de fantasia que povoava a mente com personagens míticos como *reis, rainhas, fadas, bruxas, Gata Borralheira, Gato de Botas, Pavão Misterioso, Cinderela, Caipora, Mãe D´Agua, Saci Pererê, Cabeça de Cuia, Num-se-pode, lobisomem*, etc. Cenas bucólicas que envolviam castelos encantados, precipícios e lutas entre personagens que representavam o bem e o mal. Havia costumeiramente uma princesa, filha de um rei tirano ou que sofria nas mãos de uma madrasta invejosa e má, e quase sempre terminava com um heroico cavaleiro vivendo as aventuras para resgatá-la. Por fim, o herói casava-se com a princesa e viviam felizes para sempre. Dependendo da narrativa do contador(a) de histórias (pais, avós ou outra pessoa idosa), cada criança criava imagens lúdicas, bucólicas, românticas e cômicas que, certamente, fixavam-se em suas mentes para o resto da vida.

Por força da tradição, junho tem sido um dos meses do ano mais festejados em Teresina, com celebrações religiosas, folguedos, danças e leilões. No catolicismo, "Santo Antonio, São João e São Pedro, os padroeiros do mês, trazem um mundo de esperanças e de divertimento" [23] realizando-se novenários, procissões e quermesses, acompanhados dos folguedos mais populares, não só na capital, mas em todo o Piauí, como o *bunda-meu-boi* e as *quadrilhas*, com quase todas as residências com fogueiras em torno das quais se reuniam, em várias brincadeiras, famílias, vizinhos e amigos. A noite era, nessa perspectiva, o tempo fáustico de muitas práticas, quando o sagrado e o profano se confundiam num sincretismo de domínio popular.

> As crianças divertiam-se tocando fogos apropriados – traques, sete-estalos, bichinhas, canutis, fósforos-de-cores e outros. Os adultos saltavam fogo, numa aliança de parentesco e de amizade, sob títulos de primos, sobrinhos, afilhados e compadres ou, então, com outras designações ou pretextos como "meus cuidados", "minha rosa", "meu alecrim"...[24]

Os juramentos eram feitos com os supostos testemunhos dos santos do mês, proferidos com as mãos dadas e pulando sabre os tições por três vezes consecutivas, alternando-se as posições dos juramentistas. Existiam várias formas de saltar ou passar fogo:

> Santo Antonio disse
> São Pedro confirmou,

---

[22]. "Isto é história de Trancoso" era o mesmo que dizer "isto é mentira". Algo que era fantasioso demais para ser verdade. Mas o sentido irreal da expressão surgiu quando o escritor português Gonçalo Fernandes **Trancoso,** em 1975, publicou em Portugal o livro *Contos e Histórias de Exemplo,* o qual passou a ser uma referência dos contos populares. A expressão "histórias de trancoso" é muito comum em Portugal e no Brasil, passando a denominar todo conjunto de histórias populares transmitidas pela tradição oral. *(jomardital-temde tudo.blogspot.com; p.15)*

[23] SILVA, Pedro. *O Piauí no Folclore*, 1988; p.79.

[24] .SILVA, Pedro. Idem; p.81-2.

Pra nós ser compadre
Foi São João quem mandou
Viva Santo Antonio!
Viva São João!
Viva São Pedro!
Viva nós, meu (minha) compadre (comadre)![25]

Embora a tradição de *passar fogo* fosse uma brincadeira que juntava na mesma prática o sagrado e o profano, em se tratando de padrinhos (as) e afilhados (as) e de compadres e comadres, a concepção de seu conteúdo é de cunho essencialmente religioso. Os pares de juramentistas passavam a ter o respeito, a consideração e afeição, recíprocas, como se aquele juramento fosse praticado pelos ritos sacramentais da Igreja Católica, como o batismo, a consagração, a crisma ou casamento.

Esse tipo de festa mantinha uma culinária específica e diversificada. Serviam café, aluá, licores e outras bebidas, além do típico e tradicional bolo de milho e chá de burro; e doces como cocadas e quebra queixo. Comiam batatas e abóboras assadas na fogueira. A musicalidade ficava por conta de sanfoneiros, e a dança mais típica já era a quadrilha caipira. As moças realizavam algumas "experiências" sobre namoro e casamento, constituindo Santo Antonio o seu advogado nesses assuntos. O Santo era responsado,[26] tendo a imagem roubada, amarrada, enterrada de cabeça para baixo e até enfiado no caule de uma bananeira, tudo para obter um bom marido, bonito e rico, ou ao menos a certeza de que um dia iriam se casar, enquanto outras acreditavam que, se olhassem no espelho de uma bacia com água e não enxergassem o próprio rosto, no próximo São João não estariam vivas.

Tais crendices povoavam o imaginário feminino, já que entre os homens não era demonstradas, a não ser de forma discreta, porque no imaginário masculino, em face do modelo viril, não caberia tal ilação mística. Os rapazes nesse contexto eram sempre o objeto de especulação entre as moças que lhes observavam as virtudes, beleza e patrimônio, cujas crendices apelativas apontavam para um fim: obter um namorado e futuro marido de boa índole, aparência

[25]. Esse juramento de "Passar Fogo" é de domínio popular, praticado até aos dias atuais, principalmente nas cidades de menor porte e na zona rural onde a força da tradição preserva esse tipo de brincadeira nos festejos juninos.

[26] O responso a Santo Antonio para obter casamento era uma espécie de súplica pela sua intercessão rezando oração especifica para esse fim, acendendo velas e fazendo oferendas. Ou mesmo uma espécie de mandinga como amarar a imagem do Santo e colocá-la de cabeça pra baixo, por um determinado período Havia ainda aqueles ou aquelas mais radicais que chegavam mesmo a colocar um imagem pequenina do santo em um recipiente como com água misturada com cachaça. A Oração de Santo Antonio para obter casamento é a seguinte:

"Santo Antonio eu sei que o casamento é uma vocação abençoada por Deus.. É o sacramento do amor, comparado ao amor que Cristo tem para com a Igreja. Eu me sinto chamado(a) para o casamento por isto Santo Antonio, ajudai me a encontrar um(a) namorado(a) bom, amável, sério e sincero, que tenha os mesmos sentimos de afeto que eu sinto. Faze com que nos completemos um ao outro e formemos uma união abençoada por Deus, para que nós dois, juntos sejamos capazes de vencer possíveis problemas familiares e conservemos sempre vivo o nosso amor, para que nunca falte a compreensão e harmonia familiar. Santo Antonio abençoa-nos a mim e a meu namorado. Acompanha-nos até o altar e conserva-nos unidos pelo resto da nossa vida. Santo Antonio, rogai por nós". *(oracoespoderososa.info p*.2)

excelente e boa família. Tal desejo, misticamente expresso, denunciava que o projeto de vida da maioria das jovens e a realização pessoal delas como mulheres bem sucedidas passavam pelo modelo tradicional de identidade feminina vincado na sociedade, ao qual não se podia prescindir do casamento e da maternidade. Raras foram aquelas que, atingindo o grau de instrução superior, abdicaram desses dois, colocando num primeiro plano uma profissão, embora outras, mesmo com formação universitária, não abriram mão do casamento e da maternidade como elemento de realização plena de feminilidade. Procuravam, então, compatibilizar a profissão com o papel de boa esposa, dedicada dona-de- casa e zelosa mãe.[27]

Uma *noite de São João* em Teresina era muito animada, mas também diversificada. Às vezes, o lado lúdico dos folguedos quebrava-se pelo comportamento inconveniente de alguns elementos que transgrediam as normas de boa conduta nos espaços de sociabilidades. Na *noite de São João* do ano de 1954, o que seria alegria transformou-se em algo deplorável na Praça Pedro II quando o movimento estudantil programou suas comemorações para aquela mesma noite junina. Noticiou a imprensa, no dia seguinte, que ali foi a comemoração mais desenfreada na queima de fogos como traques, busca-pés, canutis e bombas. As moças, como que percebendo o que ali iria ocorrer, não apareceram. "A molecagem foi grossa. Pucha! Que já vi zuada. Todo mundo ficou zonzo. Socos, pesadas, bofetadas, "foi a granel".[28] E a Polícia ali não apareceu para, numa ação ostensiva, acabar com a confusão detendo alguns baderneiros e para afugentar os demais. Era o que esperavam as pessoas que ali se divertiam civilizadamente. Algum tempo depois, apareciam apenas dois policiais, um militar e outro da Guarda Civil, mas, segundo o Jornal Opinião, ambos embriagados[29]. Assim descreve o tabloide:

> Bêbados que nem cabaça, de cinto à mão e haja a dar camisa a todo mundo que encontrava.[...] Deram esporre até "inteirar mil e quinhentos" E a anarquia continuou, até aleijado entrou em brogue, queimaram gente, viraram tudo às avessas e ninguém tomou as necessárias providências. Isso é que se chama elite! Isso é que se chama fina flor da sociedade!!!.[30].

Tudo ocorreu em frente ao Quartel da Policia Militar, que ficava localizado na Rua Paissandu, em frente à praça Pedro II, o palco da festa e da confusão.

Mas nem tudo era desordem. Nos bairros mais populares, afastados do centro da cidade, as brincadeiras ocorriam de acordo com o espírito das comemorações. O povo mais humilde

---

[27] CARDOSO, Elisângela. *Múltiplas e Singulares*; 2004
[28] Jornal Opinião, 27/06/1954; p. 6.
[29] Idem, Idem.
[30] Idem Idem.

demonstrava melhor comportamento que os abastados. Ali a cidade não negava sua tradição de ser, verdadeiramente, a terra do *bumba meu boi*.

> O boi velho do Matadouro, como de costume foi o que mais se destacou, de lá para sair no Mafuá, foi ele que governou, empunhou o cetro, saracoteou, escaramuçou e provou por A mais B que ninguém o excede nem sequer admite rival. [31]

Este é um dos folguedos típicos dos festejos, originado a partir do ciclo da pecuária nordestina, responsável pelo processo de ocupação e fixação do povoamento do território que originou o Piauí. Naquela noite, além do Chico e sua companheira Catirina, o cortejo constituía-se de outros vaqueiros e caboclos ornamentados de penas de aves de cores diversas, enfeitados com fitas e papel de seda:

> no meio deles uma mulata já meio balzaquiana, mais bonita do que feia, parecendo uma arara (em virtude do trajo berrante) com todo o donaire que a profissão exige, fazia mais volta que uma cobra de cipó. [...] Lá se vem a algazarra. De longe se ouvia a zuada: ê boi! Fasta boi ! vai pra lá garrote ! E o boi velho fazendo o traçado.[32]

Como era a tradição, o cortejo junino saía fazendo visitações às comunidades circunvizinhas à da matriz do grupo folclórico, que era do Bairro Matadouro.[33] Chegando ao Mafuá, já próximo ao centro da cidade, encontraram-se com um *tambor*, outra manifestação folclórica dos tempos coloniais ainda praticada pelos negros de então e outros tipos étnicos, comum pela periferia de Teresina, principalmente nas imediações do bairro Mafuá.

> Negrada ruflava as caixas; e as velhas tamboreiras de saias á balão, faziam inveja a qualquer dançarina de palco. Velhas que sabem onde os cauções amalham, velhotas que tem molas no corpo. A dança dos brincantes cadenciava conforme a música, acelerando de acordo com a ritmização dos atabaques – tambor. Admirava-se "um prodigioso saracotear de quadris que chega a parecer impossível poder-se executar sem que fiquem deslocados os que a eles se entregam. O boi entrou no tambor, correu a ponta nas velhas e ficou brincando sozinho; provou mesmo que é o tal." Em termos musicais, mudou-se apenas o ritmo, mas a brincadeira continuou madrugada a dentro. [34]

---

[31] Idem , Idem.
[32] Jornal Opinião. 27/06/1954, p. 7
[33] *Matadouro* é um bairro da Zona Norte da cidade que se formou em torno do abatedouro municipal de animais que abasteciam os mercado,s de carnes diversas, principalmente a bovina. Daí, originou-se o nome do bairro.
[34] SILVA, Pedro. *O Piauí no Folclore;* 1988, p.124. Um divertimento de origem africana, ambientado ao Piauí, é a dança do *tambor*, típica, assim denominada, certamente, pelo nome do instrumento de ruído, também de origem africana, que lhe impulsiona o andamento; ele é executado em algumas zonas do Nordeste, com esta e outras denominações. Os mais destacados remanescentes da raça negra dançadores de tambor, no Piauí, foram as pretas Procópia, e as Mouras - Chica e Beliza, estas últimas, crias da fazenda Falcão, do município maranhense de Flores (Timon). O instrumental constituía-se de : tambor-onça (cuíca), tambor marcação (surdo) e tambor – mexerico (tamborim)

O *tambor*, na realidade, era uma dança com passos coreografados que incitavam os dançadores, cujos corpos gingavam prazerosamente, através de passos diversos como a *abelha-sanharó,* a *coceira, a dengue-dengue,* o *tremelique* e a *miudinha.*[35] Todos, coreografados dentro do ritmo, gesticulosamente sincronizados, sem contudo haver, antecipadamente, ensaios. O corpos suavam de tanta alegria e prazer. Era a prova de que tais manifestações populares, sejam de caráter religioso ou de caráter profano, eram praticadas, ao que tudo indica, com mais fervor na periferia do que no centro da cidade. As festas praticadas na rua como o *bumba meu boi*, ou as praticadas em casa como o *tambor,* se completavam e se amalgamavam pela satisfação e alegria de seus brincantes ao se encontrarem.

Em outros bairros periféricos como no Cabral, Vermelha, Piçarra e Cajueiros não foi diferente Quase todos os bois brincaram pela cidade até perto do amanhecer. Nas zonas boêmias, também comemoravam o São João do Carneirinho, em que preponderavam trajes sertanejos, vestidos de chitão, chapéu de palha de carnaúba, com barbicacho passado. Os salões destinados a essas manifestações eram devidamente enfeitados com bandeirinhas feitas de papel de seda, sendo que, no centro uma lâmpada acesa dentro de uma lanterna de papel encarnado, representava uma fogueira, "no terreiro uma fogueira mesmo iluminava todas aquelas imediações. Soltavam-se alguns traques mas não havia anarquia. O Santo é respeitado. Não houve brigas, não houve nada, só muita alegria e muita dança também" [36]

Outros bailes caipiras aconteciam na noite de São João. No Quartel do 25º BC, depois de comes e bebes, o campo, em que se praticavam alguns jogos como o basquetebol e o voleibol, era transformado em salão de dança. Os pracinhas 'lavaram a burra e escovaram a pata", expressão utilizada na época para se dizer que se deram bem no evento. Ali a hierarquia militar "não existia", de cabo pra cima, de cabo pra baixo, era uma alegria só. Também no *Hotel do Estado* havia baile caipira no qual as classes mais abastadas comemoravam a grande noite em homenagem ao Grande Apóstolo. E na noite do dia 28 para o dia 29 do mês, embora com menor entusiasmo, comemorava-se, também com fogueiras o outro grande Apóstolo de Cristo: São Pedro. Nesta mesma década, a partir de 1954, a colônia de pescadores do Bairro Poti Velho[37] dava início aos festejos em homenagem ao "Chaveiro do Céu", que viria a se tornar uma das mais

[35] SILVA, Pedro. Op. Cit. P. 125
[36] Jornal Opinião, Id. Idem.
[37] *Poti Velho* é o bairro mais antigo da cidade. Antecede a fundação de Teresina, em 1852. Quando o baiano José Antonio Saraiva, dois anos antes, chegou ao Piauí para presidir a Província, já existia o projeto de fundação para uma nova capital. Ele resolveu pôr em execução fundando um outro núcleo urbano que rceebeu o nome de Vila Nova do Poti, o primeiro nome da nova capital do Piauí. A então Vila do Poti passou a ser chamada de Poti Velho.

tradicionais festas católicas da capital do Piauí, com novenário, procissão e fogueiras. Barracas de bebidas e comidas típicas, misturando-se o sagrado ao profano em um clima de recíproca alegria. No coração do povo, havia também uma espécie de fogueira. Fogueira de júbilo, de prazer e, principalmente, de fé e homenagens aos gloriosos Santo Antonio,São João Batista *e* São Pedro.

Disse o historiador Monsenhor Chaves que "Teresina nasceu nos braços da Igreja Católica, isto é, na celebração de uma missa, na hora em que se lançava a pedra fundamental de sua matriz, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo".[38] Esse fato, certamente, contribuiu para as tradições religiosas, mas também para a continuidade de um modelo de família tradicional e conservadora, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade mesmo a partir da terceira década do século XX.

Era também em torno de vários templos católicos que se configuravam muitas manifestações lúdicas da noite teresinense. Eram festas religiosas em que se celebravam o sagrado, homenageando um santo ou uma santa padroeiro(a) daquele templo, mas que a dimensão profana, às vezes, superava o ritual litúrgico.

Dentre as festas religiosas dos teresinenses, as mais tradicionais ocorriam na igreja de Nossa Senhora do Amparo (padroeira da cidade), na de São Benedito e na de Nossa Senhora das Dores (catedral). Também havia, segundo Jose Lopes dos Santos, [39] festejos em várias igrejas de bairros, como a de São José (Vila Operária), a de São Raimundo (Piçarra), a de Nossa Senhora das Graças (Capelinha de Palha) e a de Nossa Senhora de Lourdes (Vermelha). Em todas se davam novenários e quermesses, com barraquinhas e leilões, algumas animadas com bandas de música, constituindo-se então um ambiente repleto de casais religiosos e muitos jovens de ambos os sexos, que faziam dos eventos um espaço adequado para um *flerte* e um futuro namoro e casamento.

As festividades religiosas não ocorriam apenas no âmbito dos templos católicos. Teresina contava com vários centros de cultos afro-brasileiros (candomblé, umbanda e terecô), os quais eram, como ainda os são, pejorativamente, chamados de *terreiros de macumba*, cujo funcionamento legal dependia de um alvará da Polícia, uma consequência do preconceito institucional herdado do Império e que se expandiu pela República:

---

[38] CHAVES (Mons.). *Teresina Subsídios para a História do Piaui.* . 1994, p.63
[39] SANTOS, José Lopes dos. *Templos Católicos de Teresina*. 1992.

> A rua silenciosa, pelo escasso movimento de pessoas e de carros, favorecia que se ouvisse, longe, lá pelos lados do Mafuá, do "Corte," e do cemitério São José, os atabaques dos tambores, que tocavam desde o começo de maio até o fim de junho, comemorando o 13 de maio..[40]

No Rio de Janeiro, a então capital do país, t*erreiro de macumba* era mesmo caso de polícia, como quase tudo que se vinculava à cultura negra, cujos sujeitos tinham sido libertados da escravidão oficial havia poucos anos. Na capital piauiense não era diferente. A imprensa preconceituosa e racista denunciava e criticava os cultos afro- brasileiros como se fossem práticas delituosas e ilícitas os seus territórios. O *Jornal do Piauí* dizia que:

> Nas proximidades do aeroporto Santos Dumont, na Rua Anísio de Abreu há uma casa em que aos domingos, feriados e dias santos, pessoas embriagadas com a erva maldita praticam macumba abertamente. O sossego publico ali é desrespeitado e incomodado. Alegam os macumbeiros que têm licença da Polícia. Na casa da macumba mencionada, são notados inocentes crianças apreciando o saracoteio dos selvagens. [41]

O jornalista cobrava ainda do *Juiz de Menor* a escalação de um fiscal para aquele recinto, numa clara atitude xenófoba, uma vez que crianças não eram proibidas de frequentarem qualquer templo religioso ou centros de práticas místicas. Nem mesmo as maiores autoridades eram poupadas de críticas se, institucionalmente, assegurassem a liberdade de expressão religiosa como mandava a Constituição. O governador de então, Chagas Rodrigues, um político democrático e de ideias liberais, consciente de que o Estado brasileiro é laico desde a implantação da República, autorizava a concessão de alvarás para as práticas religiosas de matriz africana e, por isso, era criticado pela imprensa preconceituosa. O mesmo periódico dizia que*:*

> A polícia do Sr. Chagas Rodrigues está instituindo um novo processo para estimular a prática da macumba nesta capital, está mandando fornecer alvará de funcionamento á Macumba. A prova temos bem ai na Rua 13 de Maio, perto do Cemitério. [42]

Em outros bairros periféricos, ocorriam festividades menores que bem expressavam a miscigenação cultural e o sincretismo religioso de caráter sagrado e profano como *Pastoril, Ternos de Reis, Rodas de São Gonçalo* e *Festa do Divino*.

O lúdico da noite encantava a população jovem, principalmente a masculina. Uma das formas de entretenimento noturno dos homens que mais encantava a juventude feminina, eram as

---

[40] ABREU, Irlane Gonçalves de. Lembranças de Teresina. In: MENDES, Maria Cecília (org.) *145 Anos Teresina Cidade Futuro.* 1997 p. 81
[41] Jornal do Piauí, 03/01/1961, p. 4.
[42] Idem, Idem.

serenatas praticadas, principalmente nas décadas de 1940, 1950 até aos anos de 1960. Tratava-se de uma expressão lírica que articulava em um mesmo momento partes distintas, com desejo e prazer intensos, tanto para os rapazes, os realizadores, quanto para as moças, as homenageadas. Essa era, certamente, a forma de diversão noturna masculina de maior conteúdo romântico, posto que os seresteiros tinham o objetivo claro de conquistar as jovens, declarando-se por elas apaixonados, ou simplesmente homenagear algumas amiga, expressando-lhe, através da música, sua afeição. Era por demais prazeroso acordar ao som de modinhas amorosas, boleros ou um samba-canção.

Pelas ruas da cidade, ao som de cavaquinhos, flautas e violões, as serenatas eram praticadas, geralmente, em noites de lua cheia, por grupos de quatro a até mais de uma dezena de rapazes, amalgamados por uma cumplicidade e solidariedade masculinas. Cantavam o amor, sendo que uma das canções que mais caracterizam essa afirmativa fora composta por uma mulher: Dolores Duran, ainda nos *anos dourados*, e que se tornaria um clássico atemporal do cancioneiro popular brasileiro. Essa composição tem o título de A *Noite do Meu Bem*, uma canção recorrente dos seresteiros para expressarem seu amor à pessoa *amada* ou desejada.

A **Noite do Meu Bem** [43]

Hoje eu quero a rosa mais linda que houver
e a primeira estrela que vier
para enfeitar a noite do meu bem
Hoje eu quero a paz de criança dormindo,
E o abandono de flores se abrindo
Para enfeitar a noite do meu bem
Quero, a alegria de um barco voltando
Quero a ternura de mãos se encontrando
Para enfeitar a noite do meu bem
Ah, eu quero amor
O amor mais profundo
Eu quero toda a beleza do mundo
Para enfeitar a noite do meu bem
Ah, como esse bem demorou a chegar
Eu já nem sei se terei no olhar
Toda ternura que quero lhe dar

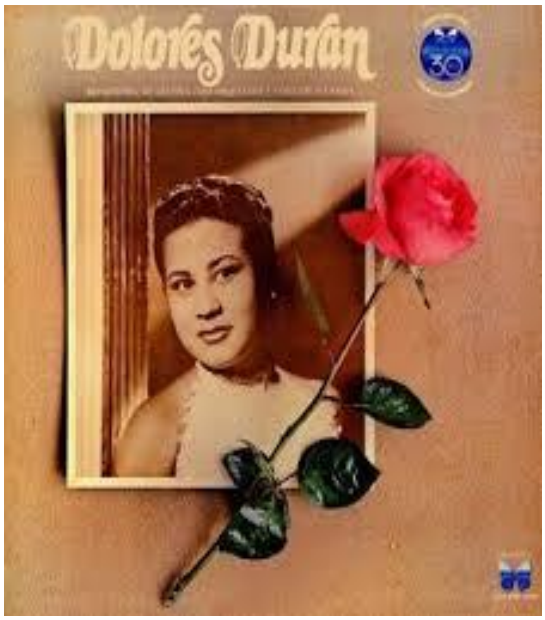

Foto 1 – Dolores Duran
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Os que sabiam tocar e cantar chegavam mais próximo à casa da jovem, que podia até, através de amigas, receber um aviso. Todas ficavam encantadas e os ouviam com atenção, com algumas, mesmo sob a reprovação dos pais, ousando espiá-los por uma janela entreaberta ou pelo buraco da fechadura da porta da rua:

> Não precisava ser uma namorada, uma colega, por exemplo... quando a gente tinha uma estima por ela, que a gente nem sabia o que era estima, a gente dizia era que gostava muito daquela vizinha ali, a gente avisava: a gente vai tocar um violãozinho na tua porta...a gente vai fazer uma serenata. [44]

Nos anos de 1960, com a tecnologia fonográfica, as serenatas de voz e violão foram, aos poucos, sendo substituídas pelas serenatas de música mecânica, através de uma radiola portátil.

[43] *A Noite do Meu Bem* é uma música de estilo samba canção composta pela cantora e compositora Dolores Duran, em 1959. ´R, certamente, o maior sucesso do repertório autoral de Dolores. Apresenta um "eu lírico" esperando ansiosamente o seu amor , para uma noite romântica, bela e apaixonada.. Cansado de esperar a personagem desesperançada e amargurada. *A Noite do Meu Bem* foi escolhida como uma das *100 Maiores Músicas Brasileiras de Todos os Tempos* pela Revista Rolling Stone Brasil. Foi gravada por mais de vinte cantores e cantoras, como: Marisa Gata Mansa, Agostinho dos Santos, Elza Laranjeira, Lúcio Alves, Nelson Gonçalves, Dalva de Oliveira, Maysa, Elizeth Cardoso, Ângela Maria, Nana Caymmi, Cauby Peixoto, Elis Regina, Valdick Soriano, Agnaldo Timóteo. Milton Nascimento, Zezé Mota, Hebe Camargo, Alcione, Altemar Dutra e Kid Abelha. *A Noite do Meu Bem* teve sua versão gravada em outras línguas: espanhol, inglês e francês. Foi lançada em setembro de 1959, por Dolores, que não teve a oportunidade de conhecer-lhe o sucesso, pois morreu no mês seguinte.

[44] Antonio Carlos Marques, entrevista concedida a Bernardo Pereira de Sá Filho, no dia 20/06/2005.

Rodavam-se então discos de vinil (LP, compacto duplo ou compacto simples) de *Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Orlando Dias, Evaldo Braga, Valdick Soriano, Jerry Adriani, Milton César*, dentre outros. Quase sempre se enfrentavam dois problemas: o do disco ralado, que fazia com que a agulha que captava o som e projetava ao fone enganchasse, e o do fato de ter que se correr com a radiola na cabeça caso o pai da moça, repentinamente, abrisse a janela. O Dr. Angeline, um dos jovens boêmios daquela época, relata com nostalgia e humor:

> As serenatas, se juntava um grupo de cinco, seis, até oito... Tinha uns que levava a radiola na cabeça. Naquela época a radiola era de corda; se botava a radiola na cabeça, segurava com a mão esquerda e dava corda com a mão direita que era para o disco rodar. Uma vez nós fizemos uma serenata na casa do dr. Luís Lopes Sobrinho, um desembargador que morreu a uns cinco ou seis anos atrás. Quando tava no auge da serenata, nós cantava aquela música: *Acorda patativa, vem cantar...*, Aí o vereador Ernani abriu a janela e disse: só ta cordado hoje o galo de campina... Aí a gente disse: pois salta a janela e vem pra cá. Quando ele saltava a janela já era com a garrafa de cachaça; embriagava todo mundo, inclusive ele. Mas era bom demais... [45]

Posteriormente, em alguns bairros da periferia, os rapazes passaram a oferecer músicas às suas namoradas, pretendentes e amigas, através das rádios amplificadoras comunitárias, publicizando assim o seu sentimento:

> Ainda hoje existe amplificadora no Poti Velho, fica em cima da igreja. [...] Por que hoje é música, mas de primeiro, era gravação... eu chegava no *stúdio* e dizia olha rapaz eu quero oferecer essa gravação aqui a essa moça bem aqui[...] Lá você dizia as iniciais do nome da pessoa.[...] dizia as iniciais e ainda dizia filha de seu fulano de tal..[46]

O centro da cidade era o espaço econômico e social mais ativo e atrativo, sobretudo quanto ao divertimento diurno e noturno, enquanto as periferias se viam desprovidas, quase totalmente, de maiores opções de lazer, com lugares esteticamente sem maiores atrativos ou socialmente marginalizados e estigmatizados como perigosos, mais pela pauperização que pelas relações ali praticadas.

Contudo, no início da década de 1950, não se falava em outro assunto a não ser nos preparativos da vasta programação festiva em comemoração ao centenário da cidade que ocorreria a partir dos primeiros meses do ano até o mês de agosto de 1952. E por isso foi que no dia 30 de maio de 1952, três meses antes do aniversário de Teresina, a Radio Difusora Q-3-e

---

[45] Dr. Euvaldo Angeline da Silva, concedida a Bernardo Pereira de Sá Filho e Maria de Fátima Martins, gravada no dia 03/09/2000.
[46] Depoimento de Antonio Carlos Marques, em 29/06/2005.

ZYV, em primeira audição, o “Jazz” da Polícia Militar executou, em audição pública, a canção em homenagem ao centenário da Capital piauiense.

Cidade Verde

Hermes Vieira (Letra)
Sebastião Simplício (música)

Cidade Verde! Cidade Verde
O teu nome eu vejo em tudo:
No frescor destas mangueiras.
No contorno das figueiras,
Nesse bosque armeiro e mudo,
Na imponência destas matas,
No farfalho das palmeiras,
Nestas flóreas laranjeiras
Que tu amas e idolatras,
E em que nas manhãs amenas
E nas noites bem serenas
Tu te enfeitas e te extratas

Coro
Foi Saraiva quem te deu
Este berço de esplendor,
Coelho Neto deu-te um nome
De esperança, vida e amor,
Hoje orgulho de teus filhos
Que te adoram com fervor.

Cidade Verde! Cidade Verde!
Eu te vejo nos canteiros,
Nestas ervas, nos arbustos,
No verdor destes verrustos
E frondosos ortizeiros
Nestas toucas de bambu,
No painel destas vazantes
Pelas marques verdejantes
Do velho Ex-Paraguassú,
Do Poti de águas piscosas
Onde elavam-se frondosas
As palmeiras babaçus.

Cidade Verde! Cidade Verde!
No matiz das tuas cores
Eu te vejo retratada:
E´s princesa auredada
Com o estema destas flores,
E teu nome eu vejo ainda
Nos ipês, nas cajazeiras,
Nas gentis amendoeiras.
Na alegria nunca finda
Destes jarros sorridentes
Refrescando as horas quentes,
Te fazendo ainda mais linda!

Todos os meios de comunicação de massa (imprensa e radiodifusão), da época, voltaram-se primordialmente, para divulgação da programação comemorativa, ao tempo em que também denunciavam os diversos problemas da cidade, cobrando solução aos gestores municipais e à classe política em geral.

2.2 Lugares na Noite

Encontravam-se, no centro de Teresina, templos religiosos, praças, bares, lojas, cinemas, mercados e clubes. Eram lugares em que diuturnamente, poder-se-iam identificar neles pelo menos três características, ou seja: "se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos".[47] A praça é um deles - desde o princípio de Teresina, a Uruguaiana era o seu principal centro comercial e de entretenimento e, mesmo a partir da década de 1930, quando se tornou Rio Branco, continuou sendo, por algum tempo, uma das melhores opções noturnas:

> No mês de junho a praça enchia-se de barracas e folguedos alusivos ao período, fazendo a alegria das crianças e de todos os frequentadores. Na primeira quinzena de agosto, durante o novenário em homenagem a Padroeira da Cidade, realizava-se quermesse, concentrando na praça um grande número de pessoas de todos os níveis e idades que se juntavam em torno das barracas ou para um descontraído bate-papo, ao som da banda que diariamente executava as mais variadas melodias.[48]

[47] AUGÊ, *Marc.Não – Lugares :Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, 2004, p.53.
[48] BARBOSA, Edison Gayoso Castelo Branco. *Therezina - Teresina*, 1973, p. 64.

Ali ficavam, também, o *Cine Olímpia,* o *Bar Carvalho,* o *Café Avenida* e o *coreto,* onde a banda de música da Polícia Militar, nas noites de quintas-feiras, fazia retretas.[49]

O *Café Avenida* começou funcionando com bilhar e outros jogos, mas virou ponto de encontro frequentado por pessoas socialmente conhecidas da cidade. Sua história teve início com o prefeito Agenor Barbosa de Almeida. Segundo Genu Moraes, o estabelecimento passou por vários proprietários, dentre eles o Sr. Wilson Quitandinha:

> O Café Avenida já tinha a parte de baixo e a parte de cima. Nessa funcionava a jogatina, que tinha como presença certa o Prof. José Camilo da Silveira Filho. Depois ali foi instalada a Câmara Municipal. Ficando apenas a parte de baixo para o Café Avenida que foi fechado quando o Dr. Alberto Silva assumiu o governo, pela primeira vez (1971-1975), sob alegação de fazer uma reforma no prédio. Não mais retomou o Café Avenida.[50]

Era um local em que convergiam várias autoridades, principalmente os desembargadores. Também era ali onde surgiam e se se disseminavam várias fofocas da cidade principalmente no campo da política. No período momino, era de lá que partia o c*orso carnavalesco*[51] e onde, até as primeiras horas da noite, os blocos encontravam-se e travavam batalhas de confete e lança-perfume. Esses lugares marcaram a memória coletiva dos habitantes da cidade, como relembra um ex-funcionário do Bar Carvalho:

> Era uma casa grande. E ao lado tinha uma sinuca e uma torrefação de café. O café era torrado ali mesmo no recinto [...] Tinha restaurante, era um dos melhores restaurantes de Teresina. Ia família, muitas famílias. Motorista de táxi. Não era, táxi não existia, era carro de aluguel. [...] O *Café Avenida* era o mesmo estilo. Lá só não tinha restaurante, era o café do dinheiro, daqueles políticos... se destacava mais um pouco dali porque você sabe que um bar, um restaurante assim vai aquele pessoal da classe média, os mais ricos, sempre vão procurar um lugar mais destacado que era o Café Avenida, né?[52]

---

[49] *Retretas* eram apresentações de bandas de música,em espaços públicos, patrocinadas pelo poder público, como forma de entretenimento.Eram práticas comuns na capital e em cidades do interior que tinha banda de musica.

[50] KRUEL, Kernard. *Genu Moraes – a Mulher e o Tempo,* 2015; p. 166.

[51] *Corso Carnavalesco:* forma itinerante de se brincar o carnaval. Foi marcante na história dos festejos mominos em Teresina, desde o início do século até aos anos de 1960. Consistia no desfile de carros cheios de foliões fantasiados, a desfilar cantando e jogando confetes e jatos de lança-perfume, pelas ruas da cidade. Em algumas capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, o corso saiu de cena nos anos de 1940, à medida que o desfile das escolas de samba tornou-se a atração maior do carnaval. Na capital piauiense, sobreviveu até a década de 1960 quando foi substituído pelo desfiles das escolas de samba que passou a ganhar destaque no carnaval de ruas. Depois de mais de duas décadas, o corso de Teresina ressurgiu na década de 1990. Em 2012, foi registrado no *Guinness Book,* como o maior corso do mundo, (cf. SÁ FILHO, Bernardo. O Carnaval em Teresina. In EUGÊNIO, João Kennedy (org.) *Histórias de Vario Feitio e Circunstâncias.*2001, p.87-88

[52] Luís Cavaquinho, entrevista concedida a Bernardo Pereira de Sá Filho, no dia 19/06/2003.

Foto 2 – Praça Rio Branco
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Café Avenida, Bar Carvalho, Bar Carnaúba foram, para muitos, exemplos de lugares de encontros identitários para alguns, referenciais para outros. Teresinenses de nascimento ou residentes, de boa condição financeira, convergiam para esses e outros lugares, para encontros amistosos, de negócios, ou simplesmente entretenimento.

A praça é na verdade um dos espaços que, significados pelas relações neles praticados, produz historicidade. Se os *lugares* assim se definem e os *não-lugares* pela ausência desses caracteres, as praças, como outros pontos na cidade, se constituem, conforme a dinâmica social e temporal, em *lugares* para alguns e em *não-lugares* para outros.

Na Praça Rio Branco, ficava mais um dos pontos comerciais e referenciais dos teresinenses chamado *Botica do Povo*. Uma farmácia de propriedade de D. Lili Lopes, carinhosamente chamada por Genu Moraes de *Vovó Lili.*

> Vovó Lili Lopes era riquíssima. Era dona de inúmeras casas em Teresina[...] A sua residência ficava na Praça Rio Branco, 1057. Não tinha hora para ela atender os clientes. O negócio dela era fazer dinheiro. Um dia, altas horas, alguém bate à porta. Ela pergunta -“ quem é meu anjo!” – “É o coronel Aarão Parente”, respondeu a voz. - “O que o senhor deseja?” – “um litro de éter”. “Alguém desmaiou?” “Não, é pra tirar o vestido da Zelinda”.

> Dona Zelinda era a esposa dele, que tinha ido a uma festa usando um vestido tomara que caia e havia colocado esparadrapo por dentro para segurá-lo. Na hora de tirar, precisava de éter para amolecer o esparadrapo e não doer na retirada da roupa. [53]

Observa-se que, na *Praça Rio Branco* e em torno dela, os espaços e estabelecimentos eram significados e significantes por quem e de quem ali praticava relações sociais de caráter identitário e até hierarquizantes. Assim eram também as outras praças tradicionais: *Saraiva, Landri Sales (Praça do Liceu), São Benedito, Liberdade e Pedro II*..

> A vida, já se vê, era simples e íntima. O governador Joca Pires, à noite, sentava-se num banco da Praça, cercado dos amigos e das pessoas de prol. Ia à retreta, como os outros, o professor, o juiz, o estudante, a mocinha. Ouvia as mesmas histórias e a mesma música tocava no coreto pela banda militar.[54].

Mesmo sem se identificar em qual das praças ocorria a cena da crônica citada, pode-se inferir que esta aconteceria em qualquer uma das duas praças que possuíam coretos(*Rio Branco e Pedro II),* onde a classe média se fazia presente. E que se sentar em um banco da praça, à noite, para conversar com pessoas conhecidas era um hábito dos teresinenses, sobretudo dos que habitavam no centro da cidade.

O poeta H. Dobal, por ocasião do centenário de Teresina, em 1952, para homenageá-la, escreveu a obra *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*, na qual, ao referir-se sobre as praças, diz que das tantas já existentes naquele momento, duas se destacavam: a *Praça Rio Branco e a Praça Pedro II*. A primeira, na vida diurna e a segunda no cotidiano noturno:

> A de uso diurno é a praça Rio Branco.[...] É a praça dos automóveis. Aqui estacionam os carros de aluguel, que são de todos os tipos, ao gosto do freguês, e se distribuem naturalmente, em secções diferentes, de acordo com o tipo.[...] É ainda a praça do comércio e dos cafés. Nestes é que, realmente, está o centro da agitação, a nota característica porque por mais ocioso ou ocupado que esteja alguém, sempre fará uma pausa para o cafezinho.[...] É também a praça dos comícios, com um coreto para os oradores. . .[55]

Ainda que o poeta Dobal classifique esta praça como sendo de uso diurno, descrevendo os espaços e os tipos de relações ali praticadas, o faz dirigindo o seu olhar sobre a cidade naquele momento, ou seja, o inicio dos anos de 1950. Entretanto, não se pode prescindir de reconhecê-la

---

[53] Id. Ibid, p. 167.
[54] TITO FILHO, A. *Teresina Meu Amor;* 2002, p. 21.
[55] DOBAL, H. *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina.;* 1992, p. 20.

enquanto espaço de lazer que, em décadas anteriores, abrigou muitas práticas relacionais e identitárias noturnas.

A *Pedro II* era a praça noturna. Para o poeta,

> É a praça sentimental dos namoricos das moças, das sorveterias. Onde a banda de música da Polícia, cada quinta-feira e domingo, que são os dias melhores, toca os seus dobrados, valsas de Viena, músicas de carnaval. Onde fazem o fúntigue todas as noites, das sete às nove.. [56]

É um dos espaços públicos mais antigos e mais movimentados. Até os anos de 1920, chamava-se *Praça Aquidabã.* Na década de 1930, passou por alguns melhoramentos sendo reinaugurada como *Pedro II*, numa homenagem ao ex-imperador do Brasil e esposo da mulher (Teresa Cristina) que inspirou o nome da cidade. Para a *Pedro II* convergiam pessoas de todos os segmentos sociais e, por ser bem centralizada, era ponto de passagem, *um não-lugar*, para muitos que transitavam entre o lar e o trabalho. Para outros, o principal lugar de entretenimentos. Em torno dela, ficavam alguns dos lugares mais bem frequentados dos teresinenses: O *Teatro 4 de Setembro, o Cine Rex, o Bar Carnaúba, a Sorveteria Americana e* nas adjacências, o *Cine São Luis* e o *Clube dos Diários.*

Foto 3 – Praça Pedro II
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

[56] Idem, Ibid.

Até a década de 1960, a praça Pedro II, era cortada por uma abertura diagonal, ligando a Rua David Caldas à Rua Paissandu, formando uma parte mais alta e outra mais baixa. Na alta,havia uma pequena escadaria que dava acesso ao coreto, onde a banda de música da Polícia Militar, cujo quartel ficava em frente, realizava as retretas de domingo à noite. Foi desse ambiente romântico que A. Tito Filho buscou inspiração para, em uma de suas crônicas, dizer:

> Nunca deixarás de passar uma noite de domingo nesta cidade afetiva, tranquila e pitoresca...Pois numa noite de domingo admirarás a maior concentração de brotos e coroas de que se tem conhecimento desde a chegada dos navios de Pedro Álvares Cabral. Garotas de todos os tipos e formatos fazem a noite dominical na Praça Pedro II. Vem vê-las. Os brotos ocupavam parte da praça, a outra pertence às coroas. A *paqueraçã*o faz o resto - paqueradores a pé, paqueradores de automóvel. Tudo original noutras terras. Vem! Teresina te oferece vida nova em cada esquina, em cada praça, em cada rua.[57]

Os espaços, como já se disse, no perímetro urbano de uma cidade são significantes e significados pelos diversos tipos de relações neles praticados. A praça *Pedro II* é para alguns dos habitantes de Teresina apenas um ponto de passagem, um *não-lugar*, para outros, além de um espaço de coexistência é também um *lugar*, portanto, onde se praticam relações sociais, constroem-se identidades e se atribui significado histórico àquele espaço. Mesmo sem estar prescrito, os frequentadores iam estabelecendo relações de identidade de acordo com suas demandas no sentido de alcançar seus objetivos[58]. As moças e rapazes de setores mais baixos da sociedade e também os casais de namorados preferiam a parte mais alta por ser menos iluminada. Na parte mais baixa, ficavam os rapazes e as moças da elite, candidatos(as) a namorados(as). A estratégia utilizada nesse sentido era o *flerte*. E o espaço da praça ia tomando uma organicidade de acordo com a intencionalidade de seus frequentadores caminhando sobre ele ou posicionando-se estrategicamente. Através do olhar, moças e rapazes esperavam conseguir seu propósito, ou seja, a correspondência da atenção da pessoa pretendida para um futuro namoro:

> As moças separadas dos rapazes se ofereciam ao *flerte*, circulavam pela praça em lado oposto ao deles, as moças em geral de mãos ou braços dados pelo lado de dentro do círculo e os rapazes pelo lado de fora, modo de passeio facilitado pelo aumento da frequência de encontros dos casais e automaticamente o *flerte*, sem necessariamente um encontro direto, um dos gestos que era apresentado pelo rapaz após olhares e confirmação da moça, era de muitas vezes indicar nos dedos das mãos uma quantia, três,

[57] TITO FILHO, A. *Teresina Meu Amor*. 2002, p. 21
[58] CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. p. 201. O autor faz uma distinção entre espaço e lugar, tomando a ordem, seja qual for, que distribui elementos nas relações de coexistência para designar o que seja um lugar.

> por exemplo: rodava os dedos significando que na terceira volta gostaria de se aproximar e conversar com a moça..[59]

Às vezes, uma moça passava um longo tempo só *flertando* um rapaz, sem, contudo, nem conversar com ele. Chamar a atenção da pessoa desejada servia, antes de tudo, para alimentar o ego, principalmente se o rapaz fosse virtuoso e de boa família. Outras vezes, era a própria timidez do rapaz que o impedia de aproximar-se da moça e, com ela, iniciar uma relação afetiva. O movimento começava às sete da noite, atingia o ápice a partir das oito, quando aumentava o número de pessoas oriundas do cinema, e terminava às nove. Dizia-se nessa hora: "soltaram a onça". Naquele momento, soava o toque de recolher no quartel da Polícia Militar, localizado no lado sul da praça. Era essa a hora de moça "direita" e de família, preocupada em preservar a boa reputação, voltar para casa, contudo as mais ousadas, que ali permaneciam, afrontavam a recomendação dos pais e se expunham aos muitos fofoqueiros, para os quais, com esse tipo de conduta tornavam-se faladas ou *intituladas*.[60] Como, "[...] o espaço é um lugar praticado", cada um se situava no que julgava o próprio, distinto e conveniente às estratégias que se lançam em busca do prazer, tanto que Dobal afirma que um certo dia "alguém que por distração e curiosidade acompanhou os giros de uma moça em torno do centro e descobriu que ela dava duzentas voltas durante a noite"[61].

A praça *Pedro II* foi, até a década de 1960, um dos principais pontos de encontro da cidade. Ali nasceram muitos romances, românticos e discretos, entre jardins, ao som de música que alegrava o ambiente, transformaram-se em casamentos.

Os clubes, de uso privado e que faziam parte da vida cotidiana de muitas pessoas, também eram lugares da noite, tendo como função primordial o lazer, principalmente o noturno. Os bailes, sua atividade mais frequente, durante toda a primeira metade do século XX, eram, afirma Teresinha Queiros,

> A mais difundida e generalizada diversão em Teresina, aconteciam por todos os motivos e mesmo sem qualquer justificativa, apenas pelo prazer advindo da música, das danças, dos encontros. Eram motivos de bailes os batizados, os aniversários, os casamentos, as

[59] DOBAL.H. 1992, p. 20-21
[60] *Intituladas :* moças de virgindade duvidosa, portanto de má reputação; que se tornavam preteridas para o casamento.
[61] DOBAL, H. 1992. p. 21

> formaturas, as datas religiosas, as datas cívicas, as visitas de políticos e correligionários, as vitórias políticas e inúmeros encontros. [62]

Dos bailes, os mais tradicionais e elegantes eram os do *Clube dos Diários*, fundado em 1922 e que nos anos 1940 e 1950 passou a contar com outras formas de entretenimento como jogos de cartas, xadrez, sinuca, pingue-pongue, dominó ou simplesmente o encontro com amigos para uns *drinks* e conversa amistosa.

Teresina já figurava como uma cidade dançante. Além do *Clube dos Diários*, outros fizeram história como o River, que era recreativo e esportivo, e o Jóquei Clube do Piauí, também destinado a pessoas de médio e alto poder aquisitivo, sem dizer dos mais populares, como o *Botafogo, Os Terríveis, o Teresinense, o Automóvel Clube* e a *União Artística*. Os bailes ali realizados aproximavam as pessoas não somente do ponto de vista físico, mas também afetivo, já que, fora dos clubes, as relações eram tímidas, formais e vigiadas pelos costumes da época.

Os jovens, após voltearem na *Pedro II*, dirigiam-se para as tertúlias nos *Diários*, onde, como afirma Castelo Branco. numa de suas crônicas:

> Havia ali reuniões dançantes que chamavam de tertúlias... Orquestra tocando sambas, boleros, *fox-trot* e os pares deslizando pelo soalho brilhante na base da cera de carnaúba. Em cada mesa do Clube ficava o "grupinho" de amigos. A vida alheia era a tônica formal das palestras, é claro. As moças mais jovens e bonitas não faziam *crochê*. Tinham seus pares certos e apaixonados. As outras ficavam só espiando[63]..

A moral da época não permitia que os casais, mesmo aqueles apaixonados, dançassem de corpo colado, por isso mantinham uma certa distância. Quem procedesse de forma diferente, com certeza, no dia seguinte era objeto de comentários.

---

[62] QUEIROZ, Teresinha. As Diversões Civilizadas em Teresina – 1880 – 1930. 2 p.52.
[63] CASTELO BRANCO, Nerina. Cruviana. 1979. p.49.

Foto 4 – Festa no Clube dos Diários
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Em frente aos clubes de elite, em dias de baile, havia o "sereno", quase uma instituição, que consistia no hábito de muitas pessoas ali se reunirem com o intuito de espiar, jogar pilhérias e criticar os participantes do evento (como se vestiam, como dançavam, quem estava acompanhada de quem, quem fazia *crochê*....). Em tom de gozação, faziam comentários picantes, pronunciavam palavrões, a tal ponto de os jornais publicarem notas reprovativas. Entretanto, diziam alguns que o "sereno", às vezes, era mais animado que a própria festa.

Se a elite reclamava da falta de polidez daqueles que estavam no "sereno", também os seus membros não estavam imunes a esse tipo de comportamento e constrangimento. Em 1952, por ocasião de um baile de formatura dos concludentes do curso ginasial da Escola Normal Antonino Freire, no Clube dos Diários, um jornal da época registrou o seguinte: "No recinto do salão do baile, sem causa justificável, um forte atrito entre o prefeito João Mendes Olímpio de Melo e o professor jornalista Valdemar Santos, que culminou em causas de pulgilato" [64]

Se nos bailes da elite aconteciam brigas tendo o próprio prefeito da cidade e um jornalista e professor como protagonistas, o que se poderia inferir a esse respeito, dos clubes populares e dos forrós espalhados pelos bairros da periferia? Das muitas festas populares

[64] Jornal do Comércio. 1952; p,01.

realizadas em residências ou salões de festas, havia aquelas que, embora se destinassem à população pobre, primavam-se pela boa imagem do evento e de quem dele participava, preservando, acima de tudo, a reputação das moças:

> As festas eram de moça. O dono da festa distribuía carta para as moças irem à sua festa. Se alguém notava que tinha uma prostituta na festa, alguém apontava para o dono da festa e ele a botava pra fora. Ele tinha esse direito ou as moças saíam tudo pra fora.[65]

Observa-se que a virgindade era sinônimo de honra e a condição para a mulher transitar livremente em todos os espaços de sociabilidades. Elas tinham ingresso gratuito ao evento, já os rapazes tinham que pagar a *cota*,[66] na entrada ou após dançar o primeiro toque, ou seja, a primeira parte musical. A partir daquele momento, ele recebia um distintivo como prova de estar quite com a cota financeira, que podia ser um carimbo no braço, um canto de uma unha pintada de esmalte, ou um pedaço de fita colorida fixada na camisa por um alfinete. Cabia ao rapaz tirar a moça para dançar, se esta o enjeitasse, ou seja, se declinasse do convite era, às vezes, motivo de confusão, porque muitos homens não admitiam serem rejeitados. E então falavam àquela jovem se ela não dançasse com ele, não dançaria com mais ninguém. Isso era suficiente para dar início a uma briga que, em muitas vezes, resultava em agressão física e até morte, finalizando a festa.

Existiam alguns forrós em que já era de *praxe* ocorrerem confusões como o *Forró do Pedro Toco*, no cruzamento das Rua *Barroso* e *Santa Luzia*, nos *Cajueiros*, próximo ao *Barrocão*. Acontecia aos sábados, e sua clientela (cafetões, estivadores, desocupados) era constituída dos setores mais populares da cidade e do lúmpem da periferia, oriundo principalmente do baixo meretrício conhecido como *Palha de Arroz*. Um entrevistado relembra que

> Pedro Toco era um aleijado que tinha um cabaré... Forró! Não era nem cabaré era um forró [...] naquele tempo existia os cabras que frequentavam lá, era os cafetão, o Anias, o Preto, João Anásio, João do Joel, era os maus elementos dali [...] Pedro Toco era valente. Só tinha uma perna, mas botava todo mundo pra correr... quando o cabra queria abusar ele botava pra ir embora. [67]

---

[65] Entrevista de Francisco Alves de Sousa a Bernardo Pereira de Sá Filho, em 12 de setembro de 2000. O entrevistado residia no bairro Cabral onde é conhecido pelo pseudônimo de *Carrola.*

[66] *Cota* era o valor cobrado, na entrada ou durante a festa, para o rapaz usufruir daquele evento dançante.

[67] Entrevista de Luís Cavaquinho a Bernardo P. de Sá Filho, em 19 de junho de 2003. O entrevistado era guarda civil e trabalhou como músico nos cabarés da Paissandu e do Morro do Querosene.

Em outro ponto da cidade, no bairro *Porenquanto,* existia um outro forró no mesmo estilo, de Manoel Eugênio, que ficava na Avenida *Jacob Almendra*, próximo ao *Colégio Matias Olímpio* e funcionava só aos domingos, das duas da tarde ao anoitecer. Era um forró:

> Só de rapariga mesmo. Só ia pra lá quem tivesse negócio. Sabia que o forró era de gato [...] Lá era confusão mesmo, quando era seis horas da tarde saía todo mundo bebo. Aí caía pano de faca, era uma correria, era tudo. Ali juntava os gatos da Estação, juntava os gatos do Morro do Querosene e do Móio de Vara e iam tudo pra lá... Quando entrava soldado do 25ª BC, solteiro e da Polícia era confusão.[68]

Onde se localizava o forró não era zona de prostituição e sim área residencial. Talvez por se tratar de gente simples e pobre, que ficava apreensiva com tanta confusão temendo sua própria integridade física e moral, não reclamava tanto. E no domingo seguinte acontecia tudo de novo.

Por ocasião do centenário da cidade, H. Dobal chamou atenção para o seguinte: "nesta cidade, como naquele poema famoso, há escassez de igrejas, excesso de tabernas. Os

bares se multiplicam pelas ruas e, em consequência, os bêbados".[69] Os bares são lugares típicos da noite e ambiente próprio de afirmação da masculinidade. De todos aqueles que estavam fora da zona boêmia, o mais famoso foi o *Bar Carnaúba*, ao lado do *Teatro 4 de Setembro,* de caracteres rústicos, feitos da palmácea do mesmo nome e de difícil definição, dada a diversidade de gêneros no atendimento aos seus frequentadores. Definia-se como "boate, restaurante, café-concerto, sorveteria, formando um conjunto muito simpático e como nunca houve na cidade"[70]

O Bar e Restaurante Carnaúba foi uma iniciativa do prefeito João Mendes para dotar a cidade de alguma coisa nova, bela e útil por ocasião do centenário. Era de estilo rustico localizado ao lado do Teatro 4 de Setembro. Antes de concluído, foi precedeu-se uma concorrência pública para o arrendamento, sendo vencedor o Sr. Raimundinho Veras, o qual tomou algumas providências logísticas, adquirindo toda uma mobília nova, incluindo um fogão elétrico, moderníssimo para os padrões da época, além de uma geladeira-balcão para os serviços de frios. "Todos os utensílios serão niquelados, inclusive os talheres, os pratos da mais fina louça". [71]

[68] Entrevista
[69] H.Dobal, 1
[70] Ibid.,ibid.
[71] Jornal.....

Foto 5 - O *Bar Carnaúba* foi fonte de inspiração para um poeta da cidade
Fonte: Acervo do Arquivo Público

Bar Carnaúba

No Bar Carnaúba
(onde é que fica? na memória?)
Desempregados.
Estudantes, senhores de terno e gravata.
A putaria de olhares trocados.
Sensuais.
Mulher contrapassa
Homem com trapaça.
Faladores, cafezeiros, filadores,
Torcedores, fumacista, professores.
E o recado no ar para os descontentes
(1968 ou 64):
- o Comandante da Polícia Militar mandou que fossem descansar em paz, em suas casas:
- o Presidente caiu, não leiam os jornais:
Desce a noite. E a praça está lá:
Serenamente corre como o rio,
branco colar de contas, sem fio.
Encontro no teatro para assistir a um filme
Liberdade contida: não caiu . [72]

[72] Francisco Miguel de Moura. 1983. p.15

Observa-se que o *Bar Carnaúba* marcou a vida cotidiana de muitos homens, como Francisco Miguel de Moura. Hoje, existe apenas na memória. Um lugar de atendimento diverso, de frequentadores plurais, subjetivos. E que integrava o complexo central de entretenimento, em Teresina: P*raça Pedro II, Cine Rex, Teatro 4 de Setembro, Clube dos Diários.*

Os bares eram um negócio para os proprietários, um trabalho para os garçons e um refúgio para os boêmios. Trata-se de lugares especiais para tudo que há na vida a se comemorar, sendo um espaço democrático onde é possível falar, prometer, acordar, jurar, mas também permite nada se levar a sério, negando ou contradizendo o que foi dito e acordado no dia anterior. Servem para alegrar, disfarçar o tédio, dissimular o sentimento ou aprofundar as mágoas de muita gente; é setor obrigatório em qualquer clube, hotel ou zona boêmia de qualquer cidade.

A *zona* não seria um lugar alegre e democrático, cheio de confusão e relações ilícitas e perigosas sem os bares, lugares de encontros e desencontros, de alegrias e de tristezas, em que se estabelecem conexões de sujeitos sociais diversos que protagonizam a noite porque, entre a primeira dose e a "saideira", transcorrem conversas sadias, amistosas, confidenciais ou amarguradas, decorrentes de um negócio malsucedido, uma paixão não correspondida ou um romance fracassado. Segundo Deusdete Nunes, o Garrincha "[...] a humanidade seria mais amiga, haveria mais paz se as amizades todas fossem nascidas a partir de uma mesa de bar". [73]

Nesse sentido, o compositor-cantor Gonzaguinha compôs uma das mais belas peças do cancioneiro popular brasileiro sobre a mesa de bar vista pelo olhar do boêmio:

Mesa de Bar

Mesa de bar
É lugar pra tudo que é papo
Da vida rolar
Do futebol, até a danada da tal da inflação.
É coração, fantasia e realidade.
É o ideal paraíso,
Aonde nós fica à vontade
Mesa de bar
É cerveja matando a pau o calor
Vamos cantar aquela cantiga
Que fala da luta e do amor
Mas antes, brindar em homenagem.
Àqueles que já não vêm mais
Saúde! Pra gente moçada

[73] NUNES, Deusdete. A Saideira. 1996. p. 17.

Que a gente merece demais
Em torno de um copo a gente inventa
Um mundo melhor
a dona birita levanta moral
De quem estar na pior
A água da mágoa se enxuga no pano
Daquela toalha
Pra acabar com a tristeza
Esse remédio não falha
Na mesa de um bar
Todo mundo é sempre o maior
Todo mundo derrama as tintas
De sua alegria
Copos batendo na festa da rapaziada
Se bem que a gente não esquece
Que a barriga anda um pouco vazia
É que na mesa de um bar
É onde se toma um porre de liberdade
Companheiros em pleno exercício
De democracia
Mesa de bar
É onde se toma um porre de liberdade
Companheiros em pleno exercício de democracia [74]

Para os pudicos, o bar é visto como um lugar marginal, embora os frequentadores tenham-no como um espaço liberal e democrático, onde andam o rico e o pobre, o negro e o branco, o jovem e o idoso, o bebedor de cachaça manipulada e o degustador de *whisky* importado. Distribuídos pela cidade, a noite é a inspiração de quem os frequenta de sorte que, enquanto a cidade dorme, é nos bares, nos cabarés, nas salas de jogos e nos salões de dança, às vezes mal iluminados e impregnados pelo odor das bebidas e obscurecidos pela fumaça de cigarros, que emergem relações próprias de viver as aventuras da noite.

Os bares, nessa hora, são fundamentalmente de domínio masculino. O *Bar Carnaúba*, nesse sentido, foi um exemplo típico, cujos frequentadores, em sua maioria, constituíam-se de pessoas de médio e alto poder aquisitivo. Dos que se localizavam na zona da Paissandu, os mais famosos eram o *Bar São Raimundo,* o *Bar São Martinho*, o *Bar da Marlene e o Bar da Paula*, além daqueles no interior dos cabarés.

Os quiosques vendiam somente bebida quente, principalmente cachaça. O mais frequentado era o que vendia cachaça com várias misturas: *rama de salsa, sapo, cobra, caju,*

[74] Composição de Luís Gonzaga Junior – o Gonzaguinha; gravada por ele e Alcione, em dueto, em 1985.

marfim, birindiba. Um ex-frequentador diz que era "uma maneira de agradar os fregueses. [...] Me arranja uma cobrinha, um caçote, me arranja uma salsa... e tomava a cachaça com sabor diferente".[75] A *priori,* poder-se-ia acreditar que tomar cachaça com sabor diferente resultante de tantos ingredientes exóticos contidos no interior das garrafas tivesse um princípio reativo afrodisíaco, mas, na verdade, o sentido era demonstrar coragem e determinação, afirmando perante os outros sua masculinidade.

Entretanto, os resquícios do discurso médico higiênico-sanitarista que se desenvolveu na cidade do Rio de Janeiro e se expandiu pelo país na virada do século XIX e início do século XX, não fora de vez superado nas décadas seguintes, o que estimulou fazer da cidade um corpo social sadio por um olhar negativo para alguns setores da sociedade, principalmente os mais populares, como os bares, os cassinos e os cabarés. Era uma concepção construtora da ideia de negativação dos bares e de outros lugares congêneres, colocando-os como exemplos de lugares indesejáveis na cidade:

> O discurso apresenta o bar, o cabaré e o botequim, em contraposição à fábrica, à oficina, ao escritório, espaços do trabalho e ao espaço do lar. Considerava-se que esses espaços de lazer encorajavam a indisciplina e libertinagem, neles se misturavam sociabilidade, violência, prazer e desordem causando problemas no trabalho e ruína doméstica.[76]

Tal discurso colocava a cidade como um espaço de tensões, sendo o lar em oposição ao bar os pontos extremos de uma polaridade que representa, respectivamente, o bem e o mal na vida dos homens. O lar seria o espaço saudável, do equilíbrio, da paz, da felicidade e da vida conjugal harmoniosa, elementos imprescindíveis à identidade masculina, vista assim principalmente pelos olhos da Igreja e do Estado, enquanto o bar e os outros lugares da noite, de inspiração boêmia, eram tidos como espaços de degeneração do caráter masculino, desviantes da boa conduta e gerador de doenças do corpo e da alma, que levava muitos a uma situação de dependência física e psicológica a certos vícios, como o alcoolismo, o jogo, o prazer ilícito, o sexo pervertido.

A historiadora Maria Izilda Santos de Matos recorta um dos trechos do livro *Malefícios do Álcool*, de autoria de Faustino Esposel, para ilustrar o quanto a embriaguez pode expor publicamente o homem a situações constrangedoras e até cômicas:

---

[75] Entrevista com Antonio Carlos Marques a Bernardo P. de Sá Filho, em 19 de junho de 2005. O entrevistado é socialmente conhecido pelo pseudônimo de Galego.
[76] MATOS, Maria Izilda Santos de. Meu Lar é um Botequim. 2001, p. 75.

> O rebaixamento moral a que se submete o embriagado sujeita-o a comparações zoológicas nas várias fases da embriaguez: a primeira é a fase do macaco, da graça, da imitação; a segunda é a do leão, da briga, da pancada; a terceira é a fase da humildade, da humilhação, da covardia, da obediência cega, da docilidade, é o período do carneiro; e finalmente, o sono, o ronco, caracterizam a fase última do porco.[77]

O embriagado perderia o domínio sobre si mesmo, expondo publicamente aspectos de sua intimidade e desprezando valores morais que devem nortear a conduta de todos os homens como a discrição, a seriedade, a honestidade, além de transgredir outros elementos organizadores e orientadores da vida pessoal de cada um.

Outra opção de lazer era, desde o início do século XX, o cinema. Qualquer um - *São Luis, Olímpia, Royal, Rex, São Raimundo* ou *Teatro 4 de Setembro* – era um espaço não somente de entretenimento e sociabilidades, mas também um lugar de práticas relacionais cuja linguagem circunscrita aos movimentos orientavam ou direcionavam, intencionalmente, os corpos em busca do prazer num ambiente de penumbra, necessário à exibição da película, independe de, externamente, ser dia ou noite, sendo que, das três sessões diárias, a última tinha maior movimento."A sessão elegante com caráter nitidamente mundano, é a de oito e trinta, aos domingos, chamados *soirée*, quando se estreiam os filmes da cidade."[78]

O cinema era, para os namorados ou pretendentes, um lugar propício às transgressões de normas pudicas que orientavam os corpos numa sociedade conservadora. Com certeza, o escurinho facilitava os beijos de língua demorados e o toque de mãos audaciosas que bolinavam partes interditas dos corpos.

> De 1938 em diante, vi, com os olhos que a terra há de comer, bolinação em cinema. Pares agarradinhos. Mãos em permanente atividade. Gente alta. Foi um morenão bonito, de cabelos compridos que me iniciou nas práticas amorosas em salão de cinema[79].

Por essa razão, o cinema foi, certamente, alvo de tantas críticas por parte de alguns que se diziam defensores da moral e dos bons costumes. Na contraposição, estavam aqueles que viam em tal forma de entretenimento algo mais, além de um lugar propício à prática de bolinação, beijos e outros tipos de contatos corpóreos.

---

[77] Ibid., ibid.
[78] DOBAL,H. op. cit .p. 46.
[79] TITO FILHO, A. Teresina Meu amor. 2002. p. 26.

O cinema, que fora criado como forma de lazer distinto cumprindo uma função social educadora de bons modos, elegância e polidez, fora muitas vezes criticado por influenciar a juventude nos seus hábitos e costumes:

> Se, em principio, é o cinema que deve virar moda e moda irreversível, em pouco tempo é a moda que é ditada pelo cinema, e os reclames acentuamos últimos modelos vestidos pelas atrizes incentivando a ida ao cinema de *demoiselles* delicadas de Teresina.[80]

A cultura da cada povo, em cada cidade, produz relações sociais que resultam no surgimento de espaços urbanos com função definida. Tais espaços, dependendo das relações sociais e identitárias de seus agentes, tornam-se *lugares* para alguns e *não-lugares* para outros, como, por exemplo, o *Clube dos Diários* e a zona do meretrício. Esta era tida como um "lugar" de práticas ilícitas e de sujeitos indesejáveis, pervertidos e transgressores dos padrões disciplinares da moral que rege a boa conduta.

2.3 O Perigo na Noite

A cidade noturna é, à luz das mentalidades e da cultura, um lugar encantador, sedutor, alegre, pacífico e, paradoxalmente, perigoso, pleno de práticas criminosas, imorais, indesejáveis. Aliás, a noite serve à construção de uma trama de prazeres motivada pela cumplicidade de homens e mulheres infames que praticam perfídias e outras ilicitudes. Segundo Dea Fenelon, a cidade deve ser "sempre encarada como lugar de pluralidade e da diferença,"[81] de sujeitos múltiplos e heterogêneos atravessados por várias temporalidades e identidades de modo que, controlar os corpos de sujeitos sociais que se subjetivam, sobretudo à noite, tem sido uma constante de várias instituições como a família, a Igreja e o Estado.

Assim, para manter um corpo socialmente controlado e "sadio", é imprescindível controlar, individualmente, cada sujeito, submetendo-o a um conjunto de valores morais e normas de convivência social oriundas de instituições estatais e civis cujo poder de coerção se efetiva pela ameaça moral, religiosa e até policial. Em tese, tais normas representavam uma ameaça permanente, temida pelo transgressor sujeito a sanções socais dos segmentos mais conservadores da sociedade:

---

[80] QUEIROZ, Teresinha. Op. Cit.2008. p. 53-54,
[81] FENELON, Déa Ribeiro (Org.). Cidades.. 1999. p. 7.

> Moça de família e que se prezava não permanecia na praça além das 21 horas. Pontualmente, a Usina apitava neste horário e as donzelas despediam-se, uma das outras e retornavam às suas casas. [82]

As que passavam dessa hora sem ir para casa ou dali não se dirigissem para as tertúlias no *Clube dos Diários,* de onde deveriam retornar ao lar por volta de meia noite e na companhia de uma pessoa de absoluta confiança, eram objeto, no dia seguinte, de falação que ameaçava comprometer a sua boa reputação. O próprio Estado, com o objetivo de manter a ordem na cidade noturna, mantinha um aparato policial nas ruas o qual, a partir das 22 horas, constituía-se para os jovens menores de dezoito e outros sujeitos sociais um mecanismo de repressão que lhes cerceava a liberdade de ir e vir:

> Se eles pegassem a gente na rua, porque de primeiro não tinha... Hoje é o camburão da polícia, de primeiro era a *carinhosa*. [...] eles pegavam a gente e colocavam um carimbozinho no braço da gente e diziam: você vá pra casa porque se nós lhe pegar outra vez na rua nós lhe leva pra cadeia... Se uma outra patrulha lhe encontrasse já no caminho da casa você dizia, olha, estou indo pra casa.[83]

O carimbo trazia escrita a palavra *revistado* e provava que aquela pessoa já havia sido alertada pela polícia a não transitar mais naquela noite no espaço público, a não ser se deslocando para casa. Se reincidisse na transgressão à norma instituída, sofreria a sansão direta imposta pelos agentes do Estado que era a detenção.

O horário sempre foi uma herança psicológica do tempo sobre a execução daquilo que se tem internalizado como prática cotidiana. Desde os tempos das comunidades monásticas determinado pelo movimento de sol e sua luminosidade sobre a Terra, até os horários cronometrados pelo relógio. O controle temporal dos corpos é uma das estratégias de controlar o corpo social, manipulando ou determinando os horários, interferindo na liberdade de ir e vir dos sujeitos. Dessa forma, o Estado, através de seus agentes, exerce o poder de forma coercitiva, disciplinando os sujeitos naquilo que pode e o que não pode fazer em determinados lugares, inclusive transitar pelas ruas da cidade em determinados horários. "O tempo penetra no corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder".[84]

---

[82] CASTELO BRANCO, Nerina. Op. Cit. 1979. p. 49.
[83] Antonio Carlos Marques, entrevista, em 29/06/2005
[84] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 1998. p. 129

Não eram somente os menores de 18 anos que não podiam transitar livremente pelas ruas, depois das 21 horas; as prostitutas também eram proibidas de transitar nas ruas do centro da cidade durante o dia, bem como, em vários espaços de sociabilidades. Isso ocorria tanto pelo aparelho repressivo do Estado quanto pela coerção moral exercida pelos setores mais pudicos da sociedade.

Contraditoriamente, muitos daqueles que estavam nas ruas cerceando a liberdade de alguns sob o pretexto de manutenção da segurança e da ordem públicas, tornavam-se, também, transgressores da mesma ordem que lhes era, institucionalmente, confiada. O êmulo existente entre os soldados da Polícia e os do 25° BC fazia com que, quando estes se encontrassem, principalmente nos forrós de periferia e baixos meretrícios, houvesse confusão. Era como se uns imiscuíssem-se no território dos outros:

> Era confusão. Foi preciso os comandantes da Polícia e do 25° BC se juntarem e decidirem botar os soldados das duas instituições militares pra tirarem serviço juntos. Chamavam a *carinhosa*[85] para afugentar os brigões.[86]

As patrulhas, então, passaram a ser constituídas por militares das duas instituições: um sargento do 25º BC; um cabo da Polícia Militar e três soldados (dois da Polícia e um do Exército) e vice-versa, os quais, investidos da autoridade que o Estado lhes conferia, submetiam os jovens menores de idade à disciplina, cerceando-lhes o direito de ir e vir.

Para conter as transgressões, tanto diurnas quanto noturnas, foram criados vários postos policiais. Alguns tornaram-se conhecidos pelos nomes pitorescos que receberam da população. O mais famoso foi o *Boca de Pau* que se tornou ponto de referência na divisa dos bairros Piçarra e Monte Castelo. Criou-se mais um nas proximidades do cemitério São José, e outro por trás da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, na Vermelha, que foi inaugurado por Maria Rosa, uma vendedora de galinhas nas proximidades daquele templo religioso. Por ter sido ela a primeira presidiária ali, o povo passou a apelidar aquela instituição policial de *Maria Rosa*, como um outro, na avenida Valter Alencar que foi cognominado de *Peito da Baleia*. Todos eram postos policiais, porque delegacia propriamente dita existiam apenas três*: Delegacia de Vigilância e Captura*; *Delegacia de Segurança* e *Delegacia de Costumes*. Todas nas imediações da Praça Saraiva.

---

[85] Carinhosa era o nome pejorativo com que população chamava a viatura da Polícia, que recolhia nas ruas e outros logradouros os transgressores da ordem pública.
[86] Entrevista com Carrola, em 12/09/2000.

Mesmo com o aparato de vigilância e repressão estatais disciplinando o espaço urbano, a noite, mais que o dia, oferecia mais possibilidades de transgressão, insegurança e perigo àqueles que, incitados, agiam em busca do prazer corpóreo. Aliás, se na cultura judaico-cristã que rege o mundo ocidental, a vida em si já é o lugar do pecado, a noite é o momento identificado com sua plenitude.

A moça donzela, embora pobre, que quisesse preservar a honra através da virgindade e de uma boa reputação, não iria se imiscuir na área em torno da Igreja de São Benedito. Ali era território das *curicas*, que se relacionavam com soldados da Polícia e do Exército, na verdade ponto de *pegação* e de preliminares eróticas para cópulas furtivas em matagais ou em algum chatô nas proximidades do *Morro do Querosene*.

Na antiga Rua Grande (Álvaro Mendes), por trás do Colégio das Irmãs era espaço de práticas homoeróticas de rapazes jovens de classe média. O tabu da virgindade e as dificuldades de um jovem ter relação heterossexual que não fosse pagando uma prostituta ou conquistando uma *curica*, a qual preferia um soldado a um rapaz de classe média, certamente contribuía para facilitar as relações homoeróticas entre alguns. Ali aconteciam as seduções e as conquistas, resultando em acordos para coitos furtivos num espaço conhecido por eles como "*ninho da cascavel*", um matagal localizado por trás do Hospital Getúlio Vargas. O local recebia esse nome pitoresco porque, algumas vezes, o ato sexual era interrompido pelo som assustador do chocalho de uma cobra cascavel, quando então, agente e paciente corriam, com as roupas nas mãos ou se vestindo às pressas.[87]

Foi também à noite, no dia 18 de outubro de 1959 que, segundo Josefa de Jesus Oliveira, após sair de uma novena na capela do Aterro, quando seu namorado João Moreno[88] a convidou para irem juntos a um bar, que ficava nas proximidades. No entanto, passaram do estabelecimento combinado num local escuro depois dos trilhos, "Raimundo levantou-lhe a roupa e deitou-a no chão e a deflorou."[89]

Em 1956, Eurípedes Rosa da Silva foi acusado por Maria das Dores Chagas de ter-lhe tirado a virgindade, numa noite do mês de agosto, no "corte" dos trilhos. Ao prestar depoimento na *Delegacia de Trânsito e Costumes*, disse o seguinte:

---

[87] Esta informação foi obtida através de entrevista de um funcionário público federal (já falecido), que tinha 70 anos de idade, o qual não permitiu que fosse gravado seu depoimento, nem que sua identidade fosse revelada.
[88] Os nomes dos personagens são fictícios.
[89] Processo-crime: Sedução; 1ª Delegacia de Costumes de Teresina. 1959. p.9.

> Nesse local estiveram abraçados, encostados num porte de iluminação que estava sem luz naquela ocasião, e o depoente procurou evidentemente praticar relações sexuais com a mesma tendo o depoente descido-lhe um pouco a calça e ter mesmo encostado o membro nas partes externas da vagina de Maria da Dores, embora nessa situação, não mantivesse relações sexuais, porque ele não quis.[90]

Seria a noite a mãe de todos os males? Agregado às diversas representações da noite, existem aquelas de conteúdo rústico e representação mística, como a lenda da *Não-se-_Pode* ou *Num-se-Pode.* Era um personagem do folclore noturno na cidade até os anos 1950, a *Maria não se Pode.*

> Manifestava-se ela em forma de mulher muito magra e muto alta, com um pano à cabeça cobrindo-lhe o resto que não a ninguém mostrava. Punha-se no meio do caminho, e ao primeiro transeunte, dizia em voz cavernosa: "Me dá um cigarro, ou não se pode". [91]

Isso ocorria causando medo aos transeuntes noturnos da cidade. Eram eles os notívagos, os vulneráveis ao medo das coisas sobrenaturais como almas penadas, lobisomens e outras marmotas que povoavam o imaginário popular.

Assim a *Maria Não se Pode*, em Teresina, marcou época desde a segunda década do século XX, "causando terror e opressão aos notívagos e boêmios, aos farristas e aos caçadores de festa e de amores poucos lícitos, bem como as donzelas e as velhas beatas que vão à missa"[92]

> Soldados que patrulhavam a cidade, boêmios e demais noctâmbulos que perambulavam à horas mortas da noite, encontravam-se com ela. Uma mulher alta, magra, rosto comprido e orelhas fundas. [...] Sempre trajando vestido branco, bem alvo mesmo e bem comprido que varria o chão por onde passava. Aproxima-se do indivíduo e pedia-lhe um cigarro. Se este perguntava-lhe o nome, ela, numa voz triste e cavernosa, bem compassada e em tonalidade de cansaço, separando-lhe as sílabas respondia:
> - Não se pode! Não se pode! Não se pode... Aí saia caminhando lentamente, e repetindo: não se pode![...]
> Quando ela punha o cigarro na boca começava se esticar...crescia... crescia, crescia. [...] até acender o cigarro lá em cima, no lampião.[93]

Embora a lenda retrate uma cidade à época em que ainda não existia iluminação elétrica, ela vai existir no imaginário de parte da população até as décadas de1940 e 1950 do século XX. E se a masculinidade produz o homem, dentre outras coisas, para também enfrentar o medo da noite, tal lenda deixa explícito seu caráter repressor à sexualidade masculina

---

[90] Processo-crime: Sedução; 1ª Delegacia de Costumes de Teresina. 1959. p.18.
[91] BRITO, O. Bugyja. Jornal do Comércio. 31/01/1952. p.7.
[92] Idem, ibid
[93]IBIAPINA, F. *Paremiologia Nordestina*. p. 70-75.

Mas o desfecho da *Maria Não se Pode* teria sido com um oficial do Batalhão Federal (35º ou 44º B/C) que ficava nas imediações onde se construiu posteriormente o Estádio Lindolfo Monteiro. Ele havia sido transferido para Teresina, afirma Bugyja Brito,

> a bem da disciplina militar, como se considerava naquele tempo, o Piauí, um oficial volante e desordeiro; bohemio e farrista inveterado. Trocava a noite pelo dia, e de revolver à cinta e sempre grogado, frequentava bailes, tambores, prendas e diversões outras dos subúrbios de Teresina, ao tempo muito desertos e cheios até de matas de guabiraba, mufumbo e jurubelas.
> Vindo de uma dessas diversões, sozinho e pela Estrada do gado ou Avenida Circular, de revolver na mão e fumando sempre. Chegando no Paquetá, onde hoje tem um conjunto de belas residências, na Avenida Frei Serafim, a visagem tomou o caminho do tenente e disse-lhe:
> - "Passa o cigarro para mim ou Não se Pode". . .
> E ele então retrucou já zangado:
> -"porque não se pode?".
> Então você não passa falou a visagem.[94]

O militar disparou 2 tiros na visão e ela começou a correr velozmente e o tenente atrás desejoso de pegar o pano da cabeça que tremulava ao vento. Ele então percebeu que ela o levava rumo ao cemitério que ficava dentro de um matagal. Chegando ao portão a *Num se Pode* arrancou o pano e mostrou a cara horrorosa ao tenente que tomado pela emoção e mudo detonou mais 3 tiros e deu um grito apavorado e caiu, sem sentidos no chão. Com o barulho, a guarda da cadeia veio em socorro do tenente, encontrando-o desacordado e frio de medo. Levaram-no e quase sem poder falar explicou o que havia acontecido.

O resultado desse episódio foi que a *Não se Pode* deixou de aparecer, porque teve seu encanto quebrado, era o que dizia o povo. "O tenente deixou a boemia, casou-se e nunca mais andou perambulando pela rua em horas mortas da noite." [95] Esse fato teria acontecido por volta de 1918, mas a *Não se Pode* e o medo dela povoaram o imaginário dos boêmios até a década de 1950.

Outros perigos reais expunham as pessoas dos bairros da periferia que tinham como lazeres noturnos as festas e os tambores. Soldados do Exército, alcoolizados, costumavam invadir os locais desse tipo de entretenimento, provocando badernas e ameaçando os presentes.

O *Jornal do Comércio*, na sua edição do 23/03/1952, fazia um apelo ao comandante do *25º BC,* Odilon Siqueira, no sentido de tomar providências não somente por parte dele, o

[94] Jornal do Comércio, 31/01/1952. p. 7.
[95] Jornal do Comércio, 31/01/1952. p. 7.

comandante, mas de toda a sua oficialidade para conter a onda de distúrbios provocada pelos soldados daquela corporação. Acontecia principalmente nos dias de pagamento dos soldos:

> Soldados envergando o verde oliva, provocam os maiores distúrbios nos bairros suburbanos desta capital [...] principalmente, à noite, sábados e domingos quando um grupo de 5,8 e até mais percorrem as ruas, espancando quem encontram nos caminhos, empunhando armas, notadamente facas de 50 e 60 centímetros de tamanho. Por outro lado, as famílias pobres de alguns subúrbios se queixam de não poderem promover festas em suas residências, mesmo que estas sejam de um aniversário ou casamento, pois quando menos esperam, são suas casas invadidas por soldados do 25º B/C, sendo que muitos deles vindos de outros lugares em estado de embriaguês.

Mesmo que o proprietário da casa reclamasse procurando barrar o ato de invasão e vandalismo, a diversão era automaticamente acabada a troco de pancadaria.

Como o namoro ocorria sob a mira do julgamento social, e se esse relacionamento se tornava mais sério e duradouro, deveria ser sinalizado com um pedido da mão da moça em casamento, uma forma de demonstrar a boa intenção do rapaz e, parcialmente segurar o falatório sobre a reputação desta. Se o namoro, porém, não era do consentimento dos pais da jovem, estes, geralmente, passavam a exercer um controle dos passos dela na vida cotidiana.

Encontros clandestinos passavam a ser a prática mais comum, sempre intermediado por um "tocador de trombone" ou alcoviteiro, como forma de burlar a vigilância dos pais.

Assim, para forçar uma situação que não era desejada pela família, a moça com a ajuda de alcoviteiras consentia o "rapto". O namorado mandava o recado para encontrarem-se em determinado lugar para fugirem. Às vezes eram acompanhados por amigos. A moça era colocada na casa de uma pessoa de reputação inquestionável, ou até mesmo de uma autoridade. Os pais eram comunicados e, no dia seguinte, realizava-se o casamento, sem festa, e sem proclamas.

Na maioria dos *"raptos,"* o rapaz não chegava a ter relações sexuais com a moça antes do casamento, colocava-a na casa de uma família de confiança como demonstração de sua boa intenção. Entretanto, só o fato de uma moça ter fugido à noite com o namorado já era motivo para comentários públicos. Portanto, o casamento era nessa situação a única forma de limpar o nome da moça e preservar o nome da família, que preferia ter uma filha cujo casamento era a contragosto a tê-la falada dentro de casa.

Se o rapaz não reparasse o ato ilícito por ele praticado, passava a ser perseguido pela família da moça e a responder a processo criminal, podendo ser enquadrado em várias categorias de delito como: sedução, rapto, favorecimento à prostituição.

corpo parece evidente, mas,
definitivamente, nada
é mais inapreensível.
Ele nunca é um lado
Indiscutível, mas o
efeito de uma construção
social e cultural
(***David Breton***)

3 CORPOS VIGIADOS

Todo ser humano é constituído de corpo e alma. É através do corpo, ainda em gestação na barriga da mãe, que o homem começa a ser modelado segundo os valores vigentes de sua cultura. São eles que vão atravessar o corpo biológico, imputando-lhe identidades diversas, na relação com os outros corpos em sociedade. O corpo é mais que um sistema biológico que em circunstâncias econômico-sociais nasce, cresce, vive, sobrevive, adoece e morre. É um território de significações morais, estéticas, religiosas, sexuais, econômicas, políticas etc., que acumula historicidades: "Nesse sentido o corpo é o próprio homem e como tal não pode ser somente um objeto, mas sim o sujeito, o produtor e o criador da história."[96]

O corpo é um campo sensitivo, através do qual se experimentam sensações de prazer, dor, cansaço, força, fraqueza. É nele que se constroem as noções de honra, pureza, perfídia, limpeza, pudor, beleza e poder, as quais produzem emoções e fixam sentimentos. O corpo então passa a agir como expressão da alma, definindo o homem a partir dessa dupla dimensão.

A alma é a expressão da cultura, o corpo é a sua morada, território onde se processam experiências que definem os modos de viver, ou seja, as condições concretas da corporeidade que permitem perceber o que o próprio corpo significa em todas as situações, reconhecendo "todas as nossas intenções, tanto as que vão expressas nas palavras, como as que vão incluídas no tom da voz, nos gestos, nos olhares, na expressão da boca, no jeito do corpo." [97]

Mesmo reconhecendo-se que o corpo é um suporte dos signos sociais, não se pode enxergá-lo apenas como um objeto inscrito na categoria do jurídico, do social, da estética, da sexualidade e da religião, sendo julgado e classificado como feio ou bonito, forte ou fraco, bom ou ruim, puro ou impuro, sexual ou assexuado, viril ou impotente, novo ou velho, rico ou pobre, masculino ou feminino, preto ou branco, sagrado ou profano, alto ou baixo, gordo ou magro... E a partir daí ser discriminado. O que o corpo fala é o que o social está falando através dele.[98] São as convenções, as representações, as regras, as transgressões que orientam, determinam, controlam e punem-no na forma de se mover no seu habitat social e cultural.

---

[96] MEDINA, João Paulo S. *O Brasileiro e seu Corpo*. 1991. p .24
[97] GAIARSA, José A. *O que é Corpo*. 2002, p. 23-24
[98] MEDINA, op. Cit. 1991, p.68

A sociedade, historicamente, vem investindo contra o poder do corpo, criando mecanismos para controlá-lo, com o objetivo de assim manter o controle sobre todo o corpo social. Entretanto, afirma Foucault:

> Não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos. [...] Mas a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor...[99]

Nesse sentido, o corpo humano não pode ser compreendido isoladamente na sociedade, mas a partir de suas relações que fazem do homem um ser social e cultural, possuidor de vários corpos: sadio, doente, sagrado, político, marginalizado, belo, sedutor, viril, pérfido etc., que se movem na sociedade sendo objeto e sujeito da transformação.

3.1 Diversão Vigiada

Com mais de três décadas do fim do Império, Teresina continuava com muitos traços provincianos, "guardando alguns aspectos de uma cidade interiorana, que cultiva relações muito sintonizadas com certa tranquilidade do viver no sertão."[100] Mas, enquanto a República consolidava-se entre nós, desenvolvia-se um processo de transformações em todos os sentidos. Os indivíduos começavam a ousar libertar-se da influência da religião, da família, da comunidade com seus códigos de moralidade e contenção dos corpos, em sociedade. As relações entre homens e mulheres que resultavam em modelos de identidade fechados, vão se dissociando, dando lugar a processos de construção de identidades plurais. "Os casais começam a se escolher porque as relações matrimoniais tinham de ser fundadas no sentimento recíproco. O casamento de conveniência passa a ser vergonhoso, e o amor... Bem, o amor não é mais uma ideia romântica, mas o cimento de uma relação."[101]

Embora superando alguns tabus da condição feminina na sociedade, como aquele em que o espaço público pertence ao homem, e o privado destina-se à mulher, o feminismo de então ainda não havia conseguido alterar as relações de gênero no que diz respeito à igualdade de

---

[99] FOUCAUL, Michel. *Microfísica do Poder*. 1996, p.146.
[100] SANTO NETO, Antonio Fonseca (org.). *Teresina 160 Anos*. 2012; p. 169.
[101] DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. 2006; p.72.

direito à escolaridade de filhos e filhas no interior das famílias com melhores condições socioeconômica. Ainda era imperativo o modelo tradicional da representação da mulher na sociedade, inviabilizando a possibilidade de as filhas obterem uma formação superior:

> Sob a percepção de que as mulheres deveriam casar e desempenhar o papel de mãe, esposa e dona de casa e, em termos profissionais, limitar-se à carreira de professora, os recursos das famílias eram investidos, predominantemente, aos filhos. Isto porque, conforme percepção dominante, esses deveriam ser pais e provedores familiares no futuro e, para isso, deveriam confluir os investimentos familiares em educação. Essa forma de perceber os papéis de gênero delineava trajetórias diferentes no que tange a educação formal. Enquanto a trajetória regular dos rapazes da classe média e da alta era a formação de nível superior, em geral, obtida em grandes cidades do Nordeste e do Sudeste do País, a de suas irmãs era, sobretudo cursar o normal em Teresina. [102]

A profissão de professora era uma daquelas profissões que se enquadrava no modelo padrão do papel da mulher na sociedade. Ser professora ou mesmo enfermeira, de acordo com a mentalidade machista, representava a continuidade do papel da mulher como "rainha do lar," que era responsável pela educação dos filhos e ainda tinha que cuidar destes e do marido quando estivessem doentes, sendo assim a enfermeira do lar, além de outras funções domésticas. Para isso era educada. As que tinham a oportunidade de ter uma formação superior, algumas não abriam mão do papel tradicional de casar e ser mãe, conciliando a profissão com as tarefas de dona de casa. As que ousaram priorizar a profissão em detrimento de ser a rainha do lar, algumas tiveram suas vidas destroçadas.[103]

Subjacente a esse tipo de mentalidade, intensificava-se um processo de transformações comportamentais, sobretudo, na juventude, gerando transgressões as quais sofriam sansões sociais dos setores mais conservadores da sociedade.

Loucuras da Juventude

B. Ribeiro Gonçalves

> Nasce da recordação uma saudade,
> que com o tempo se pode esquecê-la,
> mas se vai sentindo com severidade
> o rigor do tempo para se vencê-la.

[102] CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Identidade de Gênero: Amor e Casamento em Teresina (1920 - 1960).* Tese de Doutorado/ Universidade Federal Fluminense, 2010; p. 72
[103] CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Múltiplas e Singulares.* 2003

É que ela deixa a alma contundida,
pelo travo que ficou da emoção,
de alguma coisa que era esquecida
e que chegou atroz à imaginação.

Revelando juventude buliçosa,
bem povoada de sonhos cor de rosa,
que foram gastos em tristes aventuras.

E quando o fruteiro chega sem banana,
mais ricas não são as esperanças,
para quem teve vida de farra e loucuras.[104]

Não é extemporânea a poesia versada pelo seu autor em 1969, porque ele refere-se, certamente, a seus tempo de juventude à época dos *anos dourados.*. Sonhar, todo mundo sonha, e transgredir é próprio da juventude. Os olhares de quem já passou dessa fase vão ser quase sempre reprovativos e conservadores em relação a novas formas com que os jovens veem o mundo e se relacionam com ele. Criam-se os discursos e outros mecanismos de controle social, alguns oriundos do Estado e das Igrejas.

Apesar do fim do *padroado*, com a proclamação da República, a Igreja continuava tendo importância fundamental na formação das mentalidades e dos comportamentos como fizera por todo o período colonial e imperial no Brasil. A sua doutrina social continuava conservadora, recheada de mecanismos de controle social, apesar de Estado e sociedade serem laicos. Um desses mecanismos era ousar controlar o que a população podia ler, lançando uma espécie de *Índex* recomendando livros e periódicos que deveriam ser censurados, como se não bastasse a censura oriunda do regime de exceção chamado Estado Novo e os seguintes governos ditatoriais.

Uma sociedade de tradição judaico-cristã ressentia-se do caráter opressor da Igreja Cristã que, por mais de três séculos, teve ou pretendia ter o controle na formação dos almas através do sistema de padroado. Com mais de quatro décadas do fim desse regime, continuava, através de sua doutrina social, procurando controlar os corpos sob pretexto de estar defendendo a fé. Para isso, o *Departamento Nacional de Defesa da Fé e da Moral* publicou uma espécie de Índex de "jornais e revistas que nenhum católico pode ler sem comprometer a fé." Classificava assim os periódicos:

[104] Jornal Estado do Piauí. 6/03/1969; p.1

“ **Revistas Indecentes**:

Sorriso
Polícia
Clube dos Amores
Grande Hotel
O Governador
Bom Humor
Marmita
Radar
Revista do Rádio
A Cena Muda
Revista dos Namorados
Cinderela
O Riso
Idílio
Encanto

- **Revistas Infantis de quadrinho, desaconselháveis para crianças**
porque fomentam o crime,
o roubo, perturbam a fantasia, etc.
As principais são as seguintes:
Globo Juvenil
Xuxá Junior
Pequeno Sherife
Super X
Superman
Novo Globo Juvenil
X-9
O Herói
Shazam
Gibi Mensal
Edição Maravilhosa
Policial em revista
Cômico colegial
O Lobinho
Quem foi
Raio Vermelho.
- Revistas Mundanas desaconselháveis:
O cruzeiro
Revista da Semana
Revista do Globo
Carioca
Cigarra
Alternativa

- Revista de Sport inofensivas:
O Tico-Tico
BilheKen
Cirandinha
O Bamba
O Jornalzinho
O Sezinho.

- Revista de Orientação Anticlerical (veladamente):
Ciência Popular.

> **- Outras Revistas inofensivas:**
> Seleção
> A Casa
> Revista do Lar
> Panorama
> Vida Doméstica
> Observador Econômico.[105]

Passados quase trinta dias, certamente pela repercussão social, a favor e contra o "Índex", *O Dominical* voltou com uma matéria sobre a leitura. Daquela vez, recomendando o que deveria ser lido pela sociedade:

> Existe um livro único inesgotável, onde tudo de Deus e do homem, se acha dito. Deus em toda parte presente, ali se revela sob todos os aspectos em que nos é permitido entrever seu mistério, e o homem ali se reconhece desde suas aspirações mais sublimes até aquelas zonas obscuras da consciência, em que nós nos sentimos sangrar ainda a ferida original do pecado. Se acima de tudo uma mensagem religiosa emana da Bíblia, a mensagem única da verdade revelada, os conhecimentos humanos e as atividades do espírito encontram ali também alimento de uma riqueza sem cessar renovada, pois a poesia, a História, a Geografia, a Sociologia muito têm a aprender com ela.[106]

A Igreja se imiscuía ainda sobre vários outros aspectos da vida social, como os *jogos de azar.* Sob esse tipo de pressão, o então Ministro da Justiça Negrão de Lima havia emitido um telegrama às autoridades dos estados no sentido de pôr fim os jogos de azar. Dizia o principal trecho da missiva: *"No sentido de reprimir e debelar, de vez, esse flagelo da sociedade: o jogo."*[107] *O Dominical* assim se expressou: "Esperamos que, desta vez, seja realmente reprimida – para a tranquilidade e felicidade da família teresinense – a prática dos jogos de azar nesta cidade!..." [108]

O mesmo jornal fala de anúncios, segundo seus editores, considerados indecentes. O Pe. A. P. Nunes recorria a uma nota, publicada no *Jornal A Tribuna de Campinas*, da Associação das Senhoras Católicas da Suíça, que dizia:

> *Quer se trate de reclame de sapatos ou de meias, - diz a proclamação – de roupas branca, de mantos ou de qualquer outra coisa, sempre o reclame se faz a custa de decência e da dignidade da mulher. Senhoras, vós sois as compradoras! Não compreis artigos cuja propaganda se faz com anúncios indecentes; boicotai o reclame imoral*

[105] Jornal O Dominical. 4/01/1953; p.2.
[106] Idem.05/04/1953; p.1
[107] Idem. 25/012/1953; p.2
[108] Idem, ibid. p.2.

> Trata-se, como se vê, de um protesto bem oportuno contra a exploração vergonhosa de jornais e revistas e de casas comerciais representando figuras de mulheres em posição indecente e mesmo escandalosa a fim de que os produtos tenham saída.[109]

A tentativa de boicotar certos produtos comerciais a partir da posição em que os corpos das modelos eram expostos para melhor apresentar as mercadorias denota que as expressões corporais fotografadas incomodavam os/as pudicos/as religiosos, sendo objeto de críticas e tentativas de interdições das vendas daqueles produtos. O corpo feminino como linguagem, falando comercialmente e, ao mesmo tempo, sendo lido pelo viés moral. O corpo, no seu simbolismo, falando o que o social falava. De suas liberdades ou de seus interditos, econômicos, morais, religiosos, sexuais etc.

A cidade, no que diz respeito a lazer e entretenimento, ainda era muito limitada. A juventude teresinense inventava certas diversões. Os piqueniques eram uma das formas mais recorrentes de os jovens se encontrarem. Aconteciam, sempre aos domingos ou feriados, nos quintais e chácaras onde existissem pomares geradores de sombras suficientes para proteger os organizadores e convidados. Os comes e bebes eram produzidos ali mesmo. O almoço acompanhado de bebidas à base de frutas: sucos ou bate-bate de maracujá. Quase todos, aconteciam ao som musical de eletrolas ou radiolas, ou mesmo, violonistas ou sanfoneiros. Naqueles lugares, de chão batido, à sobra de mangueiras, cajueiros, umbuzeiros, sob o olhar vigilante de pessoas adultas como os pais, algum outro parente ou vizinhos mexeriqueiros, os *flertes* aconteciam assim mesmo Em alguns casos evoluindo para um namoro. Aliás, além dos encontros entre amigos/as, este era um dos sentidos dos piqueniques. Havia também os piqueniques literalmente familiares, quando os membros de uma mesma família se reuniam em algum lugar como forma de entretenimento. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro relembra com saudade um daqueles momentos:

> Aos domingos acordávamos de madrugada, tomávamos café, apanhávamos as cestas já preparadas para o *pic-nic* e saíamos para o rio. Levantávamos ainda com o frio da madrugada e, ao amanhecer atravessávamos com o canoeiro de aluguel para uma das coroas – aquela onde a praia arenosa não ficava sobre o perigo da proximidade do canal – e estávamos prontos para enfrentar o sol e as águas do rio. Tia Edith exumava do baú o *maillot* de banho de sua temporada de 1929 em Ipanema, traje inteiriço, com sobressaia; Tio João punha o calção e camisa de meia listrada que usava na praia do Mosqueiro. Eu e o pequeno João Paulo usávamos calções de brim. O meu era da aula de ginástica e brincávamos na areia e nos atirávamos nas águas do rio. A correnteza era por vezes forte

[109] Idem. 25/12/1953; p. 2.

> o que exigia cuidados. [...] Quando chegava a fome, comíamos sanduíches, bolos e chupávamos laranjas ou cajus. Tio João levava sempre uma garrafa com as sua mistura de cachaça com limão. Quando o sol já ia alto e ficava muito forte, tomávamos o caminha de volta. Para mim, que não conhecia o mar, o banho no rio parecia algo de muito especial. Talvez até melhor que o mar, onde a água é salgada...Era uma consolação.[110]

Outra forma de lazer, principalmente para aqueles de pouca condição financeira, era colher frutos silvestres. As *guabirabas* [111]eram as mais procuradas, pelo seu sabor delicioso e pela abundância nos arredores da cidade. Iam aqueles grupos de jovens, do sexo masculino e do feminino colher quabiraba. Às vezes, na companhia de adultos:

> E daí criou-se moda e depois até criaram uma certa brincadeira que deu mal gosto, que algumas moças iam e voltavam...pelo menos não voltavam mais o que eram, aquela coisa toda. E aí quando havia uma certa crítica aqui no bairro, "fulana foi caçar *guabiraba*", já sabiam que a pessoa tinha se perdido. O raciocínio deles era esse." [...] Iam com os rapazes e aí, quando havia alguma coisa que não era necessário a ser, e aí o sujeito dizia "essa se perdeu nas *guabirabas"*[112]

Ficou estigmatizado aquele tipo de entretenimento. Jovens que prezavam pela boa conduta de moça donzela, tida para casar, cuja identidade social assegurava para si e para a família a condição de honradez, não iria correr o risco de ter seu nome e de sua família maculados pelo falatório popular, tendo seu nome exposto à condição de reputação duvidosa. Não bastava apenas ser virgem e imaculada. Tinha-se que parecer virgem e imaculada para a sociedade. Caso contrário, esta lhe impunha sanção social, através de comentários maldosos, sobre sua conduta e a consequente perda de identidade de moça direita, pura, para a de uma mulher desvirginada, prostituída. O corpo feminino era subjugado pela opinião pública. Brincar de procurar guabiraba só na companhia de pessoas adultas e de confiabilidade inquestionável, de preferência, membros da família.

---

[110] MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo, Rua da Glória. V.4. 2015; p.328.
[111] *Guabiraba* é uma fruta silvestre, nativa da região que não precisava ser irrigada; de doce sabor inigualável. Tem de cor amarela e de coloração escura como jambo. Era encontrada com facilidade bem próximo ao perímetro urbano, com outros frutos silvestres como *criolí, maria preta, araçá*.
[112] QUEIROZ, Áurea (org.) *Vieira Toranga – Teresina, meu lugar ao sol.* 2011; p. 54.

Foto 6 - Povo em festa do Centenário de Teresina – 1952
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

A alta sociedade tinha seus lazeres e entretenimentos mais voltados para os clubes, teatro e cinemas. A classe de jornalistas primavam pela estética do corpo e davam notoriedade a vários acontecimentos que valorizavam primordialmente os corpos mas sua dimensão estética, mas também, pecuniária, moral e sexual. A década de 1950 ficou marcada por vários tipos de concurso que valorizavam a estética do corpo, como o concurso da *Rainha do Centenário, Rainha dos Estudantes, Rainha do Liceu Piauiense,* além dos badalados e concorridíssimos concursos de *miss*.

No ano de 1952, todas as atenções se voltavam para as festividades do aniversário de 100 anos da capital.

> O centenário de Teresina é comemorado de forma digna, à altura de seu povo e de sua representação política e social. Houve toda uma programação organizada para saudar a chegada do aniversário de um século de vida da cidade. A imprensa sempre colaborando em festas comemorativas como essas, ajuda a engrandecer esse fato histórico. [...] Às sete horas da manhã, as tropas do Exército e da Polícia Militar desfilaram pelas principais praças e ruas de Teresina [...] Às oito horas, hasteou-se a bandeira nacional em todos os departamentos públicos federais, municipais, estaduais e autárquicos. Dando continuidade, a missa campal em ação de graças, à porta da igreja N. S. do Amparo. Missa celebrada por Sua Excelência Reverendíssima Dom Severino Vieira de Melo, bispo de Teresina, com a presença de autoridades federais, estaduais, municipais, além do povo da capital. [113]

[113] SANTOS NETO, Antônio Fonseca dos. Op. Cit. P. 169.

Dentro da vasta programação comemorativa, um ponto chamava atenção da sociedade: o *Concurso de Rainha do Centenário de Teresina*. As candidatas eram escolhidas entre as moças de destaque na sociedade pela presença, espírito, educação, nível intelectual e beleza física. Poderiam indicar candidatas os clubes sociais, entidades de classes, a imprensa e os estudantes. As jovens deveriam ainda residir em Teresina. A Rainha não seria, necessariamente, a mais bonita, mais bela e julgada por isso, mas aquela que obtivesse o maior número de pontos vendidos através de cartões impressos e autenticados com carimbo da Prefeitura Municipal de Teresina.

Os jornais publicavam cupons com a validade de um voto de incentivo, visto como não representando valor monetário para a comissão do Centenário:

> Terão validade na contagem da apuração. Cada voto era vendido ao público ao preço de Cr$ 1,00 (um cruzeiro). Os cartões para voto deveriam ser preenchidos pelo vendedor com a indicação de voto. A venda de cartões eram feitas pelas comissões de senhoras e senhoritas, e recolhida em urnas que eram colocadas à entrada da Casa Anísio Brito, Clube dos Diários, River Atlético Clube, Bar Americano. Entre 14 de julho até 12 de agosto daquele ano eram procedidas apurações parciais em local e hora previamente determinados.[114]

O concurso foi instituído pela Comissão Organizadora das Festividades comemorativas do 1º Centenário de Teresina com a finalidade de angariar fundos para auxiliar nas despesas com as festividades do programa elaborado. A organização do certame ficou sob a responsabilidade do *Jornal do Comércio* que solicitava a colaboração dos demais órgãos da imprensa local. A comissão presidida pelo Sr. Bento Clarindo Bastos era constituída por mais 21 pessoas entre senhoras, senhoritas da sociedade e jornalistas e escritores. A Comissão Apuradora era constituída pelo prefeito João Mendes Olímpio de Melo (presidente) e Luiz Nodge Nogueira, João Franco Filho, Durvalino Couto e dois jornalistas.

O resultado de cada apuração parcial movimentava e incentivava a campanha, financeiramente. Ainda eram promovidas festas adicionais com serviço de bar. Seria proclamada Rainha do Centenário aquela que obtivesse a maior pontuação, e duas princesas da Cidade Verde, aquelas que ficariam em segundo e terceiro lugares. As eleitas receberiam prêmios das principais firmas da cidade, da imprensa e autoridades civis e militares. As primeiras eram coroadas

[114] Jornal A Cidade. 06/07/1952

juntamente com a Rainha no dia 16 de agosto e se obrigavam a abrilhantar as festividades centenárias com a Rainha. A jovem Teresa Tajra foi eleita Rainha do Centenário de Teresina.

Foto 7 - Teresa Tajra – Rainha do Centenário de Teresina
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Também no início daquela década, outro concurso de beleza feminina chamou atenção: o de Rainha dos Estudantes. Concorrendo com várias candidatas, jovens e belas, representantes dos mais diversos educandários de Teresina, Teresinha Vilarinho foi eleita Rainha dos Estudantes teresinenses para o biênio 1951/1952. No entanto, 12 anos depois, sua vida chegava ao fim de

forma muito triste. “Teresinha faleceria em 1964, de parto, do seu sétimo filho, por falta de assistência médica, numa dependência da Maternidade São Vicente.”[115]

Foto 8 - Teresinha Vilarinho – Rainha dos Estudantes – 1952
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

E ainda, em 1956, uma outra jovem piauiense teve seu nome marcado na história dos concursos de beleza. Teresinha de Jesus Esteves Alcântara, eleita miss Piauí, fez muito sucesso no Rio de Janeiro, representando oficialmente, pela primeira vez o estado do Piauí no concurso Miss Brasil. Foi capa da revista *O Cruzeiro*, cuja edição vendeu 610 mil exemplares. Suas medidas: altura, 1,70; peso, 60; busto, 91; quadris, 90; coxa, 51 e tornozelo, 21.

[115] SANTOS NETO, Anonio Fonseca dos. Op.cit. p.169

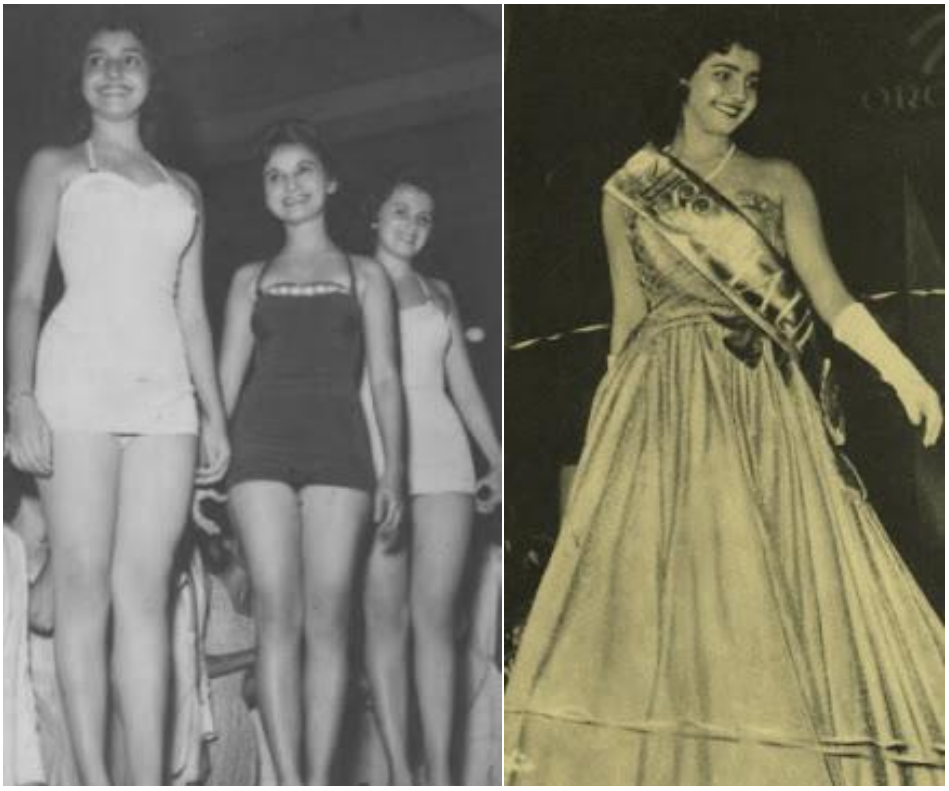

Foto 8 e 9 - Teresinha Alcântara Teresinha Vilarinho – Miss Piauí – 1956
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Os corpos femininos eram expostos como se estivessem numa vitrine, e julgados pela beleza física. As medidas de Teresinha Alcântara denotam o enquadramento do corpo ao perfil padrão de beleza da época, além do atestado de virgindade exigido no início da história desses tipos de concursos.

Uma época em que o corpo era supervalorizado como objeto para ser apreciado do ponto de vista estético. A década de 1950, além dos disputados concursos de misses, de Rainha do Centenário e de Rainha dos Estudantes, o jornalista Paulo José, colunista social, através de sua coluna intitulada *Mudanismo*, dava muita ênfase à estética corporal, promovendo festas focadas nesse sentido. Logo no ínicio da década de 1960, promoveria a *I Noite dos Maiorais Piauienses*" para anunciar:

> os melhores de 1960, nas diferentes atividades: administração pública, jornalismo, rádio, esporte, música, sociedade, medicina, política estadual, classe estudantil, classe sindical e comércio, ocasião que também serão conhecidos a mulher do ano, o rapaz do ano, a anfitriã do ano, a senhora mais elegante, a moça brôto do ano, a moça revelação.[116]

[116] Jornal do Piauí. 03/01/1961. p. 2

A juventude masculina também tinha seus corpos observados e julgados pela sociedade, não pela beleza física apenas, mas, sobretudo, pelo tipo de virilidade visível e atribuída ao corpo masculino como postura, força e, sobretudo, cabelos pelo corpo.

A vigilância aos corpos e conduta dos sujeitos era algo focado tanto às mulheres quanto aos homens. Os lutos biológicos e as decorrentes transformações eram observados, principalmente nos corpos de sujeitos jovens. E daí surgiam uma série de cobranças em relação às transformações do corpo físico e ao comportamento gerador da identidade social e sexual. O corpo na sua composição física biológica seria parte importante dessa identidade social masculinidade e feminina. Para o rapaz:

> Cabelo muito é atestado de masculinidade. Cabelo no peito indica valentia. De modo geral, os cabelos traduzem a força física, tradição, filiada ao episódio de Sansão, com sua poderosa energia muscular, desaparecida no momento em que Dalila fez cortar a maçaroca do Herói. E a trunfa? Foi símbolo de coragem pessoal, como o cacho criado pelos homens do cangaço nordestinos.[117]

Outro tipo de manifestação festiva que envolvia o corpo de forma intensa era o Carnaval, que já era a festa mais popular na cidade. E, por isso mesmo, exigia mais vigilância por parte das famílias e poder público. No ano de 1954, já se anunciava a programação do carnaval na capital. Ocorreriam bailes em todos os clubes: *Clube dos Diários, River, Botafogo, Auto-Esporte, Teresinense, Terríveis, Piauí, União Artística, Centro Artístico.* Foliões de todas as idades, mas principalmente os jovens desfilariam pelas ruas da cidade iniciando no domingo com o Corso e dezenas de blocos fantasiados.

O carnaval, a festa mais popular do país, era muito festejada em Teresina desde os primeiros anos de sua fundação. Considerada por vários antropólogos e até mesmo historiadores como a festa da negação da ordem, que "tudo" pode, deixando os sujeitos livres para praticarem o que quiserem, é também a festa em que mais se usa o corpo de forma apelativa, do ponto de vista da sensualidade, da estética, do poder econômico, da negação da identidade e da fantasia. Transgridem-se os parâmetros comportamentais oriundos da própria sociedade, das Igrejas e do Estado, e deles recebem as sessões sociais e institucionais.

Apesar do afrontamento das regras legais ou consuetudinárias, tudo acontece com certo limite de tolerância e do ponderável. O Estado não deixa de existir durante o carnaval. Este, através de seus órgãos e agentes, estabelece formas de controle dos corpos que também são

[117] TITO FILHO, A. *Cabelos* (crônica). Jornal O Dia. .01/12/1989.

formas de não perder o controle do corpo social ou da sociedade em geral. Para isso, é que autoridades estabelecem normas específicas de comportamento durante a festa, como fazia o Chefe de Polícia de Teresina, Waldir de F. Gonçalves, que baixou a portaria N . CP/10, datada do dia 2 de fevereiro de 1954, estabelecendo alguns impedimentos aos brincantes desta festa, visando controlar seus corpos:

> - Os bailes pagos ou não a entrada e os cabarés só poderiam com licença prévia da polícia, bem como os ensaios de ranchos, blocos, cordões e outros grupos. E só poderia sair no horário das 14 e 24 horas.
>
> - Ficaram proibidas as fantasias que atingissem a moral pública ou tinha travesti, salvo os casos de pierrôs etc
>
> - Proibido o uso de máscara ou qualquer artifício, exceto pintura, que modificassem o aspecto da face, impossibilitando a identificação da pessoa. Proibia-se, portanto um dos aspectos fundamentais da festa de momo que é, através da fantasia, mudar de identidade.
>
> - As canções e estandartes dos clubes, blocos, cordões e outros grupos tinham que passar por uma censura prévia da Polícia.
>
> - Proibiam-se também agremiações de grupos carnavalescos de passarem pelas calçadas das ruas centrais, e a entrada em bares e casas comerciais.
>
> - Não seriam toleradas fantasias que fizessem qualquer alusão pouco suspeitosa a qualquer autoridade ou corporação do país e alegorias que se constituíssem em desrespeito ao governo das nações amigas.
>
> - Proibia-se aos clubes e casas de diversão a venda de produtos que tivessem por base substâncias tais como cloreto de etila (éter clorídrico, óxido de etila) capazes de produzir excitação e embriaguez.
>
> - Os que fossem encontrados com lança-perfume sorvendo diretamente ou por meio de lenço ou algodão seriam impostos essas penalidades severas.
>
> - Só era permitido a venda das seguintes bebidas nos dias de carnaval: champagne, cerveja, guaraná, coca-cola e bebidas semelhantes. Ficando proibido a venda das demais bebidas alcoólicas, notadamente, tiquira, genebra, gim e semelhantes. Ficara proibido também qualquer elevação dos preços das bebidas.
>
> - Ficavam proibidas as fantasias, nos bailes e nos corsos, de maltrapilhos, à guisa dos blocos, empunhando latas, fragmentos de madeira ou outros objetos que pudessem machucar alguém.
>
> - Também não eram toleradas fantasias de quaisquer imitações de uniformes ou insígnias de autoridades ou corporações oficiais ou religiosas.
>
> - Os bailes iniciavam às 21 horas podendo se prolongar até às 5 horas da manhã. [118]

Contradizendo todas essas proibições e censuras, o Jornal do Piauí dia 28 de fevereiro, domingo de Carnaval, publicava uma espécie de manifesto da folia momina, convocando a

[118] Jornal do Piauí, 25/02/1954; p.3.

população a suspender todas as barreiras geradoras de discriminações e preconceitos, dizendo que o:

> Rei Momo tomou conta da cidade de Teresina[. . .] E todos os recantos da capital piauiense estão sendo prestadas inconfundíveis homenagens ao Rei da Folia [. . .] A sua chegada o Rei Momo decretou o desaparecimento dos preconceitos raciais e sociais, as convenções ridículas e insustentáveis que os homens conservam do passado sem demonstração dos conflitos que desencadeiam nos sentimentos de nossa população, arrastada pelos imperativos da sua inclinação festeira aos dias de Carnaval. Determinou ainda que os homens se afaste de seus instintos de perversidade e egoísmo, para que não haja a hipertrofia de sua formação social e cultural.[119]

O Carnaval é a festa da fantasia, do corpo e da sensualidade, impregnada de lirismo, mudando a lógica das coisas, colocando-as pelo avesso. É um momento irreverente, em que não há lugar para tristezas, preocupações, hierarquias, nem segregação racial. Tudo, porém, nos limites possíveis da descontração da ordem cotidiana cujos suportes são parcialmente e temporariamente suspensos, cedendo lugar para o reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância.

Em Teresina, como em todo o mundo ocidental, o Tríduo de Mouro tem sido uma festa lúdica, caracterizada pelo espírito irreverente e envolvente, em que os participantes são contagiados pela ansiedade, estimuladas pelos desejos, pela utopia e pela liberdade de poderem fazer em três dias tudo aquilo que não lhes é permitido durante todo o ano:

> O momento que antecede o Carnaval são tempos de espera, psicologicamente recheados de traços fantasiosos, narcisistas, sensuais, quase erótico, cujas interdições eram resultantes do pudor baseado na moral cristã e que somente o carnaval é capaz de superá-la.[120]

O corpo é nessa festa o instrumento de práticas transgressoras dessa moral. É o corpo que ostenta uma fantasia opulenta, demonstrando poder econômico de quem ostenta. É o corpo que produz expressões corporais objeto de admiração e aplausos de quem assiste à exibição. E expressa sensualidades e desejos de quem o admira, pela sua estética e formas expostas emolduradas pelas fantasias criadas intencionalmente com esse fim.

A sociedade, no seu todo, se rende aos festejos mominos, cedendo lugar a formas de manifestações diversas, em que os excessos, quase sempre, são relativizados, porque é carnaval.

---

[119] Jornal do Piauí, dia 28 de fevereiro,/ 1954.
[120] SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O Carnaval em Teresina. IN: EUGÊNIO, João Kennedy. História de Vário Feitio e Circunstância. 2001. p.83

O carnaval não faz distinção entre atores e expectadores; todos são envolvidos pelo seu espírito. Na opinião de Mikhail Bakhtim:

> Os espectadores não assistiam o carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela pois o carnaval não tem nenhuma fronteira especial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da liberdade.

No que pesem todas essas características, o carnaval, entretanto, não somente se mantém dentro da sociedade global, como também é limitado por esta: "Todos os excessos ou desvios são, teoricamente, punidos pelas forças da ordem que asseguram a realização da festa. Aliás o Estado e a nação não deixam de existir durante esse período".[121]

Estabelecia-se o percurso do Corso, determinando a saída, as ruas a serem percorridas e local da chegada. Era a Secretaria de Trânsito e Costumes que fazia a inscrição dos veículos que participavam dessa forma de se brincar o carnaval itinerante. Era ainda a Secretaria de Costumes que fornecia os alvarás para a realização dos bailes carnavalescos, como também baixava portarias, dando publicidade ao público daquilo que era permitido e proibido durante os festejos de momo, tipo acesso de menores aos bailes noturnos, bem como a ingerência de bebidas alcoólicas por estes, e o uso de lança perfume, como entorpecente.

Observa-se que a formação da identidade dos festejos mominos em Teresina dá-se a partir da incorporação das diversas formas de representação do carnaval carioca: o entrudo, baile de máscaras, corso, blocos de sujo, blocos de sociedade e as escolas de samba, a partir de 1949. Tal observação nega, pelo menos nesse aspecto, a assertiva da forte influência cultural que Recife exercia sobre a capital do Piauí, através da proximidade e do "grande número de jovens, sobretudo das classes abastadas, que se deslocam até aquela capital para cursar a Faculdade de Direito, durante as primeiras décadas do século XX".[122]

Apesar do afrouxamento das regras legais ou consuetudinárias, tudo acontece com um certo limite da tolerância e do ponderável. O Estado não deixa de existir durante a festa e seus agentes estabelecem formas de controle dos corpos que também são formas de não perder o controle do corpo social ou da sociedade em geral. Para isso é que autoridades estabelecem normas específicas de comportamento durante as festas, como o Chefe de Polícia de Teresina,

---

[121] SÁ FILHO. *O Estado e a Ordem no Carnaval* , Jornal o Estado 09/10/11 de fevereiro de 1997.
[122] SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O Carnaval em Teresina. IN: EUGÊNIO, João Kennedy. História de Vario Feitio e Circunstância. 2001. p.83

Waldir de F. Gonçalves, que baixou a Portaria N. CP/10, datada do 02 de fevereiro de 1954, estabelecendo alguns impedimentos aos brincantes dessa festa que visam controlar seus corpos.

A fantasia no carnaval representa um elemento da dimensão psicossocial que envolve toda a sociedade. Não é apenas a sua materialidade através da vestimenta e adereço, é a capacidade de transcender a realidade cotidiana para o mundo da imaginação. A utopia de ser aquilo que seria irreal. Por exemplo, uma favelada virar rainha, ou um homem virar mulher. Aliás, isso é uma das fantasias mais antigas recorrentes pelos homens: fantasiar-se de mulher – o cronista A. Tito filho, fazendo uma analogia do carnaval antigo das décadas de 1930, 40 e 50 com os da década de 1970, afirma que:

> No meu tempo de rapaz, só havia de baitola o animado Bernardo alfaiate, que sempre saía de baiana cheia de enfeites, de vistosos adornos na cabeça, mas sem peitos. Aplaudidíssimo. Agora o carnaval se faz com viados e bumbuns. Cada maricas de seio e salamaleques que dá gosto. As fêmeas de traseiros à mostra e algumas até de boi da cara preta de ninguém botar defeito. Não vi exibição de beleza feminina, mas simples e veemente pornografia.

O cronista deixa de reconhecer que a história dos carnavais no Brasil, do século XX, foi sempre marcada por personagens de identidade pública homossexual como João do Rio, Madame Satã, Clovis Bornay, Arlindo Rodrigues, Rogéria e outros. Estes e outros, ainda que numa visão estereotipada, tiveram ou têm seus nomes associados a grandes espetáculos e festas, dentre elas, o carnaval. A comparação de homossexuais e mulheres com bumbuns à mostra no carnaval à pornografia não deixa de ser uma visão preconceituosa. Contraditoriamente, em outra crônica, o escritor avalia a presença de travesti no carnaval de 1952 como algo normal.

> Domingo verdadeiro delírio. Banda de clarins da Polícia Militar tocou alvorada em frente ao Clube dos Diários. Os foliões saíram pelas ruas, em visita a casa dos amigos. Exibiu-se o travesti Humberto. O Petit Clube deu baile toda a tarde de domingo, na sua sede, situada na praça rio Branco, logradouro em que se verificaram intensas batalhas de lança- perfume e confete.

3.2 Corpo e Honra

O corpo é um território de significações através das formas de representações sociais e do simbolismo que lhe são atribuídos no seio de uma sociedade. É uma construção social e cultural cravejado de significações morais, estéticas, religiosas e sexuais, que vão imputando ao ser humano identidades diversas. “Nesse sentido o corpo é o próprio homem e como tal não pode

ser só objeto, mas sim o sujeito, o produtor e o criador da história."[123] Diversas transgressões expressam aos corpos conceitos morais, objetos de inquéritos policiais, geradores de processos crimes com o intuito de, através da Justiça, reparar o dano moral e punir o seu responsável.

No dia 15 de fevereiro de 1959, Bernardo Lima fez denúncia na *Delegacia de Costumes de Teresina,* contra José Brito, acusando-o de ter seduzido a sua sobrinha M.L.B.L., menor de idade, estudante do curso ginasial noturno, no Colégio Demóstenes Avelino. M.L.B.L. acusava Brito de ter-lhe seduzido e desvirginado, e de quem era empregada em estabelecimento comercial de sua propriedade, no Mercado Público. Um caso típico de romance entre patrão e empregada, ungido por uma relação de poder do mais forte para o mais fraco, embora M.L.B.L., no auto das perguntas que lhe foram feitas, confessasse que:

> No dia cinco de abril do ano findo de mil novecentos e cinqüenta e oito, principiou a namorar com José de Sousa Brito, com quem era empregada, que tudo fazia para não contrariar seu namorado, chegando a permitir que ele a desvirginasse, no dia vinte quatro de dezembro último, o que só permitiu devido as suas reiteradas promessas de casamento que até hoje não se cumpriram [...] que o crime se verificou [...] pelas oito e meia da noite, por trás do Hospital Getúlio Vargas; que as relações se repetiram por diversas vezes, algumas no mesmo lugar do desvirginamento, outra, na rua que passa perto do Colégio das Irmãs.[124]

Observa-se pelo depoimento que o ato sexual foi praticado por diversas vezes, em ambiente externo ao lar e com a anuência da "vítima", ainda que sob promessas de casamento de seu "sedutor". O exame de corpo de delito comprovou que, de fato, M.L.B.L. não era mais virgem. O laudo, assinado pelos médicos legistas Humberto Machado Coelho e Epaminondas de Melo Falcão, diz:

> Feitos os exames julgados necessários, verificamos a existência do seguinte: a fórmula dentária ainda está incompleta, pela ausência dos quatro últimos grandes molares ou dentes de siso; Nas axilas e no púbis há regular quantidade de pêlos, enegrecidos; os seios mais ou menos desenvolvidos, um tanto flácidos, com auréolas mamárias pequenas, normalmente pigmentados e não há colostro à expressão; os órgãos genitais externos tem desenvolvimento proporcional à idade; o hímen normalmente situado, membranoso, é de forma anular, de óstio irregular pela existência de uma ruptura traumática, pequena, incompleta no quadrante posterior esquerdo e outra também incompleta, porém mais larga no quadrante posterior do lado oposto, ambas cicatrizadas, por isso, antigas. Ao exame do ânus, observamos a presença de sinais que evidenciam a prática sodômica, o coito anal por mais de uma vez, observação confirmada pela confissão da examinada.[125]

---

[123] MEDINA, op. Cit. P. 24.
[124] Inquérito Policial. Delegacia de Costumes de Teresina. Arquivo do Tribunal de Justiça - TJ. 1959; p. 05.
[125] Idem. p. 06.

A Medicina Legal era também uma ciência moral, uma forma de imposição social pela difusão do pensamento médico intervindo nos vários temas da sexualidade, uma vez que se constituía em elemento recorrente de reabilitação moral e psicológica não somente da vítima, mas também de todos os seus parentes envolvidos com o drama da suposta sedução. E o exame de corpo de delito, uma peça imprescindível em um processo de crime de sedução ou de estupro, como elemento comprobatório da honra ou ausência desta, representada biologicamente através do hímen, no corpo feminino. A mentalidade social que dava aos homens ampla liberdade sexual e exigia das mulheres a castidade até ao casamento apontando para uma espécie de *himenolatria*.[126]

A criança, segundo Le Breton, leva alguns anos para que "seu corpo esteja inscrito realmente em diferentes dimensões, na teia de significações que cerca e estrutura seu grupo de pertencimento"[127]. A moça, desde criança, vai aprendendo que pertence a um grupo de mulheres que, pela virgindade, tem sua conduta inscrita como moça donzela, de corpo imaculado, pronto para casar, constituir família, e ser mãe, quando passa à tutela do marido. Ser mãe para o padrão tradicional de família é o complemento da feminilidade da mulher. A sociedade passa a cobrar-lhe uma gravidez e a consequente maternidade.

Com a prostituta, seja aquela apenas desvirginada ou a pública[128], não era diferente. A sua conduta social era uma consequência vinculada ao simbolismo do corpo atribuído pela sociedade. A prostituta era aquela cujo corpo não é mais imaculado, mas aquele que foi adulterado pela marca fisiológica, com a ruptura do hímen. Uma simples membrana fisiológica que funcionava como selo de garantia, de legitimidade, de um padrão de qualidade que o homem adquiria com o casamento e a sociedade cobrava como autenticidade.

O sangue funcionava como a prova incontestável dessa autenticidade. Os lençóis manchados de sangue em algumas sociedades mais conservadoras eram expostos publicamente para que se desse o aval da maculação do corpo feminino. Com o casamento, continuava recebendo todo o respeito da sociedade, asseguram-lhe assim a continuidade da identidade de mulher honrada. Agora casada, a honra, antes assegurada pela virgindade do corpo, agora

---

[126] *HIMENOLATRIA*, termo utilizado pela historiadora Sueann Caulfiel, em sua obra *Em Defesa da Honra*, como conceito da importância de preservação intacto do hímen no corpo feminino da mulher solteira como garantia de sua virgindade e condição moral para o casamento ou para assegurar-lhe o trânsito nos espaços de sociabilidades.
[127] LE BRETOM, Davi. *Sociologia do Corpo*. 2011. p. 09.
[128] *Prostituta* era toda mulher solteira que não fosse mais virgem. Perder a virgindade significava ter sido prostituída, embora não comercializasse sexualmente seu corpo. Essa prática era atribuída às prostitutas públicas, ou seja, aquelas consideradas profissionais do sexo.

desvirginado, mas protegido pelo contrato social do casamento, continuava com a respeitabilidade do público. Mesmo desvirginado, o corpo feminino continua com a condição de honrado. A honradez, antes assegurada pela imaculação do corpo fisiológico, mantido pela virgindade, continuava como condição de honradez porque pertencia a um só homem que, pelo casamento, podia tocar, bolinar, deflorar e usufruir sempre que desejar.

A ignorância, algumas vezes, fez com que muitos casamentos fossem desfeitos no primeiro dia. Muitos homens não sabiam que existem hímens complacentes, ou seja, aqueles que não se rompem com a primeira relação sexual. E que, com a primeira penetração do pênis na vagina, não rompe a membrana, o orifício natural se elastece não rasgando-lhe, portanto, não havendo sangramento. E o casamento se desfazia na noite de núpcias. Muitas mulheres não sabiam dessa peculiaridade que seu corpo pode trazer e muitos homens menos ainda. A ignorância de ambos fazia com que o que era prazer e felicidade *a priori* transformasse o casamento em algo dramático, causando a infelicidade para o marido e para a esposa. O homem sentia-se enganado, e a mulher constrangida, envergonhada, e incapaz de comprovar a sua honestidade e honradez a partir de seu corpo.

Aqueles mais ignorantes e machistas chegavam ao cúmulo de devolver a esposa à sua família como que devolvendo um produto adquirido, porque não comprovavam a sua autenticidade. Outros menos machistas não desfaziam o casamento, mas carregavam para sempre esse "trauma" do casamento, às vezes, circunstancialmente, humilhavam as esposas, jogando-lhes na sua cara essa mácula da honra e do casamento, acusando-a de infiel e desonesta antes do casamento, e que pelo mais simples contato social com outros homens poderia ser motivo para a colocar sob suspeição.

Se "o corpo existe na totalidade dos elementos que compõem graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levam o ato assimilar o comportamento social de seu grupo,"[129] basta um elemento transgredido, no caso a virgindade, para causar a quebra da harmonia do corpo físico que é também social e culturalmente simbólico. A honradez, que é algo produzido socialmente, passa a ser atingida, causando ao desonrado(a) sofrimento.

No caso das mulheres solteiras e virgens, quando colocadas sob suspeição, em se tratando das classes populares, a recorrência era o exame de corpo de delito, em que o corpo feminino era examinado por médicos legistas, desde os dentes até às partes pudendas. O laudo

[129] Idem, ibid. p. 09.

médico era o atestado de comprovação ou não da virgindade. Restituía-se à família a honradez, e à mulher, a condição de continuar com a identidade de mulher honrada, pronta para casar, o que lhe assegura aceitação nos espaços de sociabilidades.

Todo tipo de acusação moral que ofendesse a honra feminina, por extensão, atingia, também, a honra dos homens que tivessem ligação direta, de parentesco ou afinidade, com a acusada. Em se tratando de uma mulher solteira, um laudo emitido por médico-legista atestando a manutenção intacta do hímen era tudo que a família precisava para restabelecer sua honradez perante aos familiares e a sociedade..

O *crime de sedução* nos remete para a esfera do campo jurídico, onde o casamento era a solução para os malefícios morais decorrentes da publicização da relação sexual praticada fora dos parâmetros legais do Estado. O matrimônio era também, na esfera religiosa, a reparação para a absolvição do dito pecado carnal. Dessa forma, o casamento civil ou religioso, enquanto contratos sexuais, eram elementos abonadores, perante Deus e a sociedade, do prazer sexual praticado no âmbito do ilícito.

Em seis processos de crimes de sedução pesquisados, constatou-se, através do depoimento de cada vítima, que a promessa de casamento era a estratégia usada por todos os réus para seduzir as vítimas. Como o casamento, sobretudo para as mulheres dos setores mais populares da sociedade, era o objetivo maior em suas vidas, ceder aos desejos sexuais do namorado e sedutor poderia ser, também, uma recorrência estratégica para chegar ao casamento, embora forçado, com o homem desejado.

Ao processo em que Brito foi acusado, foi anexada uma carta que provava a inocência dele, na qual, a "vitima" declarava que o acusou sob pressão da família para obter um bom casamento:

> Brito todos culpados disso foi minha família, e papai sabendo que você é um bom rapaz queria que eu me casasse com você, então força-me dizer que você era o autor apesar de você ser completamente inocente. Brito muitas vezes tive vontade de dizer, perante o juiz, a verdade, mas sei que eram capazes de me matarem, mas é que agora não posso mais suportar, eu sabendo que você não merece, pois você só fez apenas beijar-me, coisas muito comum. [130]

O Promotor Público na sua função de acusador levantou a possibilidade de que a carta como prova material da inocência de Brito pudesse ter sido forjada, mediante suborno à vítima, para inocentar o acusado, pediu a prisão preventiva do mesmo. A acusação do crime, entretanto, foi desqualificada a partir de elementos apresentados em *Carta Precatória* assinada pelo Juiz Dr.

[130] Inquérito POLICIAL. Delegacia de Costumes de Teresina. TJ; 1959; p. 88.

Heli Ferreira Sobral, segundo o qual os argumentos utilizados pela defesa comprovavam que a vítima não era menor de idade, sendo sua data de nascimento, por alguma razão, diminuída na *Certidão de Nascimento*. O *crime de sedução* previsto no *art. 217 do Código Penal* só se caracterizaria se tivesse ocorrido o desvirginamento da suposta vítima, e para que isso ocorresse eram necessários os seguintes requisitos:

> 1) a virgindade da mulher;
> 2) a sua menoridade, isto é, que tenha menos de 18 anos e mais de 14;
> 3) a conjunção carnal.
> ***Virgindade:*** considera-se mulher virgem aquela que ainda não manteve relações sexuais. O laudo pericial demonstra meridianamente a ausência deste crime, quando afirma:
> "A exame do ânus, observamos a presença de sinais que evidenciam a prática sodômica, o coito anal, por mais de uma vez, observação esta confirmada pela confissão da examinada" [...] A suposta vítima dizendo-se seduzida pelo acusado a fim de tirar partido do estado solteiro do mesmo.
> - não é uma jovem recatada, nem inexperiente. Indubitavelmente ela não foi seduzida por quem quer que seja no sentido jurídico, conforme afirma a denúncia, eis que a mesma já era uma pervertida, que se rendeu à vista de seus instintos desvairados. [...] A prática sodômica praticada por parte da suposta vítima constante do laudo pericial, revela corrupção de caráter e tão só as donzelas honestas merecem o apanágio da lei. No caso dos autos a vítima assim procedendo, põe em relevo a sua vida depravada. [131]

O *crime de sedução*, segundo os operadores da Lei, não teria se configurado. Faltaram-lhe pelo menos dois elementos para incriminar Brito como réu: a menoridade da vítima e a comprovação de que teria sido ele o desvirginador. A favor de Brito, a defesa usou a carta que ele recebera da vítima inocentando-o e demonstrando que o namoro que tiveram fora passageiro e superficial, bem como a cicatrização do hímen, segundo o laudo pericial, demonstra que a rotura não era recente, assim como a prática do coito anal. Na peça jurídica apresentada, o advogado de defesa desloca o foco do crime como fato praticado pelo réu para a conduta moral da vítima por ter praticado coito anal considerando-a de compleição moral defeituosa em relação às modalidades de comportamento sexual submisso às convenções e normas morais da sociedade.

O corpo da vítima foi neste caso o objeto maior da discussão. Nele estavam impressas as marcas de prazeres não convencionais as quais foram usadas como provas para enquadrá-lo como corpo pérfido, desonrado, maculado sem pudor; um território de significações plantadas e absorvidas como prova para esvaziar e desqualificar o caráter da vítima. A Justiça ali representada pelos operadores da Lei levou em conta apenas o que era lícito, ou seja, a relação sexual vaginal, mesmo ilegal porque ocorrera fora do casamento, mas moralmente aceita como

[131] Idem, ibid. p. 73.

um prazer normal, e condenando o coito anal, qualificando-o como uma perversão que servia para desconstituir de qualquer resquício de pudor e de moral a conduta social da vítima, em toda a sua vida pregressa. As marcas em seu corpo, legalmente comprovadas, denunciavam, segundo o advogado de defesa, a impudência de seu comportamento. O corpo de M.L.B.L., constituído socialmente pelas regras da moralidade, assegurou a ela a sua locomoção, sem maiores problemas, no âmbito da sociedade, como moça-donzela, porém, uma vez decomposto como território de significações sexuais e morais, tirou dela o lugar social, de antes, assegurado. Restava-lhe apenas o claustro familiar ou o mundo da prostituição, pois seu corpo estava estigmatizado como sendo o de uma meretriz, podendo, entretanto, em ambas as situações, ser moralmente resgatado, através do casamento.

Sob promessa de casamento, em outubro de 1959, Maria Brasilina, com nove dias que namorava um soldado do Exército que servia no 25° BC, conhecido como Dengoso, entregou-se a ele, denunciando-o depois, na *Delegacia de Costumes de Teresina*. Dengoso era casado, pai de três filhos. Segundo ele, Brasilina tinha conhecimento de seu estado civil, mesmo assim, aceitou a proposta de passarem a noite juntos, na *Pensão Santa Maria*, onde se hospedaram como marido e mulher. Dengoso foi enquadrado no *art. 217 do Código Penal, como* sedutor. [132]

Em 1956, o Juiz de Direito da *2ª Vara de Teresina*, Heli Sobral, recebeu queixa-crime contra Carlos Limeira, estudante de 20 anos de idade. A acusação era feita pelos pais de Antonieta dos Santos, os quais o acusavam de ter seduzido sua filha que era menor de idade.”Em manifesto abuso de confiança e sob promessa de casamento o querelado conseguiu seduzir sua namorada, mantendo com ela relações sexuais completas, segundo o exame de corpo de delito”.[133] Carlos, o acusado, não negou que teve relações sexuais com a vítima, mas alegou que ela não era mais virgem e que:

> Apesar dele dizer a ela, Antonieta, que não queria ter relações sexuais, isto só depois que se casasse com ela, como era sua intenção, acontecendo que da insistência da mesma, teve relações sexuais e ficou surpreendido porque ela não era mais virgem, insistiu com a mesma para lhe revelar o autor de seu desvirginamento, ela não quis revelar... [134]

O exame de corpo de delito atestou que o desvirginamento não era recente, visto que o hímen “apresentou três roturas incompletas e cicatrizadas [...]. Ao exame do ânus observamos

[132] Inquérito Policial. Delegacia de Costumes de Teresina. Autuação em 22/10/1959. TJ-PI. Teresina. p. 2-9.
[133] Processo Crime: Sedução. Juiz de Direito da 2ª Vara de Teresina. p.1-3.
[134] Processo Crime: Sedução. Juiz de Direito da 2ª Vara da Comarca de Teresina. TJ-PI p.21..

sinais que comprovam o coito anal por várias vezes".[135] O laudo pericial apontava para duas possibilidades: a vítima poderia ter sido desvirginada por outro homem há bastante tempo; ou o próprio namorado, Carlos, poderia ser o autor do defloramento, sendo, a partir de então, o relacionamento sexual (vaginal ou anal) um hábito entre ambos, há alguns meses.

O processo que teve Petrônio Portella Nunes como advogado de acusação, apesar da negativa do crime no depoimento do réu e a apelação de absolvição feita pelo Defensor Dativo, o Juiz do processo, Heli Sobral, notificou Carlos como réu, enquadrando-o no *Art. 217 do Código Penal*.

Como o casamento era a solução moral e legal para todo caso comprovado de crime de sedução, houve um caso em 1957, em que o sedutor lançando mão de promessa de casamento, elemento comum em todos os processos-crimes desse tipo de delito, o réu prometeu o irmão para casar com a vítima. E esta aceitou o pacto, cedendo aos desejos libidinosos do sedutor:

> Josué começou a seduzi-la, falando-lhe em prática sexual, prometendo que daria um irmão para casar com a ofendida [...] até que um dia, não havendo ninguém em casa, Josué derruba-a sobra a cama e conseguiu manter relações sexuais com a ofendida [...] que em consequência, muitas vezes ainda manteve relações sexuais com Josué.

A adesão da vítima aos desejos libidinosos do acusado, ainda que sob a promessa de casamento, mostra, através dos depoimentos arrolados no processo, que há, também, por sucessivas vezes, a manifestação explícita de desejo e prazer sexuais femininos, ou seja, a negativa sobre o que se atribui à relação sexual: uma prática prazerosa unilateral masculina. Em alguns processos dessa natureza, as "vítimas" foram acusadas pelos réus de serem elas as verdadeiras sedutoras, insistindo com eles no convite para a prática libidinosa.

O coito anal, identificado nos laudos periciais dos exames de corpo de delito, na maioria dos processos, demonstrava que este, embora considerado uma perversão, era um prática frequente nos relacionamentos sexuais ilícitos. Ou, hipoteticamente, podia ser uma recorrência anticonceptiva, já que a sodomia feminina não podia ser considerada um prazer alternativo e estratégico à preservação da virgindade da mulher, porque em todos os casos em que os corpos femininos foram periciados, constatando-se sinais que denunciavam a relação sodômica, fora também constatado o desvirginamento. Pode-se então inferir que o coito anal era um tipo de prazer recorrente entre os casais, sem o perigo de concepção.

---

[135] Idem, ibid. p. 23.

O corpo desonrado porque fora bolinado, sexualmente desvirginado era estigmatizado como uma mácula no seio familiar, envolvendo parentes de consanguinidade bem como aqueles por afinidade. A perda da virgindade de uma mulher não reparada através do casamento manchava a imagem e a identidade pessoal, familiar e social.

"A honra é um sentimento natural, inerente a todo homem e cuja ofensa produz uma dor psíquica, um abalo moral, acompanhados de atos de repulsão ao ofensor." [136] O sujeito desonrado, mesmo que fosse indiretamente, não aceitava ter sua imagem comprometida publicamente. Era envolvido por um sentimento de aversão ao ofensor, chegando, em alguns casos, a cometer crimes de lesão corporal ou homicídio, na tentativa de lavar com sangue a própria honra e a de sua família.

Um caso dessa natureza, dentre tantos ocorridos em Teresina nos anos de 1950, foi o assassinato de Domingos Romão, por Graciano José da Silva, com um golpe de faca "na face posterior da coxa direita, mais ou menos dois dedos abaixo da prega glútea."[137] O fato aconteceu por volta das dezesseis horas do dia 19 de julho de 1959, ao lado de um campo de futebol no bairro Poti Velho, quando ali se iniciava uma partida de futebol entre *Poti Velho* x *Buenos Aires*. Segundo o *Auto de Prisão* em flagrante, assinado pelo Delegado Olímpio Castro de Oliveira, o réu em seu depoimento alegava que:

> Domingos Romão havia desvirginado uma cunhada maior de Graciano, há seis meses, e por esta razão o acusado ficou queixoso, pois além do crime de defloramento que praticara Romão, vivia este, fazendo comentários desagradáveis contra a família do rapaz acusado.[138]

Observa-se que a forma como os homens externavam a sua honradez era traduzida como um sentimento de dignidade pessoal, que deveria ser reconhecido no meio social, como garantia de uma boa reputação. A honra, dessa forma, era concebida como um patrimônio moral e pessoal que se consolidava pelo reconhecimento deste através das relações sociais de domínio público. Portanto, atentar contra esse patrimônio era considerado crime contra a honra, e por ela os homens eram e ainda são capazes de matar. A dor do desonrado é uma dor moral, independente de sua condição sócioeconômica.

---

[136] ARANHA, Adalberto José Q. T. de Camargo. *Crime contra a Honra.*. 2000; p. 02.
[137] Auto de Exame cadavérico. Inquérito Policial – Delegacia de Segurança Pessoal e Ordem Pública de Teresina – PI. 1959; p.7 – v.
[138] Idem, ibid. p. 05.

Mas ao corpo feminino não se imputava apenas o significado de honra feminina e masculina representada pelo hímen, mas também a outras marcas fisiológicas que no imaginário social era sinônimo de descompostura física e moral, resultando em difamação da honra de uma mulher e, portanto, na desconstrução de sua identidade física e moral a partir do seu corpo. Por esse tipo de questão, foi que no dia 5 de Abril de 1956 foi autuado a petição judicial, assinada pelo advogado Santiago Marques Filho, denunciando Maria de José Leal (ré) por ter praticado crime de calúnia e difamação (art. 149 e 140 do Código Penal Brasileiro) contra Benedita de Oliveira Silva. O teor da petição dizia que uma confusão iniciada entre duas crianças, uma filha de Maria de Jesus, outra irmã de Benedita, resultara em ofensas morais e difamatórias entre ambas, à porta da rua. Maria de Jesus disse que Benedita "era meretriz, frouxa, e acrescentou mais que tudo isto, dizia porque o homem com quem "andara" a querelante é quem lhe contara (a ela querelada) que, além de "frouxa", era a querelante "cheia d'agua". "O *animuns diffamandi* é a intenção perversa, maldosa, o desejo de ofender, de ferir a reputação alheia"

"Imputar o fato é o modo porque se verifica a difamação, mas, não é, simplesmente, atribuir a alguém o fato. É mais que isto: é divulgá-lo, é comunicá-lo a terceiros. [...] " Basta que tenha sido feita em circunstâncias de poder tornar-se conhecida do público [139]

No depoimento da primeira testemunha arrolada, um militar residente numa pensão vizinha à residência da ofendida disse que "em certa hora da discussão Maria de Jesus disse que Benedita era rapariga, sem vergonha, "frouxa e cheia d água, que em resposta Benedita respondeu dizendo que se ela fosse não moça [...] ela Maria de Jesus não era casada. [...] "Maria de Jesus disse que só acreditava que Benedita fosse moça se ela "abrisse "suas partes" e lhe mostrasse. [140].

Observa-se que a honra feminina não era ofendida apenas pelo homem através da sedução e do desvirginamento, mas também pelo próprio discurso, com dolo, pronunciado em público sobre um corpo feminino, mesmo partindo de uma mulher em relação a outra. As marcas fisiológicas consideradas não aceitáveis na constituição da identidade social do corpo feminino, se fossem mantidas ocultas, em nada alteraria a imagem de mulher digna e honrada.. Mas, uma vez publicizada, contribuía para a desconstrução da identidade social, conforme os padrões físicos e morais de mulher honrada na sociedade teresinense de então.

[139] Idem, ibid. p. 02/v.
[140] Idem, ibid. p. 21/v.

No dia 27 de abril de 1956, o Juiz Heli Sobral acatou denúncia feita pelo Ministério Público contra Francisco da Silva, com base no inquérito policial, denunciava o réu por prática de sedução e estupro. Por ocasião dos festejos no mês de agosto de 1954, na Capela de São Raimundo, no Bairro Piçarra, Teresinha de Jesus teria iniciado um namora com o acusado. Suspenso o namoro por alguns meses, em outubro se reconciliaram. O acusado prometendo casamento, exigia a prova de sua virgindade. No dizer do promotor:

> Aí começa a sedução que no dizer de Nélson Hungria, " é o aliciamento da frágil vontade da menor por obra exclusiva da sugestão, da insinuação, da instigação, da excitação". A infeliz menor na esperança e expectativa do prometido casamento, submete-se a mais absurda das experiências. Houve o defloramento e o indigitado continuou tendo relações sexuais com a vítima e sempre garantindo casar-se com ela. Os tempos passaram e a vítima apareceu grávida. O acusado não mais quis saber do casamento e dizia não ser ele o autor do desvirginamento [141]

Teresinha, de 15 anos, residia no Bairro Cabral; ao prestar depoimento, disse que no "dia primeiro de janeiro estiveram juntos quando Francisco prometeu-lhe casamento dependendo apenas de certificar-se da virgindade de Teresinha. [...] No dia 8 de janeiro foi consumando o fato à margens do rio Poti, se repetindo as relações sexuais por diversas vezes. Quando sentindo-se grávida, contou a Francisco e que este não aceitando a situação disse a Teresinha que mandaria aplicar-lhe um injeção para abortar, mas Teresinha não concordou. [142]

> As práticas do prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e das hierarquias sociais: analogias na estrutura agnóstica, nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros. E pode-se compreender, a partir daí, que há, no comportamento sexual, um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade. [143]

Mais uma vez, um outro membro da família, sem grau de parentesco sanguíneo, assume a função que *a priori* deveria ser do pai da vítima. O cunhado, desconfiando do estado de gravidez, perguntou a Teresinha e ela confirmou que fora desvirginada por Francisco e que só com ele tivera relações sexuais.

---

[141] Processo Crime – Sedução. Tribunal de Justiça do Piauí; p. 02.
[142] Idem, Idem.
[143] FOUCAULT, 144; p. 190.

No depoimento prestado na delegacia de Trânsito e Costumes, Francisco disse que de fato no dia 8 de janeiro tivera relações sexuais com Teresinha. Diz o promotor do processo que Francisco tivera o cinismo de dizer que Teresinha não era mais virgem.

O acusado havia dito que, naquela data, ao final da festa, saíram em direção ao Cruzeiro localizado na av. Getúlio Vargas e que foi ali nas proximidades

> Numa rua escura e deserta que manteve relações sexuais com Teresinha de Jesus, o que foi feito no próprio solo; que o fato deixou-o decepcionado, pois sem a menor dificuldade, conseguiu realizar o coito, tudo indicando que Teresinha não era mais virgem [144]

Francisco disse a Teresinha que ela o havia enganado... Com a insistência de Francisco querendo saber quem era o autor, Teresinha disse que: há alguns anos quando contava de 10 para 12 anos "andara" com um menino na rua do Barrocão que, a vista disso o depoente fê-la ver que um menino não seria capaz de tanto..."[145]

Conclui-se que nos discursos constituintes dos processos de crimes de sedução às mulheres são coisificadas, tratadas como objeto a ser seduzidos pelos homem, enquanto os homens são colocados como vitimas indefesas de mulheres inescrupulosa e sem princípios que através da sedução os levam ao pecado de ordem sexual.

Numa sociedade de matriz cultural judaico-cristã que prega ainda hoje uma sexualidade apenas reprodutiva, os prazeres sexuais antes ou fora do casamento eram considerados pecados; todo ser humano constitui-se de corpo e alma, sendo que o espírito é bom , o corpo é mal; o espírito é visto como algo glorioso, divino, encarnado num corpo como *locus* do pecado, que corrompe a alma.

[144] Processo Crime – Sedução, TJ-Pi. 1952, . p. 08.
[145] Idem, Idem. p. 9

A história, que se apoia
unicamente em documentos oficiais,
não pode dar conta das paixões
individuais que se escondem atrás
dos episódios.
(***Ecléa Bosi***)

4 O CIRCUITO DO PRAZER

Teresina, altas horas, o toque de recolher há tempo que soou da corneta do soldado no interior do quartel da Polícia Militar, anunciando que "soltaram a onça".[146] As jovens de boa reputação sabiam que era hora de retornarem para casa. Rapidamente, no centro da cidade, o movimento ia definhando, pairando uma calmaria quase absoluta, só rompida pela dissonância de vociferações oriundas da Paissandu, a mais tradicional zona boêmia da capital piauiense.

A zona do meretrício nasceu com a cidade e cresceu junto com ela, produzindo uma história baseada em prazeres ilícitos, vícios e outras práticas transgressoras. Seus agentes sempre foram marginalizados como sujeitos históricos, destinando-se a eles apenas o silêncio. Hoje, a própria História impõe-nos que tais sujeitos saiam de seus claustros, rompam o silêncio e revelem fragmentos históricos como os da boemia e da prostituição.

Localizada à margem direita do rio Parnaíba, Teresina, desde a sua fundação, por mais de meio século, teve seu crescimento econômico impulsionado pela navegabilidade fluvial possibilitando que à margem do rio, no trecho onde as embarcações ancoravam, fosse construído o cais, e nas suas imediações fossem instalados os primeiros armazéns das companhias de comércio estrangeiro e outros estabelecimentos comerciais. Era grande o fluxo da população masculina: homens de negócio, viajantes, timoneiros, caixeiros, estivadores, vareiros, curiosos e vagabundos. Entre eles, surgiram os primeiros agentes da prostituição, cuja prática não ficaria circunscrita àquele espaço geográfico.

Maria Mafalda Baldoino de Araújo, em seu livro *Cotidiano e Pobreza em Teresina,* aborda a pobreza na capital piauiense das últimas décadas do século XIX às primeiras do século XX, reportando-se à prostituição como uma das alternativas de sobrevivência:

> Apareceu de forma sutil, nos documentos, mulheres pobres, sofridas, desempregadas, buscando a prostituição. [...] completavam com o meretrício os baixos ganhos de trabalho, muitas praticando esse ato na surdina, ocultando-o o máximo possível. Até mulheres casadas, solteiras e menores pobres entregavam-se ao meretrício. [147]

[146] Dizia-se *Soltaram a Onça,* quando às nove horas da noite, havia o toque de corneta no Quartel de Polícia que se localizava na praça Pedro II. Naquele horário, os militares no quartel recolhiam-se, bem como as jovens de boa reputação que se encontravam na praça, voltavam para casa. As que ali permaneciam se expunham a comentários maldosos que comprometiam sua índole de moça direita.

[147] ARAÚJO, Marai Mafalda Baldoino. *Cotidiano e Pobreza em Teresina.* 1994; p. 62

Seria a prostituição, nesse caso, uma prática não somente ilícita, mas também clandestina, ligada à situação de pauperização de muitas mulheres e à necessidade destas de não publicizarem tal conduta. Do contrário, a imagem de mulheres pobres, porém honradas, seria desfeita na sociedade, alterando assim a sua condição feminina. O fato de seu corpo maculado por outro homem que não fosse o marido se tornasse do conhecimento público, era suficiente não somente para ter o casamento desfeito, mas também para gerar outra identidade social, a de mulher adúltera, podendo, nos casos mais extremos, ser até assassinada, em nome da honra masculina.

O escritor e historiador Abdias Neves, ao escrever o romance *Um Manicaca*, no início do século XX, também se reporta à situação de miséria por que passavam muitos imigrantes aqui chegados, tangidos pela seca, mencionando que muitas mães entregavam suas filhas à prostituição como forma de angariar algum bem que lhes permitissem aliviar a fome ou atender a outras necessidades imprescindíveis à sobrevivência.[148]

Em face à condição de capital e de cidade jovem, geograficamente bem posicionada no sertão, Teresina funcionava como um centro de atração para as populações oriundas de todo o meio-norte (Maranhão/Piauí) do país e parte do Ceará. Para as retirantes bem como as nativas, quase não existiam atividades trabalhistas remuneradas, a não ser algumas tarefas domésticas. Esta pode ser uma das explicações plausíveis à prática da prostituição clandestina como forma de sobrevivência para algumas mulheres. Existiam, portanto, a prostituição clandestina e a prostituição pública, praticada na zonas boêmias, socialmente constituídas como lugares de compra e venda de prazeres sexuais.

4.1 A Boemia

A possibilidade de compreensão da relação entre a permanência de um modelo legal criado, instituído, legitimado por instituições como Família, Igreja e Estado, e a diversidade de práticas transgressoras talvez nos dê subsídios para trazer à tona a disjunção entre identidades coletivas e identidades individuais. São situações anôminas, "fora do lugar", praticadas por indivíduos movidos pela necessidade material ou pela busca do prazer. Segundo Stuart Hall: "O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são

[148] NEVES, Abdias. *Um Manicaca*. 2000. P. 33.

unificadas ao redor de um "eu" coerente"[149]. Ou seja, existia a prostituição praticada eventualmente por mulheres cuja identidade pública era de mulher casada, dona de casa ou moça-donzela e a prostituição pública assumida por mulheres que viviam na zona do baixo meretrício. No primeiro caso, a prostituição não identificaria um *lugar*, porque estava pulverizada, porém oculta por toda a cidade; no segundo, é pública identificando um *lugar (a zona),* relacionando-o à prática de seus agentes.

Nesse sentido, a "zona" é concebida como um lugar que, segundo Certeau, "é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência."[150] O termo adquiriu o significado de espaço ligado à boemia, à prostituição e a outras práticas ilícitas, quando no Brasil do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, as prostitutas eram obrigadas a se registrarem na polícia, ainda que seu comportamento não estivesse legalmente prescrito como crime:

> O controle e a contenção dos grupos de comportamento perigoso chegavam a fixar áreas para a sua moradia e exercício da prostituição. As prostitutas deveriam morar e exercer suas atividades dentro da zona determinada e controlada. Daí vem o termo "zona" para designar o local de prostituição.[151]

A visão de que a cidade concebia, a partir de um discurso que pretende racionalizar as práticas que constituem a vida cotidiana, tem sido abordada por muitos historiadores, quase sempre na perspectiva de hierarquizar o centro e as margens. O centro é, então, visto como um espaço de práticas lícitas e disciplinares, de agentes de maior poder aquisitivo e de higiene física e moral, em detrimento das margens, física e socialmente periféricas, duplamente marginais, como lugar de pobreza, de caos, de prostituição, de sujeira e de violência. Para esse tipo de análise, os códigos de postura municipais são alguns dos documentos mais recorrentes, por se tratar de um tipo de instrumento oriundo do poder público que visa esquadrinhar a cidade e impor-lhe uma ordem espacial, disciplinando o conjunto das práticas de seus habitantes, numa tentativa de obter um retrato do centro urbano.

Dentre os estudos produzidos por historiadores piauienses com enfoque nessa perspectiva, são notáveis as abordagens de Monsenhor Chaves (1994), Maria Mafalda Baldoino de Araújo (1995) e Francisco Alcides do Nascimento (2002), os quais desenvolveram pesquisas

---

[149] HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade* . 199; p. 13.
[150] CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano.* 1990; p. 201.
[151] DORNELES; 1988; p.31-32.

distintas, enfocando temporalidades diferentes, abordando a periferia de Teresina como lugar de pobreza, doenças, crime e outras formas de violência. Também na literatura, o escritor Fontes Ibiapina (2004) recorta um dos espaços marginais como pano de fundo da trama de seus personagens no romance "Palha de Arroz".

Contrariando a abordagem hierarquizante da cidade a partir do centro como lugar de licitudes e disciplinas e as margens como lugar de transgressões e relações ilícitas, a rua Paissandu se constituiu como a mais tradicional zona boêmia e de prostituição em Teresina sem estar fora do perímetro urbano, mas dentro dele. Fisicamente foi traçada como uma das vias de acesso para a parte mais central da cidade, partindo da margem do rio Parnaíba, com o nome de Rua do Pequizeiro,[152] e posteriormente recebendo a denominação de Paissandu. Com as ruas adjacentes, constituiu-se na *zona*, de modo que a palavra *Paissandu* passou a significar não somente um nome de rua, mas o de baixo meretrício, local de prostituição. A partir dessa significação, no cotidiano da cidade, inventou-se a expressão "descer a Paissandu", que quando usado referindo-se a alguma mulher, não significava deslocar-se aquela via pública, mas tornar-se prostituta.

O fato é que, em cada cidade, a cultura produzida por seus habitantes, simultaneamente, constrói tempo e espaço que determinam as relações entre os homens e são por eles significados. Segundo Roberto Da Matta, "O espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido"[153]

No sentido de se estabelecer uma relação gradativa ou hierárquica entre os espaços que constituem Teresina dos anos de 1930 aos de 1960, a Paissandu e outras zonas de prostituição se constituiriam em espaços periféricos, singulares e de exceção. Um paradoxo, em relação ao dia e à noite. Pelos padrões sociais da época e do poder aquisitivo dos teresinenses, era uma:

> Zona de elite, constituída de *cabarés, chateaus, botequins e randez-vous,* ambientes que abrigavam os amantes da noite que ali compareciam buscando além de sexo, outras opções de entretenimento: jogos, danças, *drinks*, ou, simplesmente uma conversa amistosa com algum amigo.[154]

[152] As ruas do centro de Teresina tinham originalmente outros nomes. Ex: rua Senador Pacheco (rua Bela); rua Félix Pacheco (rua São João).
[153] DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.* 1997; p. 30.
[154] SÁ FILHO, Espaços Marginais e Desfiguração. In: *Cadernos de Teresina;* N.15. 1997; p. 14.

Na sua história, era um *lugar* para alguns, um *não-lugar* para outros, dependendo das relações sociais e identitárias ali praticadas pelos seus habitantes e frequentadores. Para os defensores e praticantes da moral que rege o pudor e as regras disciplinares da boa conduta, a ambiência da zona era vista como um lugar de sujeitos indesejáveis, pervertidos, meliantes, transgressores, imorais: prostitutas, clientes, jogadores viciados, bêbados, gigolôs, homossexuais, cafetinas e cafetões. Eram ali os protagonistas da noite, coadjuvados por alguns trabalhadores como garçons, músicos, porteiros. Todos estabelecendo conexões entre si sem as quais inviabilizariam o objetivo de quem nesse tipo de ambiente buscava prazer, ou de quem, nele, realizava negócios lucrativos ou dependia da zona como local de trabalho.

Durante o dia, nada de extraordinário, tudo corria como em qualquer local da cidade, transeuntes que se movimentavam de um lugar para outro, exercendo suas funções cotidianas. Os boêmios, as prostitutas e os trabalhadores noturnos não apareciam. Reclusos em suas casas esperavam o cair na noite que, como uma espécie de véu mágico, incitava-os a darem início a um teatro, cada qual desempenhando o seu papel, em cenas que envolviam bebedeiras, sexo, jogos, músicas, danças e mágicas. A magia da noite dava o clima necessário àqueles ambientes do prazer, como uma das músicas do cancioneiro popular brasileiro, de autoria de Dida e Dedé da Portela.

Amantes da Noite

Quando a noite abre o seu manto
Sua pureza, seu encanto
É um mundo de beleza
Seu canto suaviza madrugadas
Pelas ruas e calçadas
Sonorizando natureza
A musa se encontra com a poesia
A letra com a melodia
A aspiração com a pureza
A sua voz
Em forma de acalanto
Ameniza qualquer pranto
Nos dá um toque de certeza
Ai de nós, amantes da boemia
Se a noite fosse como o dia
A vida perderia a sua grandeza[155]

[155] *Amantes da Noite* . Composição autoria de Dida e Dedé da Portela. Samba gravado pela cantora Alcione; CD – Personalidade.

Os autores descrevem a noite como um manto do qual brota um encanto responsável pela beleza e harmonia de várias coisas abordadas numa relação binária, como musa e poesia, letra e melodia, aspiração e pureza. A noite produziria a simbiose destes, transformando-os num só corpo. Seria ainda antídoto da tristeza e sofrimento se manifestando em forma de acalanto. E para os boêmios amantes da noite, em detrimento do dia, a vida não seria interessante.

O termo *Boemia* vem do francês *bohémien* que significa aquele que gosta da noite, dos bares, vivendo a vida de forma despreocupada e alegre.[156] Os franceses passaram a comparar escritores e artistas parisienses aos *bohémiens,* ciganos oriundos da Boêmia, região da antiga Checoslováquia..[157] E, pelo mundo afora, vários nomes de expressão mundial da literatura e das artes plásticas se entregaram a boemia, transgredindo as normas de contenção dos corpos nos espaços de sociabilidade.

> *Baudelaire*, por exemplo, em sua vida de dissipação, entregou-se a quase todos os vícios, chegando ele próprio, a estudar a ação dos tóxicos sobre o organismo humano. [...] Em seu diário íntimo, encontra-se o legado confessional. *É preciso estudar sempre bêbado: de álcool, de poesia, de religião.* Em outras plagas, a boemia desvairada fez estragos: caído bêbado na rua o poeta norte americano *Edgar Allan Poe* foi levado ao hospital para morrer, e o maior poeta português do nosso tempo, *Fernando Pessoa*,, destruiu seu organismo com excessos extravagantes. [158]

No Brasil, também não é diferente. Desde os tempos mais românticos aos contemporâneos, surgiram "os cafés, tavernas, confeitarias e restaurantes, como ambientes propícios ao desenvolvimento da vida boêmia."[159] Ser boêmio significa ser da noite, bebedor, de vida incerta, frequentador de tabernas ou bares e ambientes sórdidos. É um homem embriagado pelas aventuras amorosas, por uma paixão não correspondida ou pelo um êxtase de felicidade. Dos mais antigos como José do Patrocínio, Olavo Bilac, Machado de Assis, Guimarães Rosa, ou aos mais recentes, como Sérgio Buarque de Holanda, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Cartola, Nelson Cavaquinho, Adoniram Barbosa, ou mesmo os atuais, como Chico Buarque, Martinho da Vila, Luiz Melodia, Zeca Pagodinho, permeia entre eles uma relação de cumplicidade e solidariedade. "Certa feita , o boêmio satírico justificou a boemia dizendo: "cada homem tem no mundo para ingerir uma certa quantidade de álcool. Uns, como eu, bebem a sua, pouco a pouco,

---

[156] PAULO FILHO, Pedro. *Notáveis Bacharéis na Vida Boêmia.* 2005; p. 13.
[157] "A vida errante dos ciganos (gente da vida livre), descompromissada da sociedade oficial, que vinha do centro europeu, da Boêmia, tomada como ponto de partida das migrações zingaras, passou a denominar a vida despreocupada dos literatos e artistas parisienses". Idem. p. 13.
[158] PAULO FILHO, Pedro. Op. Cit. p. 16.
[159] Idem, ibid. p. 21.

através da vida inteira". E virando-se para Bilac: "Outros, como tu, bebem-na toda de um trago na mocidade, não deixando nada para a velhice."[160] Um outro, orgulhando-se de saber beber, pronunciou uma frase que virou axioma: *beber é uma necessidade, saber beber uma ciência, embriagar-se uma infâmia.*[161]

A boemia sempre foi associada ao mundo masculino. Poucas mulheres, que não fossem prostitutas, tiveram seus nomes associados à prática notívaga. A maioria delas eram artistas e/ou intelectuais, como Chiquinha Gonzaga, no final do século XIX, ou Dolores Duran, na década de 1950. Como compositora e cantora produziu um acervo musical que falava da noite e da boemia, servindo de inspiração para a sua prática:

> Como artista e boêmia, Dolores se movia com destreza nesse espaço que conhecia como ninguém, identificando-se com esse universo suas regras e formas de expressão que se diferenciavam das do dia, mas nem por isso eram marginais ou desvinculadas dos elementos fundantes da sociedade, como trabalho e família.[162]

Quando se dizia que uma mulher era boêmia, para muita gente, significava dizer que era uma mulher de vida fácil, ou seja era da noite. Ser da noite era um adjetivo qualitativo que pode ser empregado com sentido pejorativo, quando se refere a indivíduo que leva uma vida sem regras, padrões ou limites, como também uma designação para uma vida hedonista, alegre e livre. O ser boêmio é múltiplo. Para Maria Izilda Santos de Matos,

> Significa viver diferentemente, estabelecer regras de modo distinto, ter uma vida que escape à monotonia e ao previsível, respeitando contudo certos códigos de conduta estabelecidos neste universo.[163]

Dolores Duran foi um exemplo típico de personagem que vivia a boemia. A Zona Sul do Rio de Janeiro, onde viveu suas experiências boêmias, era o lugar que abrigava a boemia carioca. Um espaço que não discriminava ninguém:

> Casais arrojados, executivos solteiros (ou quase), gays antenados (ainda que muito pouco assumidos e mulheres desquitadas. [. . .] É bem verdade que, ainda assim, não era de bom alvitre mulher entrar desacompanhada em lugares mais requintados.[164]

Praticava os hábitos comuns de todos os boêmios: bebia uísque, comia sem restrições,

---

[160] Idem, ibid. p. 23.
[161] Idem, ibid. p. 23.
[162] MATOS, Maria Izilda Santos de. Dolores Duran – experiências Boemias em Copacabana nos Anos 50. 2005. p. 43
[163] Idem, Idem p. 27
[164] FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran – A noite e as Canções de uma Mulher Fascinante.* 2012; p. 13.

fumava cigarros sem filtro e discutia os assuntos em voga na cidade. Os bares, como lugar preferido dos boêmios, tinham à sua disposição muitos artistas, dentre os quais muitas músicos e *crooners*, entre os quais Dolores Duran:

> Uma mulher incrível, descolada, à frente de seu tempo que muito cedo já demonstrava inteligência e inquietação, o humor e a rebeldia que fizeram dos seus míseros 29 anos um mar de emoções, algumas das quais vertidas em música e poesia de primeiríssima qualidade. [165]

Como Dolores Duram, outras mulheres anônimas ou públicas, praticavam a boemia e tinham seu comportamento transformado em objeto de falação, críticas e julgamento de suas condutas transgressoras do modelo tradicional da identidade feminina. As poucas mulheres boemias tiveram suas condutas associadas à prática da prostituição, como aquelas que trabalhavam na noite como cantoras, garçonetes e dançarinas.

> A experiência boêmia deve ser focalizada de forma relacional, complementos e interdependente à vivência do dia e à do trabalho, e não em confronto com elas. Também não se pode identificá-la como forma de resistência, de submissão e/ou ilegítima, devendo-se destacar toda a heterogeneidade de manifestações e vivências que circulam no universo da boemia.[166]

Portanto a cultura boêmia, para se analisá-la e compreendê-la, não deve ser interpretada como uma rejeição às atividades diurnas que produzem o campo do trabalho e da disciplina, identificando-a com o ócio, o não trabalho e a anomia.

Os cabarés da Lapa, Cinelândia, Vila Isabel, no Rio de Janeiro, ou a Rua da Bahia e Savassi, em Belo Horizonte; Braz, Bexiga e Vila Mariana, em São Paulo são lugares onde se praticou a boemia que marcou a vida noturna naquelas cidades. Em Teresina, o itinerário da boemia intelectual iniciava quando, durante o dia, discutiam seus problemas nos cafés, à noite iam ao teatro, ao Clube dos Diários, de lá para a Paissandu. Pelas madrugadas, perambulavam pelas ruas e, ao amanhecer, dormiam cansados da noite.

São eles, os boêmios, quem mais valorizam a noite e fazem da zona seu reduto maior. Como numa justaposição de tempo-espaço, a boemia e zona formam um par harmonioso, próprio da noite, do não-trabalho, do indevido, da "desordem", do ilícito, contrapondo-se às licitudes diurnas e de outros espaços disciplinares da cidade. Lupicínio Rodrigues foi um dos grandes compositores da música popular brasileira que, dos anos de 1930 aos de 1950, mais abordaram a

[165] Idem, ibid. p.14
[166] MATOS, op. Cit. p. 27.

boemia, tanto em suas músicas como em suas crônicas. No jornal *Última Hora* de Porto Alegre, dizia em uma de suas crônicas que o boêmio é:

> um notívago, depois um poeta, um amoroso, um admirador das serestas e é realmente um companheiro da Lua... São pessoas que nasceram para admirar o belo: adoram a noite, a lua, as estrelas e tudo mais que lhes representa prazer e alegria sem que isso os desvie do trabalho e do lar..[167]

A sociedade de então concebia o boêmio como um indivíduo sem caráter, ocioso e desajustado. A ele ligava-se a ideia de dissolução, vício, alcoolismo e perversão. Homens sem disciplina, transgressores das normas do bom comportamento constituintes da boa conduta? Seriam eles incapazes de estabilizarem-se em qualquer emprego, ou ainda, de constituir e sustentar uma família?

Foto 10 - Cena do Filme – *Boêmio Encantador – 1938*
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Os boêmios não se percebiam assim, mas como pessoas diferentes, com maior sensibilidade para adorar o belo, a Lua, as estrelas. Eram amantes da noite e, através dela, buscam

[167] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues*. 1996; p. 32.

prazer e alegria; não viam incompatibilidade com a imagem de trabalhador, chefe de família, bom moço e a imagem negativa que, pejorativamente, é-lhes imputada. A interlocução recorrente de Lupicínio Rodrigues acerca da boemia é uma clara negação da construção do homem como objeto da História, com identidade única, essencialista e hegemônica.

Mas, então, quem são os boêmios no universo social da população masculina? São homens especiais, excêntricos ou marginais? Não, são apenas diferentes dos demais quando a noite cai, ao assumirem comportamentos diferentes daqueles praticados durante o dia, em busca do prazer. São advogados, políticos, músicos, estudantes, funcionários públicos, professores, jornalistas, trabalhadores diversos e desocupados; pais de família e homens solteiros; jovens e adultos, casados e celibatários; os mais e os menos situados financeiramente que, cada um, com sua singularidade, desejosos dos mais diversos tipos de prazer, vão tecendo uma identidade coletiva, de amantes da noite, imputando à zona o significado de território do prazer, onde era possível realizar suas fantasias e saciar seus desejos. Nesse sentido, extrapolam a concepção de "zona" circunscrita a território de prostituição, para outras opções de lazer noturno, terapia social e até espaço de sociabilidades. Certamente tenha sido o poeta H. Dobal quem melhor tenha traduzido a ambiência da noite em Teresina dos anos de 1940 e de 1950:

> Foi em um cabaré que dois jovens políticos festejaram, estrondosamente, as suas candidaturas a importantes cargos da administração pública. Entretanto não há necessidade de motivos: mesmo sem eles as comemorações se sucedem, as farras se realizam, os cabarés vivem cheios e constituem na vida da cidade talvez o maior centro de atração. As mulheres com aquele ar inconfundível que as distingue imediatamente, são discutidas, tornam-se conhecidas e algumas chegam quase a se envolver em uma aura de lenda, como a Rosa Banco, que dava uns famosos bailes verdes em que todos os participantes se vestiam desta cor.[168]

Nostalgicamente, o poeta corrobora que nem todos que frequentavam a *Paissandu*, no centro da cidade e o *Morro do Querosene*, na Piçarra, iam à procura de sexo, mas em busca de diversão: dançar, jogar, beber, encontro com os amigos, matar a curiosidade:

> Figuras que toda a cidade conhece e comenta, uma parte só as conhece de referências, este material humano é de todos os tipos, divide-se em escalas para todos os gostos ou possibilidades e, naturalmente sofre inconstância e as dificuldades próprias do gênero de vida. [169]

Nos cabarés sociabilizavam-se mulheres da noite e homens de segmentos sociais diferenciados. Solteiros e casados, todos se divertiam, porém, sem os requintes modernos da

[168] DOBAL, H. *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*. 1992; p. 57.
[169] MONTEIRO, Ogmar. *Teresina Descalça.* 1989.; p.158

elegância refinada e do luxo dos cabarés das grandes capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Na Paissandu, os cabarés eram constituídos de salão de festa, bares, restaurantes e quartos onde as mulheres recebiam os clientes. Embora em tudo se procurasse expressar um tom romântico, a decoração era modesta. A música, qualquer que fosse: *rumba, tango, samba-canção ou bolero* imprimia ao ambiente um tom nostálgico, através de orquestras ou eletrolas, algumas com alto-falantes. Mesmo sem luxo, aqueles cenários marcariam a memória de muitas pessoas que, por razões diversas, eram impedidas de ali comparecer, mas que se aproximavam do local procurando uma posição estratégica que lhes permitisse ter uma visibilidade parcial do ambiente, matando assim a curiosidade. Tais cenas jamais seriam esquecidas.

> O que víamos pelas janelas abertas eram pares dançando; roletas em que os jogadores jogavam; mesas com jogadores de baralho; às vezes no salão havia cantores, mágicos e prestidigitadores. A platéia na rua em expectância. [...] Para os adultos recatados isto era despudor; sem-vergonhice, pecado. Para as crianças e os simples, um espetáculo. A maldade estava em quem a via.. [170]

Uma parte da população masculina notívaga apreciava os cabarés, como as famílias compareciam aos clubes para se divertir. Ou seja, muitos que iam à "zona" não o faziam sempre à procura de sexo, mas como lazer e entretenimento fora da alcova. Nesse sentido, testemunha Dr. Euvaldo Angeline como um amante da boemia, quando solteiro:

> Rapaz, mas era bom demais [...] eu era morto e vivo em cabaré... Rapaz, mas eu adorava aquela vida. Tem uma passagem gozada de cabaré. É o seguinte: cabaré não é lugar de briga, cabaré é lugar de amor, você põe o pé num batente de cabaré, lá de dentro uma voz pergunta: meu bem, o que é que você quer? Em casa: isto é hora, irresponsável, tu não deixou o leite do menino. Cabaré era um ambiente sadio... Ninguém brigava em cabaré, não, uma loucura! Era bom demais! [171]

O discurso do depoente apresenta o cabaré em contraposição ao lar, subjetivando a identidade masculina de boêmio e chefe de família. O primeiro é representado como o lugar de prazer, do bom acolhimento, da paz; o segundo, como o lugar da família, do conflito conjugal e da responsabilidade financeira que atribui ao homem a função de provedor. O sentido de positividade atribuída ao cabaré e negatividade ao lar contrapõe-se ao discurso médico do século XIX que impregnou também o imaginário moralista nas primeiras décadas do século XX. Centrado na questão higiênico-sanitária, o olhar médico reconhecia a cidade, a partir de seus

[170] Idem, ibid. p. 158.
[171] Entrevista com Dr. Euvaldo Angeline da Silva a Bernardo Pereira de Sá Filho e a Maria de Fátima Martins, em 02/09/2000.

pressupostos disciplinares, como um espaço de tensões. O cabaré, o bar, o botequim eram classificados como espaços perigosos, de indisciplina e libertinagem, contrapondo-se a "uma visão idílica do lar como espaço balsâmico da paz e da felicidade conjugal".[172]. Esta era a essência do discurso formulado como estratégia normatizadora dos corpos, disciplinando a sociedade, ordenando o sexo e os prazeres.

Estaria aí, dizia Foucault: "A incapacidade de transpor os limites, de passar para o outro lado, escutar e fazer ouvir a linguagem que vem de fora, de baixo".[173] E tentar compreender a vida cotidiana nos cabarés, a partir da desconstrução do discurso do poder que transforma esse tipo de ambiente em antro de perdição, e o boêmio em sujeito de máculas que deterioram a imagem do homem sério, honesto, pudico, cumpridor do seu papel como bom marido, bom pai, bom chefe de família e provedor do lar.

Perguntar-se-ia então: por que os homens vão à zona e gostam tanto de cabarés? Decerto que não existiria uma única resposta, pronta e homogênea devido à subjetividade de cada sujeito, amante da noite, cliente do cabaré. Mas de algo não se pode prescindir: a imagem do boêmio é o somatório de todos os aspectos lendários que se produzem e se agregam sobre ele. Contudo, é plausível inferir que o boêmio quando fala sobre o cabaré, em essência, está falando de si e de suas experiências anôminas que lhe permitem ser mais liberal e fiel a si mesmo, a seus instintos sexuais, praticando ali tudo aquilo que deseja, "descolado" das convenções sociais e moralistas bem como das representações de papéis que lhe imputam regras, dissimulam desejos e interditam prazeres:

> Não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo [...] não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que goza com a alternativa entre duas existências.[174]

O discurso do poder que institui os dispositivos que fixam social e historicamente a sexualidade cria e estabelece normas que orientam e ordenam o comportamento sexual numa perspectiva disciplinar. Entretanto seu poder de interdição não é suficiente para impedir a realização de práticas transgressoras. Os boêmios, de um modo geral, mas particularmente os que

---

[172] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu Lar é um Botequim.* 1999; p. 76.
[173] FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: O que é um autor. p. 989.
[174] FOUCAULT. *História da sexualidade 1. A vontade de Saber*. 1997, p. 98.

frequentam a zona, veem-na como lugar prenhe de heterotopias constituintes de sua dupla existência: a de *boêmio*, na zona, e a de *não-boêmio*, fora dela.

São recorrentes alguns fragmentos de discursos jurídicos produzidos em Teresina, na década de 1950, que ilustram com objetividade, a possibilidade de o homem assumir identidades diversas, superando o poder do discurso da interdição do prazer. O advogado Robert de Carvalho escreveu a Tese de Concurso – *Do Adultério e da Inutilidade de sua Incriminação* – para ingressar como professor catedrático da Faculdade de Direito do Piauí. Na suas considerações preliminares sobre o objeto em análise, ele afirma:

> Os seres vivos são irresistivelmente, impelidos para a reprodução. Entre os animais, só o homem pode levantar o obstáculo da sua vontade ao desencadeamento do apetite sexual. Não o guia o instinto, mas a inteligência, e esta lhe outorga a faculdade de violar todas as leis naturais. [175]

Não há como negar que o homem possui a inteligência e, portanto, a faculdade de poder, em tese, transgredir todas as leis naturais. Deve-se levar em consideração, porém, que, além do instinto, nada é natural. O que se entende por sexualidade na perspectiva foucaultiana é, antes de tudo uma construção cultural e histórica. Portanto, o que se chama de leis naturais no campo da sexualidade remete a uma concepção biologizante circunscrita às formas anatômicas internas e externas que definem as categorias sexuais em macho e fêmea e o processo de reprodução humana:

> Toda constituição sexual é incompleta. Cada sexo busca no outro o seu complemento. [...] Se assim não fora, seria um mito a fidelidade conjugal, pois ao considerarmos, em particular, a sexualidade no homem, chegamos iniludivelmente à evidência que de sua propensão para a inconstância no amor, o que contrasta com a da mulher, cujo temperamento é para a fidelidade. Com efeito, observamos que o amor do homem sofre variações, e até declina, desde o momento em que é satisfeito; ao passo que o amor da mulher aumenta, a partir desse momento. [...] O homem, de fato pode facilmente gerar mais de cem crianças, num ano, se tiver outras tantas mulheres à sua disposição; a mulher, embora tivesse o mesmo número de maridos, não podia dar à luz mais de uma criança por ano, excetuando gêmeos .[176]

A fidelidade não seria um mito, é um mito. Ninguém nasce monogâmico, pratica-se a monogamia, convenientemente, como cumprimento do compromisso assumido bilateralmente, informal ou formalmente, através do casamento no âmbito jurídico e/ou religioso. Também não

---

[175] CARVALHO, Robert. *Do Adultério e da Inutilidade de sua incriminação.* 1952; p. 11.
Robert de carvalho era membro da Sociedade Brasileira de Criminologia; do Instituto dos advogados Piauienses e do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí.
[176] CARVALHO, Robert. Op. Cit. 1952; 23-24.

se poderia, tomando por base a realidade brasileira e piauiense, inferir que a natureza do homem é polígama e a da mulher monogâmica. O modo de pensar do jurista sobre esse mister revela que ele, um homem culto, é mais um exemplo do quanto ainda era forte, nos anos de 1950, os resquícios da cultura patriarcal fundamentada no pensamento religioso judaico-cristão do mundo ocidental, o qual prega a monogamia, como sendo uma característica própria da natureza humana e condena a poligamia como uma transgressão, uma anomalia a essa natureza. E ainda, a recorrência biologizante para explicar a infidelidade ou a prática da poligamia, mais presente no homem, como sendo um atributo da natureza, sem atentar ao fato de que "o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositório de princípios de visão e de divisão sexualizantes". [177]Conclui-se que as ilações deferidas pelo jurista anteriormente, não somente exemplificam formas de representação da dominação masculina, como também quanto o poder dessa dominação está presente no discurso jurídico, sendo sua argumentação baseada na concepção de natureza humana e corpo biológico, para justificar o comportamento social transgressor da fidelidade e monogamia como fundamentos cristãos da sociedade piauiense e brasileira.

4.2 De Zona em Zona

Teresina menina, mulher. Feminina desde a origem de seu nome, uma homenagem à Imperatriz do Brasil, Teresa Cristina, ou desde o ato religioso que simbolizou o início de sua fundação, quando a proteção divina foi invocada através da representação feminina de Deus, com a escolha de Nossa Senhora do Amparo como padroeira da cidade.[178] Uma cidade ainda muito jovem, com menos de um século de existência, e já experimentando um forte processo de erotização.

Numa analogia ao corpo feminino, a zona da Paissandu poderia ser representada como baixo-ventre, um local erotizado, fonte de desejos, onde se vendem e se compram prazeres, uma heterotopia da cidade. Como uma mulher, Teresina cresceu, portanto, a ela não se deve referir

[177] BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. 1999; p. 18.
[178]No dia 25 de dezembro de 1850 foi lançada a pedra fundamental da edificação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em torno da qual foi fundada Teresina. O ato religioso foi presidido pelo padre Mamede Antonio de Lima a quem coube o translado da paróquia da antiga Vila do Poti sob a invocação de N.S. do Amparo para a cidade de Teresina tendo a mesma santa como padroeira (In: Monsenhor Chaves. Teresina: -Subsídios para a História do Piauí. Conferir também FREITAS, Clodoaldo . *História de Teresina*

mais de forma assexuada. Não é mais menina, seria uma mulher, atraente, erotizada, bolinada, desvirginada e possuída por boêmios, putas e cafajestes que nela praticam a prostituição e outras formas de prazeres ilícitos.

Com o crescimento da cidade, ocorreu o alargamento de perímetros urbanos, consequente do inicio de uma explosão de bairros periféricos: *Vermelha, Capelinha de Palha, Macaúba, Monte Castelo, Piçarra, Ilhotas, Cabral, Porenquanto, Morro do Urubu, Mafuá, Vila Operária, Matinha*, etc. Nesses bairros ou a partir deles, formou-se um cinturão de prostíbulos em torno do centro da cidade, a maioria ajudando a compor um cenário de pobreza e miséria na periferia. A pauperização dessa população associada à carência de práticas lúdicas talvez ajude a compreender a importância que as zonas de meretrício tiveram na cidade, sobretudo para a população masculina.

O circuito do prazer erótico iniciava-se na Rua Paissandu e adjacências. Era a zona mais boêmia e mais estruturada, constituída dos cabarés mais famosos, clientes mais endinheirados e mulheres mais sedutoras. Ligada à Paissandu e contrastando com ela em infraestrutura, encontrava-se na Barrinha, à beira do rio Parnaíba, outro território de prostituição, conhecida como *Palha de Arroz.* Prosseguindo, chegava-se à *Lucaia, Barrocão, Cajueiros, Planalto da Vermelha e Capelinha de Palha*, bairros pulverizados de pequenos e paupérrimos prostíbulos, alguns abertos publicamente, outros, disfarçados, em que se praticava a prostituição clandestina. Ao chegar-se ao bairro Piçarra, encontrava-se a segunda maior zona de prostituição denominada de *Morro do Querosene*, cujo eixo central era formado pelas ruas Santa Luzia e Tersando Paz. Pequenos prostíbulos pontuavam as margens dos trilhos do trem até chegar à Estação Ferroviária de Teresina onde, por trás, existia um outro aglomerado de prostíbulos bem paupérrimos conhecido por *Móio de Vara. S*eguindo a estrada de ferro, chegando-se ao bairro Mafuá, o acostamento para o rebaixamento dos trilhos era chamado de "corte". Ali concentrava-se um conjunto de pequenos cabarés formando outro baixo meretrício, chamado por alguns de "*Canal de Suez"*, por outros, de "*Caco de Vidro*". Um pouco mais adiante, no bairro Matinha, existiam outros prostíbulos, fechando o ciclo com um cabaré conhecido como *Cai N`Agua*, à margem direita do rio Paranaíba. Fora desse círculo, existiam outros espaços da prostituição, todos com nomes bem pitorescos: o *Quebra-chifre, o Ralice* ou *Rala-Pau*, no Matadouro; a *Ema*, no Morro do Urubu; o *Brasília* na Ilhota e o *Purgal*, nas imediações aonde era a sede do River Atlético Clube, hoje cruzamento das avenidas Homero Catelo Branco com Senador Área Leão. Partindo-

se do centro da cidade para a periferia, em todas as direções deparava-se com lugares da prostituição.

Apesar da mentalidade cristã prevalente em todo o Brasil "que fazia do corpo, do sexo, do prazer e do desejo temas melindrosos, estigmatizados pela ideia de pecado,"[179] muitos autores que abordam a prostituição como objeto de estudo não deixam de enfocar que a elite reconhecia a prostituição como um mal necessário, imprescindível à tranquilidade das famílias em relação a preservação da honra de suas filhas, através da virgindade. A historiadora Lená Medeiros, em sua obra *Os Indesejáveis* (1996*),* analisando as ideias higienistas que marcaram essa época, para exemplificar essa questão, recorre a um texto escrito pelo Dr. Henrique de Sá, em 1885:

> Continuando nas minhas humildes considerações acho conveniente desde já levantar um solene protesto contra os que pensam que a prostituição deve ser banida. A sociedade moderna, ou antes, a lei consente-lhe essa degradação e proclama-a como uma necessidade, bani-la completamente, extingui-la, seria um erro ainda grave, pois que segundo uma voz autorizada, a prostituição, filha do deboche e do vício, corresponde aos ardores brutais dos sentidos.
> O que seria da moralidade social, se assim acontecesse, mormente na época atual em que parece nascer de todos os lados o entusiasmo e o ardor pelas orgias. O resultado seria o transtorno da ordem e da tranquilidade públicas. A meretriz é pois uma entidade indispensável.. [180]

O discurso acima, voltado para a cidade do Rio de Janeiro como um dos lugares em que mais proliferava a prostituição, serve, também, para Teresina cuja sociedade, até a década de 1960, tinha a virgindade como a condição necessária para a construção da honra masculina. E por ser, também, nesse período que mais se intensificou a prostituição pública na capital piauiense.

Da mentalidade sobre prostituição gerava-se um discurso paradoxal: por um lado dizia-se que era um mal necessário; por outro, que se constituía em um perigo físico e moral, causa de doenças e devassidão dos costumes, consequência da cópula desenfreada e desregrada. O praticante da prostituição passava a ser visto como um libertino, um ser de impulsos sexuais incontidos e sem limites que deveria ser temido e abolido da sociedade que pretendia disciplinar e higienizar o espaço urbano. O futuro do libertino seria:

> Tendência irresistível para o sexo oposto, sem que se possam fixar os desejos amorosos; [...] horror à solidão, pressentimentos sinistros, um descontentamento desarrazoado, certo caráter caprichoso ou frenético; suspiros amiudados, freqüência e agitação do pulso; [...] tosse fraca e seca, insônia ansiedade, ardor de entranhas, calor irregular na face e palmas da mão, [...] desordens nos movimentos do coração, mil sintomas

[179] ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores . 1989; p. 55*
[180] MEDEIROS, Lená. Os Indesejáveis.. 1996; 155-6.

> nervosos, esquisitos e variáveis, emagrecimento, decadência progressiva das forças, poluções noturnas.[181]

Dessa forma, a prostituição era negativizada e colocada como um obstáculo à família que era concebida como um local de produção de indivíduos saudáveis. A prostituição, além de estimuladora de vícios, era geradora de doenças morais e patológicas que levariam o indivíduo estigmatizado como libertino, a um processo irreversível de degenerescência ameaçando a saúde física e moral de todo um corpo social. O desejo se sobrepunha aos outros aspectos da vida humana. A virtude, o dever, a religião, nada era mais importante que a busca do prazer que incitava e fascinava o homem.

O mesmo discurso higienista que até às três primeiras décadas do século XX, através do saber médico, muito influenciou a cultura sexual da sociedade brasileira, apresentava a prostituição como sendo, ao mesmo tempo, um fato natural e um fato social:

> Natural por estar ligada ao organismo humano que, desde o pecado original tem como aspecto prevalente a carne. A prostituição permite que o instinto sexual se realize: necessidade que está inserida no homem enquanto natureza. [...], o homem sequioso do prazer venéreo sente-se atormentado por necessidade imperiosa, irresistível, uma excitação espantosa vivifica seu organismo, um fogo ardente abrasa seus órgãos, as artérias pulsam com excessiva força, os olhos úmidos incendiavam-se com brilho sobrenatural, sua face se colora, sua respiração se torna anelante, as partes genitais se intremecem, se congestam e nelas se experimenta um sentimento d´ardor e tintilamento.
>
> O pensamento não tem mais força, a vontade não domina, todas as faculdades estão concentradas em uma ideia fixa; o apetite urgente que, persegue o homem e rouba-o às outras sensações, [...] é insensível para tudo e só vive na perspectiva dos gozos que almeja fruir....[182]

Nessa perspectiva, a prostituição é concebida não apenas como um aspecto inerente à natureza humana, como também a sua prática é justificada pela incontinência da química no corpo biológico expressa como a libido que se manifesta provocada pelo desejo através dos sentidos. O homem é colocado numa condição de vulnerabilidade à manifestação de seus impulsos libidinosos, o que, nesse sentido, justificar-se-ia a incontinência de seus atos sexuais. A prostituição, portanto, legitimar-se-ia pela constituição orgânica do homem. E mais, recorrer-se-ia à História, provando que em todas as sociedades, desde as primitivas às atuais, houve prostituição, seja como uma prática lícita, seja como uma prática ilícita e transgressora da sexualidade considerada normal e sadia em cada sociedade. A *ex-stripper* Nika Roberts, ao

[181] MACHADO, Roberto. *A Danação da Norma*.. 1978; p. 334.
[182] MACHADO, op. Cit. 1978; p.136.

escrever a obra *As Prostitutas na História*, diz que "ocorreu-me o pensamento de que a prostituição é realmente a profissão mais antiga do mundo".[183] Esta citação, certamente, seria recorrente à afirmação da prostituição como um ato natural.

Como um fato social, a prostituição produz-se no interior de uma sociedade, tendo seu formato e as suas características historicamente modificadas a partir das leis, costumes, educação e outros elementos de ordem cultural presentes na vida de cada sociedade.

> Uma primeira causa da prostituição como fato social é o excesso de riqueza e miséria; a lubricidade e incontinência são sempre companheiras da opulência e do ócio; a falta de trabalho, a pequena quantia ganha com o trabalho muitas vezes fazem da prostituição um meio de vida. [...] A pobreza é causa da prostituição por causa da imoralidade e falta de consciência dos ricos. [...] São também causa da prostituição: o celibato e a ociosidade dos mancebos descendentes de famílias opulentas e poderosas – são frequentes os casos de filhas arrancadas das famílias e de jovens mulheres pobres, consideradas pelos ricos como um bem comum a todos seduzidas e abandonadas. A prostituição configura-se então como única saída. As desordens domésticas também, muitas vezes levam mãe e filhas para a prostituição, por terem procurado no amor de um homem a fuga das desgraças familiares causados por um pai de comportamento desregrado e libertino.[184]

O discurso supra apresenta a prostituição como um fato social, a partir de inferências dicotômicas entre riqueza e pobreza, ócio e trabalho. A concentração de riqueza nas mãos de poucos seria a responsável pela miséria da grande maioria da sociedade, restando às mulheres depauperadas e suas filhas fazerem da prostituição uma porta para a solução de suas carências de ordem material imprescindíveis a suas sobrevivências. Seriam a riqueza e a ociosidade elementos responsáveis pela incitação da libido dos agentes masculinos da prostituição, bem como a incontinência de seus atos libertinos que resultariam, muitas vezes, em sedução, desvirginamento e abandono de muitas moças donzelas dos setores mais carentes da sociedade. O poder de seduzir, persuadir e desvirginar moças pobres e "indefesas" emanaria, nesse sentido, a partir da posição socio econômica do sedutor/deflorador na sociedade, ou seja, o poder do mais forte se sobrepondo ao mais fraco, que levaria jovens pobres seduzidas, defloradas e abandonadas por moços ricos, à pratica da prostituição. Esse pensamento desqualificaria totalmente a asserção foucaultiana de que:

> Poder e desejo se articulam; eles supõem ligados de modo mais complexo e mais original do que esse jogo entre energia selvagem, natural e viva provinda de baixo, que

[183] ROBERTS, Nickie. As Prostitutas na História. 1998; p. 17.
[184] MACHADO, Roberto. Op. Cit. 1978; p. 337-8 .

> aumenta sem cessar, e uma ordem que tenta lhe opor obstáculos de cima. [...] O poder nada "pode" contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não.[185]

A libido manifestada nos corpos repletos de desejos dilui qualquer fronteira de estratificação social, ou seja, o desejo e o prazer sexual estão acima da posição social que o indivíduo ocupa na sociedade. O homem manifesta desejos libidinosos, mas o seu poder de persuasão não está circunscrito apenas na sua capacidade pecuniária de comprar e usufruir o prazer desejado. A mulher também, independente de sua condição socioeconômica, exerce de forma semelhante, o poder através de seu corpo, expondo-o como objeto de desejo à venda, quando seu interesse for meramente financeiro, ou como estratégia para seduzir o parceiro ou parceira como objeto sexual para realização de seu prazer pessoal. Então, a relação sexual não deve ser entendida apenas no sentido patriarcal, isto é, a concepção de prazer sexual que cria o direito dos homens sobre as mulheres, tendo acesso a seus corpos quando assim desejarem, ainda que, no caso da prostituição, tenham que pagar para realização desse tipo de prazer.

A prostituição era apontada ainda como uma prática que estimularia o celibato, isto é, o homem amante da boemia e acostumado a relacionar-se sexualmente somente com prostitutas "pode adquirir repúdio ao amor casto," ou seja, o sexo mantido apenas no âmbito do casamento. Outra consequência moral da prostituição seria o adultério feminino – "a esposa desprezada e maltratada busca o amor em outro homem, dando um primeiro passo para a prostituição"[186].. Um homem casado praticante da prostituição, não somente promovia sua própria degradação como chefe de família, como também produzia uma esposa mal-amada, vulnerável à tentação do adultério e, consequentemente, à prostituição. Embora fosse imperativo o modelo familiar monogâmico instituído pela Igreja Católica no Brasil e reforçado juridicamente pelo Código Civil de 1916 e Código Penal de 1940,[187] sem os quais não se estabeleciam punição para a prática da bigamia e do adultério, a cultura patriarcal ainda presente nas relações de gênero relativizava a prática desses delitos quando exercida pelo homem.

A prostituição clandestina escapava do olhar da parcela mais conservadora da sociedade, bem como da vigilância policial das instituições, mas a prostituição pública tinha a *zona* como palco onde era produzida sua história, sendo as meretrizes e seus clientes os protagonistas. Tanto a Paissandu como os outros territórios da prostituição pública tinham seus estabelecimentos

[185] FOUCAULT, Microfísica do Poder. 1988. p. 79-81..
[186] MACHADO, op. cit. 1978, p. 335.
[187] BARSTED. 1987, p.. 107..

classificados em três categorias; *cabaret, chateaus e randez-vouz*, todas, palavras do idioma francês, resultado da influência cultural francesa no Brasil, do fim do século XIX às primeiras décadas do XX. Essas e outras palavras, como *madame*, foram aportuguesadas na grafia e incorporadas pejorativamente à nossa cultura popular. Cada palavra tinha um significado na compreensão infraestrutural de um baixo meretrício. O termo c*abaré*, por exemplo, era utilizado para se referir, genericamente, a qualquer ambiente em que se praticava prostituição, ou para significar uma *casa de tolerância* constituída de cômodos que atendiam às diversas práticas que envolviam o mundo da boemia e da prostituição: bar, *dancing*, cassino e alcova onde prostitutas recebiam clientes para a copularem. Os *chatôs* eram de constituição mais simples, sem bar e sem salão de festa, constituídos apenas de alcovas, destinados a atender prostitutas que não moravam nos cabarés, mas que pegavam clientes nas ruas que só queriam fazer sexo. Tais clientes não costumavam frequentar os salões dos cabarés, ou porque não queriam expor-se publicamente na companhia de prostitutas, ou ainda porque não tinham dinheiro suficiente para gastar com jogos, bebidas e com meretrizes que cobravam mais caro por um programa. Os clientes que iam a *chatôs* "pagavam a chave"[188] ao empregado ou empregada, na entrada ou na saída, ou à própria prostituta, quando esta cobrava pelo programa já incluindo o preço da chave. Os *randez-vous*, fossem na Paissandu, ou no Morro do Querosene, ficavam, geralmente, nas ruas adjacentes àquelas que representavam o eixo central da zona. Podiam se localizar-se também em qualquer outro ponto da cidade. Eram discretos como casas do tipo residencial e se destinavam atender à prostituição clandestina. Ali se encontrava, obrigatoriamente, a figura do(a) alcoviteiro(a), chamado também de cafetão ou cafetina, cuja função era de agenciar ou alcovitar clientes para mulheres que praticavam a prostituição, sem assumir publicamente a condição de prostitutas, pois continuavam no meio social com a imagem de moças donzelas candidatas ao casamento, mulheres casadas, viúvas e sendeiras [189] "sérias". A maioria delas exercia outra profissão como, dona-de-casa, costureira, operária, lavadeira ou empregada doméstica etc. Pois não viviam só da prostituição, praticavam-na circunstancialmente.

Além dos *cabarés*, *chatôs e randez-vous*, as zonas tinham na sua constituição muitos botequins, restaurantes, bares-lanchonetes e salões de jogos, promovendo um empório de identidades e relações diversas através de conexões entre diferentes sujeitos. Os cabarés mais famosos da zona da Paissandu que marcaram época foram:

---

[188] *Pagar a Chave*: significava pagar o aluguel do quarto.
[189] *Sendeira* era mulhere separada do marido ou desquitada.

- Fascinação
- La Bamba
- Imperatriz
- Parnaso
- Estrela
- Ideal
- Iorque

Ou aqueles que recebiam o nome de sua proprietária que, geralmente, era também a madame ou gerente, como:

- Cabaré da Rosa Banco
- Cabaré da Raimundinha Leite
- Cabaré da Maria Aguiar
- Cabaré da Lourdes
- Cabaré da Mercedes
- Cabaré da Ângela
- Cabaré da Gerusa
- Cabaré da Maria Maior.

A Paissandu, constituída por uma rede de estabelecimentos voltados para a prostituição, beneficiava-se devido a sua territorialidade imiscuir-se em duas grandes áreas de intenso fluxo de pessoas do sexo masculino: a Av. Taumaturgo (Maranhão) no trecho entre a Rua Santo Antônio (Olavo Bilac) e a Rua Bela (Teodoro Pacheco) na qual havia a maior concentração de comércio atacadista, e a praça Saraiva, de onde partiam e chegavam os transportes coletivos intermunicipais e interestaduais. O entorno da praça era marcado pelas agências das principais empresas desse tipo de transportes e por pequenos hotéis e pensões, cuja clientela era constituída principalmente de viajantes que vinham a Teresina a negócios. Nas ruas adjacentes, também existiam hotéis bastante populares como o *Hotel Santa Rosa* e o *Hotel São Jorge*. Alguns, circunstancialmente, funcionavam como casa de tolerância.

Não eram poucas as prostitutas que, residentes ou não nos cabarés da Paissandu, procuravam clientes entre os hóspedes daqueles hotéis. O colóquio, na maioria das vezes, ocorria

na porta ou no interior do estabelecimento onde também podia ocorrer a cópula. Do contrário, prostituta e cliente se dirigiam com o mesmo objetivo para algum chatô. Não era incomum ocorrer esse mesmo tipo de transação entre homossexuais e hóspedes viajantes. Antônio Pereira da Silva, mais conhecido como *Cavalheiro,*[190] que nasceu e viveu toda a sua vida na zona da Paissandu, lembra o tempo em que trabalhou no Hotel São Jorge e conviveu com outros homossexuais:

> Menino, aqui nessa Paissandu, quando era Paissandu mesmo era cheio de cabaré. Isso aí tudo era cabaré. Onde está esse prédio aí, esse colégio aí era o cabaré Alabama. Eu trabalhava lá também arrumando quarto de muié [...] Ali onde era o Armarinho São Pedro era um hotel de uma muié chamada Dulce, ela já até morreu. E lá tinha um horror de bicha que trabalhava lá, viu? Tinha eu, a *Chica Pelada*, a *Paminu*... Acho que ela já até morreu. Tinha a *Marilu*, tinha a *Feijão*. Tudo era travesti sexual, né! E tinha o *Riba*. Esses tudo já foram embora... Tinha o *Benjamim*. Era um viado bem bonito, parecia assim uma muié. Tinha assim o cabelo bem estirado, aquelas partes... As coxas dessa grossura pareciam assim uma muié. [...] Esses travesti tudinho meus colega. Lá, era cheio de hospedes, aquele pessoal de Picos que traziam aquele horror de alho e cebola pra vender. Eles chegavam lá no domingo e enchia o hotel. Quando era segunda-feira era tudo cheio. Os travestis ficavam na porta do hotel conversando de noite mais os homem; os amigos deles, né! Rapaz, eles saiam transavam; outros transavam mesmo dentro do hotel; tinha deles que tinha o quarto dentro do hotel. A dona do hotel não se importava não, não tava nem aí...[191]

Desse fragmento de memória de Cavalheiro pode-se inferir que, além das relações heterossexuais entre prostitutas e clientes, ali também era um lugar de relações homoeróticas entre clientes e homossexuais. A homofobia contida na formação da identidade masculina não era suficiente para interditar o relacionamento homoerótico na *zon*a que ocorria tão livre quanto o relacionamento heterossexual. E mais, o tipo de homossexual que fazia sucesso era o afeminado, semelhante ao padrão de beleza feminina, do tipo: "coxas grossas, cabelos lisos etc". Homossexuais como Cavalheiro e seus colegas, estrategicamente, levavam vantagem em relação àquelas prostitutas menos atraentes que aquelas dos grandes cabarés, que não precisavam caçar clientes nos hotéis. Eles, pela condição de trabalharem no hotel, tinham a facilidade de se aproximarem dos hóspedes dos quais se tornavam amigos e clientes sexuais, contando com a cumplicidade da proprietária do local.

O conjunto de estabelecimentos *(cabarés, chatôs, randez-vous*) constituintes do circuito do prazer em torno do centro da cidade poderia ser dividido e classificado em três grupos

[190] Antonio Pereira da Silva, nasceu em 1934, filho de uma das mulheres da Paissandu – Raimunda Setúabal – criou-se e viveu, trabalhando em cabarés, e na atualidade, em estacionamento de veículos.
[191] Antonio Pereira da Silva a Bernardo P. de Sá Filho, em 12/06/1999.

tomando-se por base a composição infraestrutural e os clientes frequentadores de cada lupanar: os *de elite,* os de *classe mediana* e os considerados como *baixo meretrício*.

Foto 11 - Rua Paissandu
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

A Paissandu era considerada pelos teresinenses como uma *zona de elite,* com cabarés bem estruturados, meretrizes bonitas, bem-vestidas e elegantes que atendiam clientes bem instruídos e bem posicionados socialmente que faziam parte de uma elite local. O poder aquisitivo de cada um tornava-os boêmios de hábitos mais ou menos perdulários. Ainda que não houvesse uma estratificação social preeestabelecida na organização do território da prostituição, a clientela confluía para ambientes diferenciados, sendo mais requisitados aqueles que possuíam *dancings*, salão de jogos, piso de mosaico e espelhos nas paredes, como a *Ala Bamba,* o *Estrela,* o *Parnaso,* o *Imperatriz* e o *Fascinação*. Em tese, tanto o boêmio rico quanto o boêmio pobre podiam frequentar o mesmo ambiente, nada os impedia, mas a segregação era "natural", determinada pela condição pecuniária de cada um. Aos menos endinheirados, restavam os ambientes mais simples e meretrizes menos vistosas, pois a Paissandu, mesmo sendo considerada uma zona de elite, em seus meandros era marcada por cabarés pobres, menos higiênicos e menos estruturados, com mulheres sem maiores atributos físicos, de idade mais avançada e quase sempre analfabeta cuja

clientela era constituída de gente mais pobre, além daqueles usuários considerados arruaceiros. Grande parte desse tipo de prostíbulo não ficava no eixo central da *zona* (Paissandu), mas nas ruas adjacentes. Era também nos cabarés mais simples que o contato entre cliente – prostituta era direto e direcionado de imediato para a cópula, ao passo que nos grandes cabarés, a prostituta insinuava com o cliente um jogo de sedução que consistia em olhares, *drinks*, danças, jogos e conversações, tudo direcionado para aumentar a lucratividade do lupanar. Essa era a determinação da madame ou gerente – proprietária. Quanto aos cabarés com os clientes mais simples, relata Luís Mendes Ribeiro Gonçalves:

> A prostituição em Teresina era exercida por aquelas meretrizes que alugavam quartos, aqueles "puxados". Todas aquelas casas tinham a rua transversal, um puxado muito grande de quartos. Estes quartos eram alugados: uns à meretrizes, outros a alfaiates outros a ferreiros, outro a flandeiros, os artesãos. As meretrizes se colocavam ali. Agora as meretrizes de porta aberta. O homem saia naquelas ruas penumbrosas, quase obscuras inteiramente. Aquela porta tava aberta, ela sentada do lado, ele chegava entrava e ela entrava atrás, fechando a porta, ficavam ali os dois. Havia quartos que não tinham sentina, de maneira que eles urinavam e jogavam na rua. [192]

Mesmo os prostíbulos bem-estruturados, quase todos não tinham instalações sanitárias internas, apenas o indispensável para a higiene após o ato sexual: garrafas com água, sabão de côco, bacia e uma toalha. Banheiro interno era algo da modernidade incrementada nos prostíbulos de Teresina somente a partir da década de 1960.

O *Morro do Querosene* era considerado a segunda maior zona de prostituição dos teresinenses. Localizada na Piçarra, na época, um bairro de periferia, era duplamente marginal: tanto do ponto de vista geográfico quanto do ponto de vista social, devido às relações ali praticadas. Não possuía o *glamour* da Paissandu, mas era muito movimentada e também frequentada por clientes de elite, embora a predominância de usuários fosse constituída de gente de menor poder aquisitivo: estudantes, soldados do Exército e da Polícia, trabalhadores braçais, marreteiros[193] e vagabundos. Os cabarés mais estruturados possuíam apenas bares e restaurantes com algum espaço para dança. Tudo era muito simples, as ruas sem pavimentação e a iluminação pública era precária, o que contribuía para que muitas brigas iniciadas no interior dos cabarés, prolongando-se para a via pública, gerassem muita confusão, quase sempre resultando em lesões corporais e homicídios. Os cabarés tinham nomes bastante pitorescos: *O Poço, Casa Amarela,*

[192] Luís Ribeiro Gonçalves, em entrevista em 23/05/1984.
[193] *Marreteiros*: eram pessoas que praticavam pequenos negócios comerciais (vendas e prestações de serviços) agindo de forma desonesta.

Raimundona, Maroca, Maria de Picos, Sete Tabacos e o mais popular, o *Cabaré da Romana*. Como a rede de prostíbulos imiscuía-se entre as residências, muitas famílias faziam reclamações à Polícia devido à impudência das meretrizes e seus clientes. O poder público então criou nas imediações um distrito policial localizado na divisa dos bairros Piçarra e Monte Castelo, o qual ficou conhecido como *Boca de Pau*, devido às grades das celas serem de madeira.

Também sem uma estratificação social preestabelecida, os clientes ricos frequentadores da Paissandu, quando iam ao *Morro do Querosene*, quase sempre escolhiam as mulheres mais bonitas e mandavam fechar o ambiente para promoverem farras coletivas e não se misturarem com a a*rraia-miúda*, os desclassificados, mesmo que o ambiente fosse um cabaré aberto publicamente para qualquer um. As meretrizes de constituição corpórea mais admirada, quando não apareciam clientes mais endinheirados, iam à procura destes na Paissandu e aquelas de lá, menos afeiçoadas, iam ao *Morro do Querosene* caçando clientes menos exigentes.

O terceiro grupo era constituído pelos mais torpes territórios da prostituição, classificados literalmente de baixo meretrício. Neles, a decadência corpórea das meretrizes tornava-se compatível com a pauperização do ambiente físico. Sórdidos casebres de taipa, de palha ou simplesmente de talos de palmeira constituíam os territórios da *Palha de Arroz, do Móio de Vara, da Ema, do Canal de Suez, do Purgal e* do *Rala Pau*, além dos improvisados cabarezinhos dispersos por toda a periferia, principalmente aqueles nas encostas do "corte" da linha férrea, *lócus* de uma prostituição barata praticada por uma população lúmpem que não tinha acesso aos territórios da prostituição de elite ou arremediados. Muitos desses pontos se constituíam em lugares de perigo, duplamente temidos pelos boêmios dos estratos sociais superiores que evitavam entrar neles. Temiam pela sua integridade física e pela possibilidade de contração de alguma *doença do mundo* devido à precariedade das condições de higiene daqueles lugares. Maria Ambrósio da Silva, mais conhecida por *Maria Tijubina*, descreve um desses lugares:

> A Palha de Arroz, a *Barrinha*, Ave Maria! Era tudo *pereba*l. Era muito triste aquela vida delas lá... muito chué! Muito pobre, muito sujo. Lá, era até de palha, era de taipa. Mas a Paissandu toda vida, foi boa e famosa, mas a Barrinha... A Barrinha tinha até um cabaré chamado de *Sete Tabacos* [...] Porque uma hora dessa as mulheres já andavam tudo bebas. Ai era vareiro, que naquele tempo tinha porco d´água. [...] era aqueles soldados, aqueles guarda civil, aquelas pessoas, o pessoal chamavam de *Sete Tabacos* por isso... e as vezes todas bebas... Eram as mais pobres... Pobres... Pois eles não tinham dinheiro para a Paissandu.[194]

[194] Maria Ambrósio da Silva, conhecida pelo pseudônimo de Maria Tijubina, em entrevista em 23/07/1996.

A *Palha de Arroz,* na Barrinha, além da precariedade material e impudência de seus personagens, tornava-se um lugar pitoresco devido à comicidade praticada entre seus habitantes e os clientes que vinham de fora. Luis Cavaquinho lembra que alguns adolescentes gostavam de irritar a madame de um *chatô* constituído de sete quartos geminados, com sete portas defronte para a rua e que era ponto e referência, vulgarmente chamado de *Sete Tabacos*. "A gente perguntava pra aquela mulher alta: "Como é o nome desse cabaré aqui? Ela dizia: oito com o da tua mãe. Aí elas ficavam com raiva, não é? A Maria Moura, aquela Maria Moura, dona desse cabaré. "

Apesar da rusticidade do lugar e da comicidade do cotidiano de seus habitantes, a *Palha de Arroz* era também um lugar de entretenimento noturno. Os cabarezinhos não tinham luz elétrica, nem piso de mosaico, nem espelhos nas paredes, a exemplo de alguns cabarés da Paissandu. Os quartos eram muito simples: uma cama ou jirau com colchão de palha ou uma rede; uma bacia com algumas garrafas com água, para a higiene após a cópula; uma lamparina ou uma vela. O cabide era um *cambito*[195] dependurado em uma corda fina ou cordão, onde o cliente dependurava a roupa, enquanto estava despido. Este era todo o aparado de que a meretriz dispunha para atender seus clientes e proporcionar-lhes o prazer comercializado entre ambos. Além dos quartos existia um salão de festas, animadas quase sempre pelos mesmos músicos: Chico Bento, Zé Tabaco e Raimundo Carneiro. Não existia bar, mas um botequim que atendia os participantes, vendendo-lhes aguardente. Enfatiza Luis Cavaquinho:

> Não era bar, era boteco. Camarada dançando ali chegava ali: "Bota uma cana aí!" O sujeito botava no balcão ali, você tomava e ía pro salão. [...] Era simples, só que tinha uma entrada assim, e tinha um corredor. Aí só sabia mesmo quem já tinha o costume de frequentar lá, que sabia que lá era um comprimento; porque lá atrás era um movimento de salão de festa, de dança, de um botecos. Não existia esse negócio de cerveja nada, era só papuda, cachaça mesmo.[196]

A torpeza da prostituição praticada naquele lugar depauperado não impedia que muitos adolescentes o frequentassem, não como prática da boemia, mas para, voluntariamente, serem iniciados sexualmente. A quase inexistência da vigilância policial, em relação à menoridade de muitos jovens naquela zona, fazia dela um lugar atrativo para muitos rapazes inexperientes e com

[195] *Cambito* era uma peça de madeira extraída de uma árvore onde se dá o entroncamento ou bifurcação de galhos.
[196] Luis Cavaquinho, em entrevista em 19/06/2003.

pouco dinheiro para se relacionarem com prostitutas mais velhas e decadentes, porém experientes:

> Aquilo era lugar de jovens de 15, 16 anos. [...] Não tinha mulher preferida. Lá qualquer uma que você pagasse. Às vezes era até desconhecida, você não sabia nem o nome. [...] Rapazinho chegava "doidão" mesmo, não ía procurar isso. [...] Chegava e ainda pagava adiantado. Sempre pagava adiantado senão não transava não. O negócio era sério, viu? Não confiava em ninguém não.[197]

Os jovens clientes, pela sua pouca idade, não inspiravam confiança na hora de acertar o contrato comercial e sexual da relação, por isso tinham que pagar adiantado à prostituta. Também não estavam ali para afirmarem sua masculinidade, uns perante os outros, aparecendo em público na companhia de meretrizes jovens, belas e sensuais. O fato de nunca irem sozinhos à procura de sexo não deixa de ser uma afirmação da masculinidade entre si, mas através do companheirismo e cumplicidade masculina. A eles interessava satisfazer, prioritariamente, o desejo carnal da excitação provocada pela explosão de hormônios naqueles corpos juvenis, produzindo a libido. Por isso, a aparência das meretrizes, se bonitas ou feias, se jovens ou velhas demais para eles, era o que menos importava na relação sexual. "Alugava-se vagina,"[198] é como se refere a esse fato o Dr. Euvaldo Angeline. Por essa razão e pela menoridade da maioria deles, quanto menos fossem vistos naquele ambiente e na companhia daquelas prostitutas, melhor seria para preservação da boa imagem de jovens saudáveis física e moralmente.

Não eram diferentes os pequenos prostíbulos espalhados em torno da cidade, onde apenas se fazia sexo e se bebia cachaça, não tendo outra forma de entretenimento. O *Móio de Vara* era constituído desses tipos de cabarés, formando uma *mini zona* de baixo meretrício. O nome pitoresco devia-se ao tipo de construção das casas: paredes de talos de palmeira, com cobertura de palha. Localizava-se no bairro Cabral, por trás da estação ferroviária. Sua clientela era constituída, majoritariamente, de ferroviários, soldados do 25° BC, adolescentes e homens de poucas posses.

As prostitutas também eram muito pobres. Algumas vinham do interior do Maranhão, trazidas pelos maquinistas que as mantinham sob suas custas e vigiadas pela dona do cabaré, enquanto estavam viajando. Aquelas que não tinham parceiros com maior frequência faziam ponto em frente à Estação, ou transitavam até as imediações do Hospital Getúlio Vargas à caça de clientes, parando em alguns lugares, pelos quiosques e bancas, à luz de lamparina, para tomar

[197] Idem, ibid.
[198] Dr. Angeline, em entrevista em 03/09/2000.

um trago de cachaça, comer um frito ou tomar um café com bolo. As mais conhecidas eram a *Aldenora*, a *Maria Batalhão*, a *Chica Galinha* e a Antônia Alves, a *Toinha*, vulgarmente apelidada de "*Porca Ruiva*". Aos domingos, com certa constância, encontravam-se com outras meretrizes, do *Morro do Querosene*, do *Mafuá* e do *Morro do Urubu*, no forró do Manoel Eugênio, no *Porenquanto*, que terminava sempre em confusão devido ao excesso de embriaguez dos participantes. A polícia sempre era chamada para conter o tumulto, levando detidos os mais exaltados no carro-camburão, mais conhecido como *Carinhosa.*

Foto 12 - Toinha, Prostituta do Moio de Vara
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

No Mafuá, também havia uma outra concentração de prostíbulos, próximo à ponte, que na época era de madeira, e nas encostas do "*corte*" da linha férrea. Estes eram chamados de Canal de Suez. Diz Maria Tijubina:

> Era cheio de cabarezinho... Cheio mesmo. Cabaré e casas mesmo de cômodos que a mulher entrava, pagava o quartinho e ia embora. É chatozinho. Pagava o quarto, entrava e ia embora. Ai chegava outro, entrava, pagava... Era assim! [...] Canal de Suez era um

> rapaz que teve aqui e teve no Canal de Suez [...] Aí quando veio, cheio de grana, aí ele arrodeava assim para descer o "corte", para subir. Pra dizer que era o Canal de Suez. [199]

Após alguns anos morando na Paissandu, Maria Tijubina mudou-se para o Mafuá embora não deixasse de fazer ponto onde começara na prostituição em Teresina. Um dia, foi convidada para tomar de conta de um cabaré no bairro onde já estava residindo. Exerceu a profissão de madame ou gerente de cabaré por muitos anos até tornar-se proprietária de um restaurante que informalmente ficou conhecido pelo nome de *Tijubina do Mafuá,* tornando-se uma referência na noite teresinense. Afirma que tudo era muito tranquilo e animado:

> Festa dia e noite! [...] Mas era animado! Era bonito mesmo! E... não tinha confusão. Essas confusão... Era mato aquela avenida Miguel Rosa. Ali era mato até o quartel do 25ºBC, de um lado e de outro, com certeza. Mato mesmo. Aí rodeava ali , em frente ao Cemitério São José e na esquina tudo era quebra...Nego ía...era difícil ter briga. Era difícil ter confusão. A gente andava era só mesmo. Agora, a gente não pode ir na ponte. É uma tristeza.[200]

Foto 13 - Maria Tijubina e seu malandro
Fonte: Acervo da família de Tijubin

[199] Maria Ambrósio da Silva em entrevista, em 23/07/1999.
[200] Idem, ibid,

O discurso da Tijubina se contrapõe à ideia prevalente no imaginário da população teresinense que sempre concebeu o Mafuá como um bairro muito violento até os anos de 1960. Certamente, a experiência de prostituta e comerciante bem-sucedida, vivenciada no bairro, não deixou espaço na sua memória para o registro de qualquer episódio que lhe faça lembrar cenas de violência. Mas as imagens das prostitutas de sua época continuavam muito vivas na sua memória.

> Desse período, tinha a Ana Maria, Tinha a Luíza [...] Tinha a Creusa. Tinha um bocado delas. Morreram quase tudo na pior! Não tem mais ninguém. [...] Aí foi o tempo que foram saindo o pessoal. Hoje mudou! Ave Maria! Deus me livre! Ninguém sabe quem é ninguém. Aí, viado depois, foi pintando!...Tinha o filho da Alzira; virou viado depois... Apareceu tanto viado que Ave Maria![201]

Tijubina foi uma das poucas meretrizes que conseguiram sair do mundo da prostituição antes da decadência total. Como ela mesma afirma sobre as prostitutas que lhe foram contemporâneas: "*Morreram tudo na pior!"* Ainda com força para trabalhar, passou a exercer a profissão de comerciante, vendendo comida, tornando-se proprietária de um dos pontos mais marcantes da vida boêmia, dos anos de 1970 a 1990 . O *Tijubina do Mafuá,* como era chamado, era frequentado principalmente por jogadores de futebol, jornalistas, soldados do Exército, políticos, intelectuais, artistas, universitários que praticavam a boemia e não encerravam a noite sem antes comerem uma *panelada*, uma *mão-de-vaca*, um *sarapatel*, uma *buchada*, e outras iguarias da culinária popular dos teresinenses. E ainda interagindo com outros sujeitos da noite: bêbados, vagabundos e prostitutas decadentes.

Um aspecto quase ausente nos discursos sobre os territórios da prostituição em Teresina, mas bastante enfatizado no depoimento da Tijubina e no de Cavalheiro, é a presença de homossexuais na zona. Seja na *Paissandu*, *Morro do Querosene* ou *Mafuá,* a prática de sodomia ou prostituição masculina era marcante. Homossexuais ativos, passivos, mistos, onanismo, em menor proporção, agindo na noite com as prostitutas, aumentando a diversidade sexual na produção de desejos e na prática de prazeres ilícitos.

O cinturão da prostituição em torno do centro da cidade, até a década de 1960, completava-se com um número expressivo de prostíbulos na *Matinha*, fechando o círculo com o *Cai N´agua* na margem do rio Parnaíba. Algumas pessoas, como a Maria Tijubina, chamavam de *Ema* os cabarés da Matinha. Fora desse círculo, existiam pelo menos três áreas mais afastadas de territórios de prostituição de baixo nível. Na zona Norte da cidade, o *Quebra-Chifre* no bairro

[201] Maria Ambrósio da Silva, entrevista em 23/07/1999.

Matadouro, e mais adiante, no sentido do bairro São Joaquim, o *Ralice* que também era, pejorativamente, chamado de *Rala-Pau*. Ambos existiram a partir da segunda metade da década de 1950, tendo seu apogeu em meados da década seguinte. Relembra Antonio Carlos Marques , porque o *Ralice* era chamado de *Rala-Pau.*

> Diz um outro pessoal mais antigo que a gente que lá colocaram esse nome porque, além de ter sido desmatado lá pra fazer o local, e quando tinha uma pequena confusão lá, se dizia: rapaz o pau relou pra todo lado. Ai eles colocaram esse nome lá.[202]

A *Ema*[203] era constituída de pequenos cabarés e prostitutas muito pobres. Localizava-se no final da Alameda Parnaíba, onde se inicia o *Morro do Urubu*. Não havia iluminação pública, mas havia movimentação noturna. Algumas mulheres de idade mais avançada colocavam pequenas bancas, à luz de lamparina, onde vendiam pinga, frito e café. Ali, alguns bêbados abusavam da paciência das vendedoras e pronunciavam palavrões. Uns, depois de uma dose de cachaça entravam nos cabarezinhos, enquanto outros saíam saciados do prazer carnal. Alguns jovens adolescentes aproveitavam a escuridão para um encontro sexual furtivo. Confusão maior era só por excesso de embriaguez, ou quando um cliente não pagava o combinado com a meretriz ou a banqueira que vendia a merenda (frito ou café com bolo) e, ainda, quando havia briga de meretrizes de cabarés diferentes, a exemplo das prostitutas da *Ema* com as do *Móio de Vara,* da *Palha de Arroz*, do *Canal de Suez*, ou do *Morro do Querosene:*

> O que eu mais achava engraçado era o encontro de uma mulher prostituta com outra, uma sendo de um brega, outra sendo de outro. [...] Então quando tinha a confusão de duas mulheres brigando, aí começava aquela baixaria: uma dizia que era porque aquela ficou com o homem dela; a outra dizia: ela quem tinha ido procurar o homem dela. E ninguém sabia quem era das duas que tinha razão. Só que a baixaria começava. E aí chegava outra de penetra e começava a meter fogo na outra: Vixe siazinha! Eu não queria um homem daquele que saiu com uma puta da Palha de Arroz.[204]

Observa-se que havia uma disputa entre as prostitutas por determinados clientes, cuja razão pode ser entendida por duas vertentes: a condição pecuniária dele, ou o prazer que a prostituta tinha em relacionar-se com aquele e não com outro. Ou seja, a disputa pelo corpo pecuniário ou pelo prazer do corpo do cliente que podia proporcionar-lhes. E embora os cabarés

---

[202] Antonio Carlos Marques, entrevista em 29/06/2005.
[203] Ema era uma zona de prostituição localizada no Morro do Urubu. Alguns anos depois, surgiu no bairro Matinha outro espaço de prostituição com o mesmo nome, em alusão a um ponte metálica por onde passa o trem, no cruzamento da Rua João Cabral com aAv. Miguel Rosa.
[204] Antonio Carlos Marques, entrevista em 26/06/2005.

que frequentavam ou residiam possam ser classificados numa mesma categoria, a de pauperização, existia entre elas uma tentativa de discriminação, sendo a zona da *Palha de Arroz* considerada a mais torpe de todos os territórios de prostituição. O fato de um cliente ter se relacionado com uma prostituta da *Palha de Arroz* era usado para discriminar a prostituta de outros cabarés que viessem a se relacionar com ele também. Ou seja, as prostitutas de outros cabarés, principalmente daqueles da Paissandu, não queriam ficar com o cliente que publicamente era sabido que ele se relacionava com meretrizes da Palha de Arroz. O corpo do cliente estigmatizado pelo ambiente que frequentava.

O *Purgal* localizava-se mais distante do centro da cidade, nas imediações do que hoje é o bairro São Cristóvão. Era um aglomerado de casas de palha e de taipa, de prostitutas pobres, malvestidas, quase todas analfabetas e que recebiam clientes bebedores de cachaça. Em cada casebre, criava-se um gato ou um cão vira-lata, maltratados, famintos e certamente com o corpo cheio de pulgas, eis a razão da denominação pitoresca do local*: Purgal.*

Contrastando com a pauperização do *Purga*l, o *Brasília,* localizado no bairro Ilhotas, era um cabaré bem estruturado, funcionando numa casa grande com avarandado. As mulheres de lá eram prostitutas bem-afeiçoadas oriundas de outros cabarés, principalmente da Paissandu e também de outros estados. Para atender a uma clientela mais endinheirada e mais exigente, mantinha-se conexão com gerentes de cabarés de outras zonas e de outros estados, havendo um contínuo tráfego de mulheres, as quais tinham uma passagem efêmera por Teresina.

A prostituição, contrariando aqueles que sempre viram na sua prática apenas malignitudes, concebida na perspectiva econômica, não estava circunscrita apenas ao contrato sexual e comercial entre prostituta e cliente. A ela, estavam agregadas várias outras atividades trabalhistas através das quais muita gente empregava sua mão-de-obra, garantindo assim a sua sobrevivência. Eram músicos, como Luís Cavaquinho, garçons, arrumadores de quartos e porta-vozes de prostitutas, como Cavalheiro; cozinheiras, cabeleireiros, manicures, porteiros, mágicos, dançarinas, lavadeiras etc. Entre esses trabalhadores e trabalhadoras, eram trançados os mais diversos tipos de relações, fundamentadas quase sempre por um sentimento de solidariedade que superava os conflitos pessoais menores, motivados pela disputa e ambição de alguns.

A vida cotidiana dos cabarés possibilitava a interação de elementos como arte, lazer, trabalho, em torno da prostituição que, dessa forma, cumpria também uma função socializadora.

A historiadora Margareth Rago, ao analisar a prostituição e a sexualidade em São Paulo durante a Primeira República, compreende que:

> A prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser apreendidas se escaparmos dos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade. Ao agrupar os indivíduos através de redes subterrâneas de convivência e solidariedade, apresentava-se como um território que viabilizava a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão. Práticas silenciosas que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras e jogos que ocorriam nos cabarés e "pensões" alegres da cidade conformavam um espaço importante de interação social. [205]

As prostitutas que vinham de outras cidades mais desenvolvidas para alguns cabarés da Paissandu, consideradas no universo da prostituição da cidade como alto meretrício, eram imitadas nos seus gestos, no modo de vestir-se, no penteado e na maquiagem. Com os homens ocorria situação semelhante, principalmente com os boêmios da elite. Aqueles que estudavam fora ou viajavam para outras capitais como Recife, Salvador, Rio de Janeiro, sempre apresentavam novidades no linguajar, no modo de vestir, no penteado, no jeito de dançar, praticadas não somente no *Clube dos Diários* como também na zona, sendo logo imitados pelos outros.

A Paissandu era um espaço de muitas sociabilidades, mesmo que não tivesse a mesma suntuosidade dos cabarés do sul do país, no qual prostitutas estrangeiras, principalmente francesas, agiam como professoras de etiqueta social. Teresina, entretanto, não ficava fora do circuito da prostituição nacional. Havia sempre meretrizes de outros estados e até de outros países latinos fazendo temporada na capital piauiense no momento em que a prostituição de elite, concentrada na Paissandu, começava a se descentralizar para outros cabarés como: *Brasília, O Casarão, A Particular*, todos de propriedade da Maroca. Diz Gerusa que "as mulheres eram de fora: era carioca, era baiana, era gaúcha... era assim; até cubanas vinha. Foi nessa remessa que veio Assucena Moraes... E chegou e se deu muito bem comigo, que eu era gerente."[206]

Assucena era uma prostituta argentina, muito bonita que, em temporada em Teresina, fazia apresentações artísticas em alguns cabarés. Era dançarina, apresentando vários números de danças espanholas. *A priori*, uma atividade profissional que poderia ser exercida tanto no território da prostituição, como fora dele. Entretanto, naquela época, ser dançarina, tanto fazia ser

[205] RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*. 1991; p. 168.
[206] Gerusa Santos, em entrevista em 08/01/2005.

de palco ou de salão, era uma atividade estigmatizada, associada à prostituição, como qualquer outra atividade trabalhista exercida pelas mulheres, fora do lar e no turno da noite. Assucena era aplaudida, fazia sucesso quando dançava e tornava-se mais desejada, atraindo pra si maior número de clientes especiais: médicos, advogados, políticos etc.

Foto 14 - Assucena Morais (argentina)
Fonte: Acervo da família de Gerusa Santos

Em Teresina, embora já existisse a *Delegacia de Vigilância e Captura* e a *Delegacia de Costumes,* não havia com nenhum tipo de serviço especializado de repressão à prostituição como em outras capitais, a exemplo do Rio de Janeiro, em que o governo de Getúlio Vargas já na década de 1940, querendo demonstrar a força do Estado no sentido de manter o controle total sobre os territórios da prostituição, "criou o *Serviço de Repressão ao Meretrício (SEM),* em 1943,

como parte das reordenações propostas pela estrutura do Estado Novo."[207] A repressão ao meretrício visava, principalmente, "descolar" as atividades de trabalho da prostituição, considerada um não-trabalho, apesar de, jocosamente, em todos os lugares e em todas as épocas se dizer que "a prostituição é a profissão mais antiga do mundo". O *SEM* era subordinado à *Delegacia de Costumes e Diversões* que tinha a função de centralizar todas as informações sobre as zonas de prostituição e reprimir seus agentes transgressores:

> Tal poder objetivava estabelecer uma fronteira definida entre o trabalho desenvolvido por dançarinas, bailarinas e atrizes, e o não-trabalho que representava a prostituição, o que atingia fundamentalmente o grupo de fronteira formado pelas "prostitutas trabalhadoras", dentre as quais se projetavam as bailarinas e dançarinas dos cabarés e *dancings* da cidade..[208]

Apesar do esforço do Governo para demarcar territórios de atividades de trabalho e prostituição, os setores mais conservadores da sociedade, em qualquer canto do país, associavam trabalho artístico à prostituição, ou seja, artista (atriz, bailarina, dançarina) era sinônimo de *puta*. Desse contexto, veio a inspiração a *Américo Seixas* e *Chocolate* para comporem, em 1953, o samba-canção *Vida de Bailarina*, um dos clássicos do cancioneiro popular brasileiro, um sucesso de todos os tempos, na interpretação original de Ângela Maria:

Vida de Bailarina

Quem descerrar a cortina
Da vida da bailarina
Há de ver cheio de horror
Que no fundo do seu peito
Existe um sonho desfeito
Ou a desgraça de um amor
Os que compram o desejo
Pagando amor a varejo
Vão falando sem saber
Que ela é forçada a enganar
Não vivendo pra dançar
Mas dançando pra viver
Obrigada pelo ofício
A bailar dentro do vício
Como um lírio em lamaçal.
É uma sereia vadia
Prepara em noites de orgia
O seu drama passional
Fingindo sempre que gosta

[207] MENEZES, Lená Medeiros de. *Os Indesejáveis.* 1998; p.261
[208] Idem, ibid.

De ficar à noite exposta
Sem escolher o seu par
Vive uma vida de louca
Com um sorriso na boca
E uma lágrima no olhar.[209]

Pelos versos dos autores da música, pode-se inferir que a dançarina poderia ser alguém que, simultaneamente, praticasse a dança e a prostituição por opção e, também, por prazer, além do sentido pecuniário. Assim como poderia ser alguém que apenas usa o corpo através de expressões rítmicas em forma de representação artística. Mas, por trás da sensualidade exposta no palco ao consumo de olhares libidinosos ou o erotismo exposto na cama, pronto para saciar desejos carnais, existia uma mulher carente de afeto, que se prostitui no corpo, mas não na alma, igual a "um lírio em lamaçal". Como o palhaço que chora no camarim e volta ao picadeiro para fazer o público sorrir, a bailarina vive, à noite, seu drama passional e paradoxal de "um sorriso na boca e uma lágrima no olhar", de uma alegria aparente externada pelo falso sorriso e uma tristeza interna contida no sentimento e na alma.

A noite, na *zona*, era animada com música e dança nos salões, como também pelas apresentações, no palco, de Assucena Moraes e de mágicos que, através de seus truques ilusionistas, levavam o público ao êxtase resultante de efeitos que virtualmente ultrapassavam as forças comuns da natureza. A diversão noturna se completava com os salões de jogos nos cabarés ou separados destes, mas dentro da zona. O mais famoso cassino funcionava no Quitandinha, onde se jogava de tudo: roleta, sinuca, dado, bacará, baralho. Diz Luiz Cavaquinho: "O principal cassino era lá no Quitandinha. [...] Tinha roleta, tinha bacará que era os 9 pontos. [...] Era um cassino completo. [...] E a roleta? A roleta nego abusava. Me lembro muito bem no dia em que foi lá a polícia e apreendeu a roleta. Foi uma confusão danada..."[210]

As festas dançantes eram a opção de lazer que acontecia com mais regularidade. Uma estratégia das madames para trazerem clientes endinheirados para gastar dentro do cabaré. E assim, muitos homens da elite, jovens e adultos, casados e solteiros, compareciam à *zona* em dias de festa, não para fazerem sexo, mas para beberem e dançarem. Nesses dias, ou mesmo naqueles em que a música não era ao vivo, podia-se identificar uma perfeita articulação de cumplicidade

[209] *Vida de Bailarina* – canção de autoria de Américo Seixas e Chocolate, composta em 1953. Gravado original em vinil em 78 RPM (setembro de 1953). Em 1996, a TV Globo realizou o musical *Ângela e Amigos* e o CD e DVD com o mesmo título nos quais Ângela Maria divide com Djavan a Interpretação *de Vida de Bailarina.* Cauby Peixoto também dividiu com Ângela a intepretação dessa música.
[210] Luis Cavaquinho, em entrevista, em 19/06/2003

para exploração comercial, constituída pela madame, pela prostituta e pelo garçom, cujo alvo a ser atingido era o cliente.

Ao adentrar ao cabaré, a madame já ordenava que uma das mulheres se aproximasse daquele cliente para lhe fazer companhia. Ou perguntava ao cliente qual era o tipo de mulher da sua preferência: loura, negra, morena, ruiva, etc. As prostitutas eram instruídas para fazer o cliente gastar o máximo, antes de ir ao quarto se ele quisesse fazer sexo. O primeiro passo nesse sentido era nunca ficar só com o cliente à mesa, mas chamar as colegas para que a farra fosse duradoura e, consequentemente, promovesse maior lucratividade ao bar. Táticas ilícitas eram praticadas nesse sentido. Afirma Maria Tijubina:

> A primeira que se acompanhava tinha que convidar tudinha, as três, quatro, cinco. [...] Era ordem da madame, pra "tomar" a grana. Aí quando a mulher estava menstruada, o garçom: Quem tá menstruada? Eu tô! Levanta o dedo. Aí chegava uma pessoa, ai ele trazia aquelas doses de whisk e um capim de cheiro. Ai o capim de cheiro era pra passar pra gente.[211]

O chá de capim de cheiro tinha a mesma cor do *whisky*. Essa era a forma de trair a confiança do cliente, burlando[212] o tipo de bebida que deveria ser consumida por todos que estavam à mesa. O garçom com o atendente do outro lado do balcão eram os agentes da operação desonesta para furtar o cliente na conta: cobrava-se o consumo de um número de doses muito superior ao que de fato havia sido ingerido. A mesma coisa ocorria com o consumo de cervejas. O garçom aproveitando-se da distração ou do já elevado grau etílico do cliente, colocava várias garrafas vazias debaixo da mesa, junto com aquelas cujo líquido havia sido ingerido, de fato. No momento de pagar a conta, o cliente pagava um número de cervejas muito maior que ele com suas acompanhantes haviam consumido. "Aí a gente quando encerrava tudo, no outro dia, todo mundo pra... era dividido o lucro com todo mundo. Aí todo mundo tinha a sua despesa paga com aquele capim de cheiro que ele passava ou aquela garrafa seca.." [213]

As prostitutas residentes nos cabarés pagavam diárias à madame, pela hospedagem e alimentação. Dependendo do lupanar, a prostituta pagava ainda a chave, ou seja, um percentual sobre cada programa. Entretanto, a relação entre prostituta e madame era de obediência e proteção, respectivamente. Em alguns casos, apesar da exploração, a relação tornava-se afetiva,

---

[211] Maria Ambrósio da Silva, entrevista em 23/07/1999.
[212] Idem.. Idem.
[213] Antonio Pereira da Silva, entrevista em 12/07/1999.

mas era, antes de tudo, de confiabilidade sob pena do "contrato" acertado entre ambas não funcionar bem para nenhuma das partes.

Ocorriam vários eventos festivos, os mais esperados e disputados eram os aniversários das madames, momento em que as prostitutas da "casa", as convidadas e os convidados se vestiam elegantemente para a ocasião. Este é um dos fragmentos de memória mais vivos de Cavalheiro:

> Tinha o dia de fazer aqueles bailes. [...] quando uma madame completava ano, tantos anos, né!... Se fazia aqueles tira-gosto e se convidava muita gente. Ah! Mas era bonito nesse tempo. Vinha mesmo era a música, essas da bacana, pra tocar aqui no cabaré. [...] O pessoal vinha pra dançar. Mas era bonito demais! [214]

Foto 15 - Gerusa Santos em dia de festa
Fonte: Acervo da Família

[214] Antonio Pereira da Silva, entrevista em 12/07/1999.

Gerusa não ocultou a emoção ao falar de si, sobre aqueles momentos de comemoração de seu aniversário. E revela: "O aniversário de Gerusa eram três conjuntos: a *Orquestra Guanabara*, de Caxias; o *Jazz do 25° BC* e o *Jazz da Polícia Militar*".[215] Cada grupo musical posicionava-se estrategicamente pronto para saudar cada convidado ilustre que adentrava ao cabaré. Depois, durante a festa, cada grupo musical tocava uma peça, executando repertórios diferenciados: samba, rumba, bolero, mambo, samba-canção, tango, xote e baião.

Os festejos juninos e carnavalescos eram também momentos de grande incitação e alegria. No *São João*, vestiam-se a caráter e frequentavam arraiais de outros cabarés. Mulheres da Paissandu costumavam ir aos cabarés da Maroca (*O Casarão, Brasília e A Particular*), ou as de lá vinham para a Paissandu. Mas o momento de grande euforia eram os festejos mominos, quando ocorria o *Corso Carnavalesco*. Era o desfile de carros cheios de foliões fantasiados, cantando, jogando confetes pelas ruas da cidade. Um dos maiores animadores do carnaval dessa época, Antônio Vieira Sales, mais conhecido como Antônio Pintinho, diz que num primeiro momento:

> Os carros eram compostos com carroças enfeitadas. Na medida que o número de carros cresce na cidade, as carroças vão sendo substituídas. Isso já no final da década de 20. No começo da década seguinte as prostitutas da Paissandu passavam a compor o corso carnavalesco de Teresina; 'as raparigas preparavam aqueles carros alegóricos... Aí competiam: o carro da Gerusa, o carro da Raimundinha Leite. Eram três outros carros de raparigas. [...] muito bem vestidas, bem fantasiadas. [216]

Gerusa relembra com precisão de quem eram os caminhões de raparigas que participavam do *corso* em Teresina: "Era um caminhão meu, um da Maria Messias, que por sinal já morreu, um da Rosa Banco e um da Luzia Costa. [...] A saia era que cobria o caminhão. A gente se juntava assim...[217]

---

[215] Gerusa Santos, entrevista em 08/01/2005

[216] SALES, Antônio Vieira. IN: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Uma Viagem ao mundo de Antonio Pintinho.. Teresina; Fundação Monsenhor Chaves. 1993; p. 4.

[217] Gerusa Santos, entrevista em 08/01/2005.

Foto 16 - Corso – Representação Caminhão das Raparigas

As prostitutas da Paissandu como as demais, discriminadas durante todo o ano por uma sociedade ainda marcada por traços provincianos, tinham seu momento de glória, entre aqueles que as marginalizavam:

> Só mesmo uma festa como o carnaval conseguia esta inversão: de marginalizadas, as prostitutas tornavam-se protagonistas da festa, aplaudidas no Caminhão da Raparigas – a atração maior do corso carnavalesco, vestindo enormes *suarês* confeccionados em tafetá e failite nas cores azul-celeste, vermelho e amarelo dourado[218].

Havia, entretanto, aqueles que gostavam de atrapalhar o lado bonito da festa praticando cenas de vandalismo, às vezes insulto a quem estava fazendo o brilho da festa que enchia de prazer e alegria não somente quem estava representando, brincando o carnaval, mas também quem estava assistindo. O que *a priori* seria cômico tornava-se em ato de agressão. A escritora Nerina Castelo Branco, descrevendo uma cena do corso carnavalesco na década de 1950, muito presente na sua memória, assim se reporta: "Como sempre, a molequeira – uma instituição infalível em qualquer sociedade humana, saía atrás delas, com seus paus futucando as saias, para

[218] SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O Carnaval em Teresina. IN: *Histórias de Vario Feitio e Circunstância*. 2001; p. 87-8.

mexer com as madames. [...] E os moleques futucavam e as raparigas metiam o cipoal neles"....[219]

Finalizava-se o corso nas primeiras horas da noite, em seguida se iniciavam os bailes nos cabarés, sempre com música ao vivo: músicos da Banda do 25° BC ou da Banda da Polícia Militar. Além da população residente na Paissandu, compareciam pessoas dos mais diversos pontos da cidade. Quando a festa no *Clube dos Diários,* no *Botafogo* ou em outro clube popular encerrava primeiro, parte dos foliões se deslocava para a Paissandu a fim de dar continuidade à brincadeira momina, ou para fazer alguma refeição em um daqueles bares-restaurantes.

Observa-se que, na década de 1950, o crescimento quantitativo foi mais marcante na história da prostituição em Teresina. Aumentou o número de prostíbulos que constituíam a geografia do prazer e, em consequência, a população de meretrizes, de perfis socioeconômico-cultural-estéticos diversos. Não seria racional tentar entendê-las de forma homogêneas, mas classificá-las em três ou quatro categorias.

A Meretriz

Não existe vida mais degradante
Do que a vida da pobre meretriz
Faz do amor comércio aviltante
E até nas orgias se sente infeliz.

Por mais nova a bonita que seja,
Ou viva no luxo mais requintado
Em qualquer recinto que esteja,
A meretriz tem porte reservado.

Embora se mostre bem delicada,
Com jeito até de mulher granfina,
Vive sujeita a ser maltratada.
Dificilmente chega à velhice
Sem se maldizer muito de sua sina,
Achando mulher que não existisse.[220]

[219] CASTELO BRANCO, Nerina. Op. Cit. 1979; p. 45-6.
[220] Cunha e Silva, Jornal Estado do Piauí (29/05/1969 – p. 3.

Um primeiro grupo seria constituído, em relação ao indistinto conjunto de prostitutas, por aquelas que viviam ou se apresentavam com certa opulência. Eram bem- alimentadas, vestiam-se bem e viviam sob a "tutela" de madames dos grandes cabarés da Paissandu. Eram elegantes no vestir, desde as peças íntimas ao vestuário externo: usavam meias-calças de seda, calcinha, anágua, espartilhos e *soutien*. Usavam laquê no cabelo, após serem penteados por algum cabeleireiro entre os que prestavam serviços nos cabarés. As unhas eram cuidadosamente pintadas bem como a maquiagem à base de pó-compacto, *rouge,* baton, e lápis de cera para contornar os olhos, as sobrancelhas ou fazer um sinal artificial na face, muito em voga naquela época. Estavam sempre bem perfumadas, com colônias da linha *Coty*; pernas, axilas e partes pudendas depiladas. Eram brancas ou morenas, jovens, bonitas, escolarizadas; algumas eram oriundas de outros estados, fazendo em Teresina breve temporada como parte de turnê interestadual do circuito nacional da prostituição. Apresentavam-se bem em público, fora da zona e no cabaré, quando não estavam alcoolizadas. Eram responsabilizadas pelas madames para entreter ao máximo o cliente no salão, antes de irem para o quarto a fim de dar mais lucro ao cabaré. Seus clientes eram homens ricos, casados ou solteiros, jovens, elegantes, oriundos de famílias tradicionais; eram advogados, acadêmicos de Direito, médicos, comerciantes, funcionários públicos bem situados, político ou militares de alta patente. Eles escolhiam-nas não apenas para o ato sexual, mas também para os acompanharem nas danças, nos *drinks*, nas bancas de jogos. Eram submetidas periodicamente à inspeção médica como medida de profilaxia contra doenças venéreas. Não eram muitas, por esta razão eram sempre convidadas para todos os bailes de noites especiais, nos quais sempre faziam muito sucesso. Algumas, entretanto, tinham gigolôs.

As de segunda categoria eram as mais bem afeiçoadas do *Morro do Querosene* e aquelas que habitavam na Paissandu, mas que viviam em quartos alugados sem maiores condições de conforto e higiene. Esperavam o cliente sentadas à porta. O serviço prestado em forma de prazer era exclusivamente sexual. Não acompanhavam clientes em atos de sociabilidades na zona. Uma grande parte era constituída por aquelas de idade mais avançada, e sem maiores atributos físicos, de cor negra e morena e sem escolaridade, ou sabendo apenas assinar o nome. A sobrevivência cotidiana dependia de quantos programas faziam por noite e de quanto conseguiam arrecadar com eles. Seus clientes eram homens de menos poder aquisitivo: jovens sem maiores experiências na arte do pecado carnal, estudantes, homens mais idosos e casados que não queriam se expor em público na companhia de meretrizes. Iam à zona só para fazer sexo. Ainda se enquadram nesse grupo as não-residentes na Paissandu, mas que lá compareciam à procura de clientes e para se

divertirem. Quando encontravam alguém, negociavam o preço do programa, incluindo ou não a chave e partiam para um *chatô*. Vestiam-se de forma mais modesta, sem negar a imagem prevalente da prostituta no imaginário da sociedade: vestido apertado, de alça ou com decote bem "cavado" mostrando o colo dos seios. Maquiagem forte e perfume de segunda categoria. Os espartilhos não faziam parte das peças íntimas. A maioria, em vez de *soutien*, usava uma "camisa" de alça fina por cima da anágua e debaixo do vestido.

As prostitutas de terceira ordem eram despossuídas de bens materiais e atributos físicos. Eram consideradas como refugo dos boêmios libertinos. Totalmente pervertidas e sem resquícios de pudor no vestir-se, no linguajar e nos gestos (obscenos e libidinosos). Quando chegava a noite, eram vistas, logo cedo, nos botequins e quiosques tomando cachaça, na companhia de clientes embriagados. No interior dos cabarés ou na via pública, devido a sua impudência, com frequência arrumavam confusão. Algumas eram gordas, lânguidas, seios grandes e caídos, arcada dentária incompleta ou estragada. Outras, de musculatura rígida, mas de pele manchada, tinham cicatrizes pelo corpo decorrentes de cortes de gilete ou golpes de garrafas, consequência das confusões em que se metiam. Eram desaforadas, respondendo sempre com palavrões e obscenidades quando ouviam algo de que não gostavam. O exemplo típico desse perfil era Toinha,[221] do *Móio de Vara*. Quando alguém lhe chamava de "*Porca Ruiva,*" respondia sempre com xingamentos à mãe de seu agressor. Ou se lhe dissessem que a Polícia levaria preso quem não estivesse com documento, ela não hesitava em levantar a saia e bater no baixo ventre e dizer "tá aqui, o documento é a *boceta*". Sua preferência era por soldados jovens do Exército. Foi com um deles que perdeu a virgindade aos 12 anos de idade, à margem do rio Poti. Outras agiam de forma impudente, como a Chica Galinha e a Véia do Rádio, ambas conhecidas como "gato da estação". Diz Carrola que era chamada de:

> Veia do Rádio porque quando ela conseguia alguém pra fazer algum programa, ela corria no mato que tinha... ela levava o rádio e deixava lá, ligado que era pro pessoal saber que lá tinha gente. [...] Já era idosa e gostava só de menino, entre 15 e 17 anos. Ela tinha um negócio de dizer assim: vambora ligeiro, vambora ligeiro. [...] Ás vezes ela atendia até dez... Ela atendia a todos... Depois que ela botava o espinhaço no chão, pronto. [222]

Os clientes desse tipo de prostituta eram os que menos tinham dinheiro: adolescentes, recrutas do Exército, estivadores, trabalhadores braçais em geral, vagabundos com os quais fazia

[221] Antônia Alves de Oliveira, nasceu na cidade de Ipu(CE). Era analfabeta e não sabia a idade exata; teve três filhas: uma faleceu, e as outras duas foram criadas por terceiros, que não chegou a conhecê-las depois de adultas. Nunca aceitou gravar entrevista, mas falava abertamente de sua história de vida como prostituta. Faleceu em 2005.
[222] Francisco Alves de Sousa, o Carrola, entrevista, em 12/09/2000.

sexo em algum cabarezinho ou chatô. O coito ocorria, também, com frequência, de forma furtiva, em algum matagal, em total desconforto e sem a menor condição de higiene.

Eram meretrizes que nunca iam ao médico, a não ser quando já estavam bastante infectadas por alguma doença venérea. Entretanto, eram mulheres que usavam o corpo com muita competência, transando sequencialmente com dez, doze ou até quinze clientes, um número de parceiros considerado fora do normal para uma mulher conseguir ter relações sexuais. Eram, literalmente, verdadeiras *putas*. Segundo o discurso de Margareth Rago, "a *puta* é aquela que, gulosa e incontrolável, adora os excessos de álcool, de fumo, de sexo"[223]

Subjacente às imagens de prostitutas públicas, existiam aquelas que praticavam a prostituição clandestina e aquelas que exerciam outras profissões como operária, costureira, cozinheira, doceira, lavadeira, como Honorata dos Santos que trabalhava para algumas madames da Paissandu, como a Raimundinha Leite. Teve dois relacionamentos fixos e duradouros, mas praticava a prostituição esporadicamente. Diz que: "Os homens era que vinha atrás de mim aqui na minha casa".[224] Nunca se encontrava com algum cliente em *chatô*. Às vezes, ía à Paissandu, mas para se divertir, ou mesmo que encontrasse algum cliente, marcava o encontro para a sua casa.

As causas pelas quais as mulheres se prostituíam são diversas: prazer, necessidade econômica, diversão. São razões relativamente simples, mas a prostituição em si, para se entender, talvez não seja tão simples assim. Inadequadamente, até a década de 1960, chamava-se de prostituta não apenas as mulheres que praticavam a prostituição comercializando seu corpo, mas toda e qualquer mulher solteira que fosse desvirginada. Existia então uma larga diferença entre ambas: uma que apenas praticara ou praticava o sexo ilícito, sem um contrato, através do casamento (religioso ou civil) e a que fazia sexo estabelecendo com o parceiro uma ralação comercial e contratual de duração efêmera. Não basta só lançar mão do clichê de que a prostituição é *a mais antiga profissão do mundo*, apresentado em quase todos os discursos médicos e juristas formadores de conceitos de moralidade e sexo saudável, ou que a prostituição é um mal necessário:

> A prostituição numa cidade, numa vila, em qualquer lugar de certo movimento, é uma necessidade vital, torna-se uma válvula de segurança social, com especialidade, coibindo vícios no elemento púbere varonil e mantendo um certo e determinado equilíbrio na ação popular da localidade..[225]

[223] RAGO, Margareth. Op. Cit. p. 89.
[224] Honorata Pereira dos Santos, entrevista em 02/07/2000.
[225] RAGO, op. Cit. 1997, p. 87.

Em outras palavras, pretende-se dizer que a prostituição surgiu da necessidade sexual dos homens e que em determinado momento da história de um povo, de uma cidade, de uma vila ,os homens, apesar de seu incontido desejo do prazer sexual, preferiam que suas futuras esposas chegassem virgens ao casamento. A prostituição, nesse caso, teria uma dupla função social: realizar o prazer sexual dos homens e assegurar a honra das moças, através da virgindade até ao casamento.

Feministas mais ortodoxas chegaram a fazer uma comparação entre prostituição e casamento, já que em ambas as condições, a relação sexual é praticada mediante um contrato.

> Contratada pela vida toda por um homem; a prostituta tem vários clientes que pagam a ela pelos seus serviços. Uma é prestigiada por um único homem contra todos os outros; a outra é defendida por todos contra a tirania exclusiva de cada um. [226]

O comentário feminista vê apenas a questão contratual, embora um seja efêmero e outro "permanente", da relação sexual. Nessa perspectiva, fica implícito no pensamento feminista o velho modelo de esposa cujo marido tem a função de provê-la para exercer sobre ela o poder, iniciando com o sexual. O casamento seria simplesmente um contrato sexual e comercial, semelhante à prostituição, dela se diferenciando apenas pela duração. Ficaria de fora, nesse mister, qualquer relação de interdependência afeto-conjugal. Penso ainda, ser um equívoco, equiparar a prostituição ao casamento na perspectiva de que a relação contratual que envolve a "propriedade" nas pessoas esteja baseada num pacto de troca, de obediência por proteção. É indiscutível que o modelo tradicional de família, baseado no princípio fundamental da monogamia, pregado pela cultura cristã e patriarcal busque o compromisso de doação, obediência e submissão ao marido em troca de proteção por toda a vida, firmada através de contrato religioso e/ou jurídico. Mas, no contrato da prostituição, onde estaria a proteção? O cafetão ou madame a quem as prostitutas estão ligadas cotidianamente, deles recebendo uma suposta proteção, não participam diretamente do contrato efêmero de compra e venda do corpo para consumo do prazer entre prostituta e cliente. Eles apenas agenciam, coordenam, supervisionam e extraem uma parcela de ganho pecuniário desse contrato.

O caráter público da prostituição torna fácil o acesso às prostitutas, por qualquer homem que tenha dinheiro e se propuser pagar pelos seus serviços acordados no ato da transação. E a

---

[226] PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual.* 1993; p. 281.

partir desse momento, o acordo passa a ser particular, privado, semelhante a um vendedor e comprador de uma mercadoria para seu usufruto pessoal no âmbito privado. Ou seja:

> A prostituição é a utilização do corpo de uma mulher por um homem para a sua própria satisfação. Não há desejo ou satisfação por parte da prostituta. A prostituição não é uma troca prazerosa e recíproca da utilização dos corpos de uma mulher por um homem em troca de dinheiro.[227]

No ato da relação, o coito toma sentidos diferenciados das partes que se relacionam. O que é prazer para o homem, é trabalho para a prostituta. Trabalho este reconhecido por diversos setores da sociedade, como um outro trabalho qualquer que envolve o corpo, mas a sua não-aceitação ocorre devido à hipocrisia desses mesmos setores em não reconhecerem a prostituta como trabalhadora, prestadora de serviço e sim como uma degenerada que promove a degradação física e moral de muitos homens. Um paradoxo ao clichê usado por todo mundo, em todos os tempos: *A prostituição é a mais antiga profissão do mundo.*

A prostituta, para exercer afetivamente a prostituição como profissão, deve se afastar o máximo de si mesma como pessoa humana, sobretudo de suas emoções, não deixando aflorar sentimentos que resultem numa relação afetiva com algum cliente. Aí, então, pode ser a sua perdição, porque se tornaria vulnerável, frágil, presa fácil a um outro personagem que entra em cena: o *gigolô*, responsável pela desgraça e miséria de muitas prostitutas, do ponto de vista físico, econômico e psicológico.

Na Paissandu, como em qualquer outro território de prostituição, as meretrizes de luxo ou as "rameiras" esperavam o cair da noite para entrarem em ação como profissionais do sexo. Umas lançavam olhares insinuantes, exibiam seus atributos físicos num jogo de sedução como estratégia para o acasalamento. Outras, mais ousadas, faziam gestos obscenos, falavam de carinho e de práticas libidinosas, a troco de dinheiro, com préstimos voltados ao prazer do cliente.

Do outro lado, homens com vigor físico e dinheiro no bolso exibiam virilidade, enquanto outros, menos afeiçoados, menos endinheirados e com ar desfigurado pelo álcool ou pela perda de sono nas bancas de jogo, olhavam com excitação aquelas trocas de carinho e insinuações eróticas e imaginavam-se estar nos braços de uma daquelas que diziam se permitir tudo fazer em matéria de sexo para agradar o cliente, entre quatro paredes. Este é o quadro descrito como preâmbulo para o ato da prostituição que não pode ser praticada unilateralmente, mas por ambos os lados: o da prostituta, exposta como objeto à venda, produzindo "amor" a varejo, e o cliente, que compra o

[227] PATEMAN, op. Cit. 291.

prazer e, como outra mercadoria, o consome, experimentando unilateralmente. A prostituta não pode exigir prazer do parceiro, mas propiciar-lhe, pois para isso, ela cobra, para tanto é paga.

Focando esse momento do submundo da boemia e da prostituição, foi que Chico Buarque de Holanda compôs a música *Folhetim*, para caracterizar a prostituta, no musical de sua autoria, nos anos de 1970: *Ópera do Malandro.*

Folhetim

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim
E se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim
E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia-luz
E te farei vaidoso, supor
Que és o maior
Que me possuis
Mas na manhã seguinte
Não conta até vinte
Te afastas de mim
Pois já não vales nada
É página virada
Descartada
Do meu folhetim. .[228]

Não é extemporâneo a recorrência da letra da música acima, por se tratar do sentido relacional das partes (prostituta e cliente) que fazem o contrato comercial de compra e venda, ou de troca, recompensa, na prática da prostituição. À prostituta, compete fingir, representar; ao cliente, é permitido mergulhar no mundo da fantasia na busca do prazer sexual. A ele, momentaneamente, ela se entrega em honra, corpo e dignidade deixando cair a máscara de sua identidade pública ou privada, despindo-se, não somente das vestimentas, mas, sobretudo das

[228] *Folhetim:* composição de Chico Buarque de Holanda, do musical *Ópera do Malandro*, 1970. O enredo épico do musical é da década de 1950, focalizando os cabarés do bairro da Lapa, zona boêmia no centro da cidade do Rio de Janeiro.

licitudes que fixam normas, moralidade e pudores na sociedade. Ele gosta disso pelo fato de poder agir de forma instintiva, animalesca, que a libido exerce sobre o corpo humano. Aprecia que falem dele, de sua imagem, de seu corpo, de sua virilidade como o mais entre os mais desejados dos homens. Preza ter diante de si, para seu consumo e prazer, a mulher que seus amigos gostariam de ter e, assim, afirmar, perante outros homens, sua masculinidade ainda que, para tanto, tenha que pagar a uma prostituta.

A representação social da prostituta, segundo Michelle Perrot, é de !uma "depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz " rapariga" – pública é uma criatura, mulher comum que pertence a todos."[229] Outros classificam-na como "mulher de vida fácil," ou ainda, como uma miserável, vítima do mundo. Raramente são tratadas como seres humanos que merecem respeito à sua dignidade e história de vida.

Para mim, foi impactante o encontro com Gerusa Santos, dez meses antes de seu falecimento em 2005. Encontrei uma pessoa idosa, frágil, debilitada, a voz rouca, amparando-se em alguém ou em um bastão, tamanha a dificuldade para locomover-se dentro de casa. Serena, um olhar sombrio, mas de uma lucidez perfeita. Assim, encontrei-a residindo na casa de sua filha Lucimar, situada na rua Ari Barroso, no bairro Monte Castelo, em Teresina. Causou-me emoção. Ali estava eu diante de um ser humano, desses que, com toda ênfase, pode ser chamado de um testemunho vivo da história. Um ser significante e significado de uma história subterrânea, marginal e periférica, negligenciada por uma história de grandes acontecimentos decorrentes das práticas de grandes personalidades que constituem os setores dominantes da sociedade.

Gerusa Santos é uma dessas mulheres da vida que não se envergonhava nem negava o seu passado. Nascida em 2 de julho de 1925, na rua São José (Félix Pacheco), no centro de Teresina, ainda criança, mudou-se com a família para Floriano, onde começou a estudar com sua madrinha Ercilia, sua primeira professora. Com apenas 11 anos, após a separação de seus pais retornou a Teresina, indo morar na mesma rua São José. Começou relacionar-se com o dono do *Grande Hotel*, de 54 anos, com quem perdeu a virgindade e aos 14 anos tornou-se mãe pela primeira vez. Jerusa começou a demonstrar a sua disposição de dar orientação à própria vida, decidindo o que fazer dela, diz que:

[229] PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas.* 1988; p. 7

> Quando me encontrei com este cidadão, José Pires de Melo, de 54 anos que me tirou de casa. Mas eu não menti para a minha mãe: eu disse para ela o que estava se passando. Esse homem só não me deu o céu, por que não podia dar, mas me deu tudo [. . .] [230]

O fato de Gerusa, com a anuência da família, ter se entregado a um homem economicamente bem situado e 40 anos mais velhos do que ela, pode-se questionar se Gerusa, quase uma criança, teria sido seduzida pela oferta de bens materiais. Mas esta é uma hipótese que não pode ser confirmada pelo seu depoimento, pois em todo ele, ela em nenhum momento se colocou como vitima da sociedade e que a adesão precoce à prostituição tenha sido uma necessidade financeira ou um único meio de sobrevivência. Aliás, durante o seu depoimento, o único momento em que a emoção fez-lhe os olhos encherem-se de lágrimas foi o momento em que se reportou a seu primeiro amante. É que a história oral transformada em texto escrito oculta muitos elementos do momento da entrevista, como gestos, voz embargada, suspiros, lágrimas que ajudaram o entrevistador a compreender melhor, do ponto de vista emocional, que elementos representam no contexto do discurso do depoente:

> A escrita representa a linguagem quase exclusivamente por meio de traços segmentários (grafemas, sílabas, palavras e sentenças). Mas a linguagem também é composta por um conjunto de traços, que não podem ser contidos dentro de um único segmento, mas também são portadores de significados. A fileira de tom e volume e o ritmo do discurso popular carregam implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita. [231]

Indagada sobre quantos filhos teve, respondeu, sem perder o tom de prazer expresso pelo esboço de um sorriso discreto, respondeu que, ao todo, foram sete e acrescentou: “Quando eu saía da cama já era prenha, meu irmão [. . .] sete né! Fora os abortos que eu fiz”. [232]

O precoce desvirginamento, a relação marital ilícita, vivida por Gerusa com um homem bem mais velho, contrastavam com os costumes da época, quando uma das vertentes de preservação da honra familiar era a prática sexual, para mulheres, ocorrer apenas após o casamento, preservando o corpo imaculado para esse fim. A virgindade era mais uma das normas a ser cumprida pelas mulheres como forma de proteção da honra da família. Era o que prescrevia o Estado, através da medicina legal, da justiça e da educação, capturando o que antes era praticado pela Igreja, com o objetivo de, controlando moral e fisicamente o corpo de cada

---

[230] Entrevista que Jerusa Santos concedeu a Bernardo Pereira de Sá Filho, no dia 8/5/2005, em Teresina.
[231] PORTELLI, 1997.
[232] Jerusa Santos. Entrevista concedida em 08/01/2005

individuo, controlar todo o corpo social. O caso de Gerusa se tivesse havido denúncia era um típico crime de sedução como tantos outros denunciados em Teresina, dos anos 1940 e 1950, como por todo o país, nos quais o homem sempre foi responsabilizado sozinho, caracterizado como réu, segundo o discurso jurista por ser ele um ser provido de discernimento, equipado de razão e, portanto, aquele que movimenta uma decisão racionalizada, planejada; o único capaz de produzir estratégias e determinar caminhos; ao que parece, o único capaz de seduzir [233]

Tal concepção colocava a mulher como ser totalmente passivo e até inanimado nos jogos da sedução; era vista como objeto, para ser admirado, apropriado e consumido unilateralmente pelo homem. A luta das mulheres que vai se transformar efetivamente em movimento feminista contesta essa condição machista de coisificar a mulher e defender o direito ao desejo e ao uso do seu corpo como lhe convier; a tomada de decisão para concretização do prazer.

Os estudos de gênero, entretanto, chegaram a um nível de conscientização que a masculinidade e feminilidade são construções sociais, históricas e plurais; que não existe uma essência masculina e feminina, natural, universal e imutável. Numa mesma sociedade, os papeis desempenhados por homens e mulheres circunscritos às concepções de masculinidade e feminilidade variam "conforme a classe, a religião, a raça, a idade, etc., alem disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo"[234]

A postura de Gerusa é transgressora não somente em relação aos valores morais representados a partir da concepção de corpo puro, de sexo licito e higiênico, imprimidos à sociedade pelo discurso médico e jurista, mas também pelo tipo de relacionamento, caracterizado como prostituição velada, porem duradora, de corpos separados e com a convivência familiar.

A fase seguinte da vida de Gerusa foi a da prostituição como *glamuor* e como um negócio empresarial. Tornou-se proprietária de um dos mais badalados cabarés da Paissandu, a maior e a mais tradicional zona boêmia da cidade, dos anos 1930 aos anos 1960. Tornou-se empresária da noite, num espaço de práticas ilícitas e sujeitos marginais, os quais se subjetivavam ao assumirem comportamentos transgressores, constituindo outra identidade, ambígua àquela familiar e publicamente conhecida durante o dia e a de boêmio à noite.

Gerusa era patroa, madame, amiga, caridosa, além de sedutora e amante. De feições angelicais e frágeis, era disputada por vários homens da elite. Teve, com alguns, relacionamentos

[233] CAVALCANTE, Silêde Leila Oliveira. Mulheres Modernas Tuteladas: o discurso jurídico e a modernização dos costumes – Campina Grande 1930/1950. Recife. Dissertação de Mestrado apresentada na UFPE; março/2000
[234] LOURO, Guarcia Lopes. Nas redes conceito de gênero. IN: LOPES, Marta Júlia Marques (org) Gênero e Saúde. Porto Alegre. Ed. Artes Médica. 1996 (p. 10).

mais duradouros, uma espécie de romance. Seu estabelecimento era aberto ao público diariamente até às duas ou três horas da manhã, tinha profissionais do sexo, para usar uma terminologia atual, de outros estados e até do exterior, sobretudo da Argentina. Uma conexão de várias zonas de prostituição de diversos lugares do pais. Ali se promoviam muitos bailes, principalmente nos períodos carnavalesco e junino, algumas vezes, animados pela *Banda de Música da Polícia Militar* e o *Jazz do 25º BC*. Gerusa, entretanto, não perdia o posto de '*rainha da noite'*, assim cognominada por clientes e de estabelecimento.

Foto 17 - Gerusa e Portela, amigas de cabaré, em festa Junina
Fonte:

O fato de ser conhecida como 'mulher de negócio', dedicada e experiente na vida, não lhe imunizava à condição de vulnerabilidade à química do corpo, expressa em forma de desejo e à fraqueza do coração que lhe resultou em paixão. Dentre seus diversos 'casos", um a marcou mais profundamente, sobretudo pela situação do cliente ser sempre o provedor da mulher. Este, que aqui chamaremos de Américo, assumiu, na relação, um papel inverso: o de amante de aluguel, ou

seja, gigolô. Era um jovem de família abastada da cidade, de traços finos e elegante, porém expressava uma certa fragilidade[235]. Silas era bacharel em Direito e foi enviado para o rio de Janeiro onde fez o curso de *Postalista* , tudo financiado por Gerusa com a anuência da família dele. De volta, assumiu emprego nos Correios e continuou o romance. Além do perfil social, o desempenho sexual e a elegância, Américo encantava Gerusa por ser um excelente dançarino, principalmente de tangos e boleros, estilos musicais que mais contagiavam as baladas das noites na *zona*. Com ele teve uma filha, com quem reside atualmente.

Américo foi a razão de muitos momentos de prazer e alegria, mas também de sua maior decepção na vida. Ao retornar do Rio, Américo:

> Arrumou um namoro com uma professora, minha e dele, de Educação Física. Ai, não prestou. Na hora do casamento eu cortei ele e cortei ela [...].fria, como eu estou aqui, sem beber, sem coisa nenhuma. Aí o Dr. Valter Alencar era o advogado de renome aqui em Teresina. Aí ele requereu o *habeas corpus* e me tirou e disse Jerusa é melhor você viajar[236] .

Gerusa já havia premeditado tudo, deixando uma carta para o Dr. Valter Alencar tirá-la da prisão. A cerimônia de casamento ocorria às 5 horas da tarde na Igreja Catedral de N.S. das Dores, celebrada pelo arcebispo de Teresina D. Severino Vieira de Melo. Na hora do "sim", Jerusa avançou para agredir os noivos armada de um porta-gilete com duas lâminas. O Deputado Antonio Gaioso ainda tentou interceptá-la, mas não conseguiu. O noivo teve o rosto cortado e a noiva o véu rasgado e um corte nas costas. Jerusa foi presa. Ela diz:

> Na hora do sim, eu disse: o sim alegre, eu pá, pá, pá. Ai o bispo, me lembro como se fosse hoje, d. Severino Vieira de Melo, era o bispo da cidade, disse você está amaldiçoada. Amaldiçoada é uma porra! Eu disse: a gente manda um cara se formar, gasta e dinheiro para ele fazer isso. Eu não queria que ele se casasse comigo não, rapaz, mas que pelo menos ele me desse respeito[237].

Esse episódio foi a "gota d´agua" para o fim do relacionamento. Antes, defendendo Silas em uma briga, Jerusa agrediu um homem a golpes de garrafa. Por ser impertinente e intransigente, em determinados momentos, foi presa 53 vezes, por praticar grandes e pequenos distúrbios. Sobre o que fez, responde: "Eu fiz porque queria mesmo, porque eu era danada, tão tal é que o Garrincha me chamava de '*dama da Noite*". Mesmo danada, como se reconhece, Gerusa

[235] Ocultaremos o verdadeiro nome de Silas, bem como de sua família por questões éticas. A descrição fisionômica (grifos nossos) é com base em uma fotografia que nos foi mostrado por Jerusa no dia da entrevista (08/05/05).
[236] Entrevista com Gerusa no dia 08/01/05.
[237]Gerusa. Entrevista, em 08/01/05.

ajudou muitas prostitutas, quando estavam famintas, doentes, ou quando vinham a óbito. *"*Na hora que morria uma, iam me chamar, para fazer o enterro[238]„

Também o lado romântico e de Gerusa, o tempo não conseguiu apagar, a memória registrou o que a sua sensibilidade captou como imagem. Indagada sobre a cidade que ainda existe na sua memória, a primeira imagem a que se reportou foi a praça e os cinemas. A praça Pedro II foi muito bonita, aquilo tinha uns pés de rosa, meu filho, que chamava atenção [...] tudo muito bonita, cor-de-rosa, amarela e branca [...]. tinha o cinema Éden e o cinema São Luis. O Bar Carnaúba? Tomei muitos *grogues* ali[239].

Após vários anos em São Luis, Gerusa retornou a Teresina onde passou a exercer a função de gerente de cabaré. Foi trabalhar para Maroca, proprietária de três cabarés, no bairro Piçarra e adjacências. "O Casarão" e "A Particular" na Piçarra e o "Brasília" próximo ao rio Poti, hoje bairro Cristo Rei. Entretanto, nunca deixou a boemia, conciliando entretanto as funções de dirigente de cabaré e de mãe. Mantinha uma casa mobiliada na Avenida Campos, com uma empregada que cuidava de suas filhas. Quase sempre ia dormir em casa.

Assim, levou a vida por mais de vinte e cinco anos, até quando o corpo não mais resistia àquela vida. Aposentou-se pela Previdência, recolheu-se ao anonimato indo morar sozinha numa casa, no bairro Renascença, até quando, algum tempo depois, já adoentada, não viu outra alternativa a não ser ir morar com sua filha e netos no bairro Monte Castelo.

A história de vida de Gerusa é um exemplo que contraria a concepção equivocada do movimento feminista nos seus primeiros momentos, em considerar que toda forma de prostituição significa uma forma de "escravidão" para a mulher. Para muitas, prostituir-se, numa sociedade de raízes patriarcais, significa ser mais dona de si, mais livre, para decidir sobre sua vida, sem ter que subordinar-se a nenhum homem. Para Nickie Roberts: "O feminismo teria negligenciado a luta das prostitutas no sentido de entender a sua livre escolha e respeitar a sua opção"[240].

Gerusa disse que não se arrepende da vida que teve como "dama da noite". Sempre se portou como uma verdadeira *senhora de s*i:

---

[238]Gerusa. Entrevista, em 08/01/05

[239] Jerusa. Entrevista, 08/01/05

[240] ROBERTS, Nickie. As Prostitutas na História. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro. Ed. Rosa dos Tempos, 1998, p.398

> A única coisa que não fiz e poderia ter feito é ter ido embora para o Rio de Janeiro com José Pires de Melo. Me arrependi, arrependi, arrependi... Voltar ao tempo e fazer tudo de novo? Eu não voltaria[241]...

Outra prostituta que marcou época na história de Teresina foi *Francisca Batista da Costa*, conhecida pelo pseudônimo de *Franscisquinha.* Foi uma das mulheres da noite que viveu a prostituição nos anos de 1960 a 1970, tornando-se depois uma das mais jovens madames no mundo da prostituição em Teresina nesse período pesquisado. Em 1991, o *Jornal Comando* de Timon, fez uma longa matéria com Francisquinha que revelou partes importantes de sua história de vida, numa edição especial de 27 de julho a 3 de agosto de 1991.

Francisquinha revelou que saiu de casa aos 15 anos de idade "porque se tornou mulher."[242] Maranhense, escolarizada, jovem e bela, teve a sorte de ser retirada de dentro de um cabaré em Fortaleza para ser a esposa de Coronel do Exército. Casamento que durou apenas dois anos. Por problemas familiares, esse casamento não deu certo. A avó dele nunca quis conhecê-la porque dizia que ela era negra.

Algum tempo depois, conheceu outro homem com que teve um relacionamento por cerca de 30 anos, segundo ela, o maior de sua vida, mas, no entanto, nunca morou com ele. Ele vive no Rio de Janeiro, mas o relacionamento continuou por todo esse período. Ao contrário de outras madames que tiveram suas vidas arruinadas por se relacionarem afetiva e sexualmente com gigolôs, antes de entrar em decadência, aos 51 anos resolveu fechar seu estabelecimento e partir para outro tipo de empreendimento abrindo um restaurante. Mas afirma, mesmo sem revelar o seu nome, que deve a esse amante, "Tudo que é um terreno financeiro, sentimentais e em relação à educação que teve"[243].

---

[241] Jerusa. Entrevista, em 08/01/05
[242] Jornal Comando, 27/07/1991. p . 9.
[243] Idem, idem.

Foto 17 - Gerusa e Portela, amigas de cabaré, em festa Junina
Fonte:

Diz que entrou no mundo da prostituição por circunstâncias da situação em que vivia. E assegura: "Ninguém entra porque quer, é esta sociedade imunda e corrupta que faz com que as moças pobres entrem na prostituição. Muitas vêm pensando que é fácil, mas eu te garanto, é uma vida fácil muito difícil".[244]

E alerta a todas as moças que levam esta vida para que não se iludam, tudo é passageiro, todas as glórias, todos os confortos, tudo é efêmero. E lembra de Dona *Maroca*[245] que teve os homens mais poderosos na sua casa e morreu na miséria, de uma forma triste. E acredita conformada que se um dia precisar bater a porta dos homens que visitavam sua casa, eles lhes virarão as costas[...].[246]

Mas nunca se envergonhou de sua profissão e diz: "Entro em qualquer lugar de cabeça erguida, me sinto uma cidadã como outra qualquer. Nunca desvirtuei uma virgem ou uma mulher casada, e quando soube que alguém se deu bem na vida, jamais chamei pra vir aqui.

Segundo ela, muitas mulheres que estiveram na sua casa casaram com pessoas de bem. No seu estabelecimento nunca houve brigas e ela jamais precisou ir à Polícia. Apesar de ter

[244] Idem, idem.
[245] *Maroca* foi uma prostituta famosa, que se tornou proprietária de cabaré, cujo clientes eram membros da elite. Localizava-se no bairro Piçarra.
[246]

algumas figuras de Teresina que lhe deram o calote, saindo sem pagar a conta, deixando apenas um vale que não valia nada. Ela prefere não dizer o nome com medo de represálias.

Seu estabelecimento situado na Av. São Raimundo recebia "visitas" de políticos e empresários de alto escalão, além de outros senhores *vip* que visitavam a capital do Piauí. Ela não cita nomes porque o sigilo faz parte de sua ética profissional. Muitos deles eram casados, mais uma razão para preservar o sigilo de seus nomes e evitar escândalos.

Foto 18 - Francisquinha e sua "meninas!
Fonte:

As "meninas" da Francisquinha, como se reportavam alguns clientes, eram mulheres bastante jovens, bonitas, algumas verdadeiras nifetas, geralmente "importadas" do Pará, Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão e de outros estados. Fazia, porém, uma restrição: não aceitava menores. "Pode ser linda e maravilhosa, mas se for de menor eu não aceito", disse ao repórter Elhionai de Oliveira[247]. Nos tempos áureos, abrigava até 30 moças na sua casa. E sobre o padrão estético diz: "Se as de hoje são bonitas, as do passado eram muito mais. Mas só a beleza não era fundamental, a moça tinha que ser honesta, limpa e educada e ter uma boa aparência. Na casa, não faltavam vagas para moças que preenchessem estes pré-requisitos"[248]

[247] Idem, Idem.
[248] Idem, ibid.

O seu cabaré era de alta rotativa, com garotas voltadas para atender uma clientela de elite, o que colocava Teresina no circuito da prostituição regional e nacional. Uma de suas moças de passagem efêmera pelo prostíbulo, Francisca Araújo, diz consideram caro o valor de cada programa, mas se julga um produto de primeira e garante que sabe fazer o "serviço". E reconhece que em nenhum outro lugar ganharia igual ou superior a isso, com nível de escolaridade que teve, apenas a oitava série.

Francisquinha teve três filhos e quatro netos. Afirma que nunca escondeu a profissão para seus filhos, mas sempre os manteve longe da casa de prostituição que lhes dava o sustento. O motivo para mudar de profissão, disse que era porque o mundo da prostituição já foi mais gratificante, e já estava entrando em decadência.

A concorrência hoje está muito acirrada, e as prostitutas têm que concorrer com as mulheres casadas, com as universitárias, com as bichas e até mesmas com as moças de família. A liberdade de hoje é muito grande, e os homens já não procuram os cabarés como faziam antigamente. Não vale a pena. Agora o que eu quero é tranquilidade...[249]

Sobre as práticas sexuais, imagina-se que, na zona, sejam todas elas heterossexuais. A pesquisa revelou que, nos territórios da prostituição desse período, homossexuais masculinos disputavam clientes com as prostitutas. Não se imaginava era a existência de prostitutas lésbicas. Estas se subjetivavam assumindo, pelo menos, duas identidades sexuais: uma na zona, como profissionais do sexo e outra fora, realizando seus prazeres sexuais.

> As normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ela assume, apropria e materializa. Ainda que as normas reiterem sempre de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam .[...] A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença.[250]

A heteronormatividade da sociedade que coloca a heterossexualidade compulsória como se esta fosse natural, os sujeitos de identidade oposta ou diferentes são expostos a todas as formas de violência e rejeição social quando homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites. Ainda mais, em se tratando de profissionais do sexo, cuja comunidade ou zona a heterossexualidade é sempre preponderante. Raro são alguns sujeitos homossexuais masculinos que se expõem e ocupam o mesmo território da prostituição, disputando com mulheres os clientes que ali buscam prazeres sexuais ilícitos.

---

[249] Idem, ibid.
[250] LOURO, Guacira Lopes. Uma política pós-identitária para a educação. 2012. p. 45

Na Paissandu, existiam mulheres dentro dos cabarés que faziam programa com homens, mas eram lésbicas. Agiam clandestinamente.”Não tinha esse negócio de *sapatão* não, chamava-se era de *saboeira* [...] Queria ver uma mulher daquelas zangada, era só chamar ela de *saboeira.* Chamava logo pra briga”[251].

As prostitutas lésbicas procuravam manter em segredo sua verdadeira identidade sexual. A sua identidade na zona era de prostituta e assim se via e se representava heterossexual, pois essa era a heteronormatividade de uma prostituta pública. Certamente nenhum cliente iria à zona, como lugar de afirmação da masculinidade, se relacionar sexualmente com um sujeito que negava a identidade oposta. Já o homossexual masculino, apesar da preponderância da heteronormatividade na zona, se apresentava como uma alternativa ou prazer recorrente, mas se assumindo como o único modelo de homossexual que tinha livremente lugar e espaço de competição com as prostitutas. Era o tipo efeminado que exibia seus atributos físicos, expostos a todos, imitando aqueles próprios de mulheres.

Não existia lugar para o homossexual que não fosse efeminado. Existia, discretamente, para aqueles que eram clientes, que buscavam na zona parceiros sexuais. Os efeminados eram os que se prostituíam, disputando clientes com as prostitutas. Para isso, a afirmação de sua identidade feminina supunha demarcar fronteiras e implicava disputa quanto às formas de representá-la:

> A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido.[...] Categorizado e nomeado como desvio da norma, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação – um lugar incômodo para permanecer.[252]

As lésbicas não podiam assumir a identidade em consonância com o seu prazer, pois assim perderia seu lugar social na comunidade e, portanto o espaço econômico – sexual da prática da prostituição. Tinha o tempo todo que representar uma identidade heterossexual, não somente no ato sexual, mas em todos os lugares da *zona:* no bar, no dancing, no restaurante etc. além de se expor à rejeição e às denominações jocosas de serem chamadas de *saboeiras,* machonas.

[251] Antônio Carlos Marques, entrevista em 15/04/2015
[252] LOURO, Guaacira. idem, idem; p. 29

> Tinha a Dorina que era dos cabarés do trilhos. Ela gostava muito da Odete, que tinha um bar na Paissandu. Falavam muito delas, porque elas eram muito amigas. A Dorinha tinha um caso com um amigo nosso, o Silvestre. Mas desconfiavam que ela tinha um caso com a Dorinha. Tinha outra, a Teresa que chamavam também de Teresona. Ela era uma espécie de clínico geral. Ela arrastava tudo. Ela saía com homem e com mulher. Ela era bonita. Mas quando era pra sair com outra mulher tinha que ser na calada da noite. Tinha uns motoristas de taxi que ajudavam. Era o Chico Canela e o Monteiro....Ela só saía da zona sozinha, com cuidado. Em outro lugar ela pegava a outra mulher, Iam para um lugar seguro e discreto. Um barzinho.[253]

O cuidado de si nessa questão era fundamental. Por isso a prática prazerosa do lesbianismo se dava fora do território da *zona.* Para isso, contava com a cumplicidade de outros sujeitos presentes na *zona* como taxistas, que as conduziam para um lugar (bar) em outro ponto da cidade, onde fosse discreto e lhes desse segurança quanto à publicização de seu prazer sexual. Ali podiam trocar carícias, beberem e relacionarem-se sexualmente.

Nesse sentido, "é a escolha do objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade gay ou lésbica assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo."[254]

A existência de desejos transgressores da heteronormatividade ou que não sejam ignorados pelos indivíduos que seguem a "norma" identitária sexual, ainda que seja em um território de prostituição, é devastadora para a vigência da identidade heterossexual, considerada normal. Guacira Lopes Louro, sobre o processo de identificação, recorre a Lacan para afirmar que: "O sujeito nasce, cresce sob o olhar do outro, ou melhor, que ele sempre se percebe e se constitui nos termos do outro. Longe de ser estável e coeso, esse é um sujeito dividido, que vive, constantemente, a inútil busca da plenitude.[255]

Na prática da prostituição, compete à prostituta o lado mais racional, mantendo o controle da transação desde os momentos da negociação até após a consumação do ato sexual. Entretanto, não se pode esquecer que as prostitutas são também seres humanos vulneráveis a emoções e sentimentos que se constituem em falhas do ponto de vista da racionalidade pecuniária da prostituição.

Nesse sentido, a história do meretrício em Teresina foi marcada por muitos casos de prostitutas que se apaixonaram por clientes, rompendo assim a racionalidade imprescindível à comercialização do sexo. Poucas tiveram a sorte de ter sua paixão correspondida, sendo por seus

---

[253] Antonio Carlos Marques, entrevista em 15/04 2015.
[254] LOURO. idem, idem. p.32.
[255] Idem .ibid. p. 32.

amantes resgatadas da zona para se tornarem suas esposas. Outras experimentaram relacionamentos afetivo-sexuais duradouros, mas não uma paixão verdadeiramente correspondida, como Gerusa, que diz: "A mulher que teve mais amante fixo fui eu, como tive o Zequinha Freire..."[256] Muitas tiveram suas vidas destroçadas ao se apaixonarem por homens que, não somente não correspondiam a sua paixão, como faziam delas objetos de exploração econômico-sexual. Uma vez apaixonadas, tornavam-se reféns dessa situação: dominadas, submissas, "escravizadas" trabalhando para sustentá-lo e atender suas vontades. Eram os chamados gigolôs.

Esses eram homens jovens e maduros, de 18 a 30 anos, poucos excediam a essa faixa etária. Bem-afeiçoados, elegantes, estavam sempre bem vestidos, perfumados, com brilhantina nos cabelos e bem penteados, cordão de ouro no pescoço e, às vezes, relógio no braço ou no bolso. A maioria tinha um bom nível de escolaridade e eram oriundos de famílias bem-situadas social e economicamente. Apregoavam a força de seu sexo e usufruíam dele como poder articulado ao desejo.[257] *A prio*ri, davam a impressão de seduzir, quando na verdade, estavam à venda, como produtos do prazer, caracterizando assim um tipo de prostituição investida, a masculina, não assumida, de contrato de longa duração, fundamentado num discurso enganador.

Ele, o gigolô, iniciava, geralmente sendo "amiguinho" de uma *puta* velha até tornar-se amante de uma prostituta que tivesse condição de sustentá-lo. Embora ele não fosse dela amante no coração, ela pertencia a ele de corpo e alma. "É com ele que ela dorme, é com ele que deve ter prazer", é o que diz a historiadora francesa, Laure Adler[258]. Ele batia nela, insultando-a, tomava seu dinheiro, mas ela o amava, entregando-lhe tudo: dinheiro, honra, dignidade. Vivia uma relação sadomasoquista que transformava sua vida num inferno. Maria Tijubina corrobora com essa afirmação, lembrando:

> Gigolô? Tinha demais! Pelo menos a Raimundinha Leite acabou com tudo... Que tinha gigolô. E não foi só ela não. Foram muitas! Que hoje em dia morreram... Viveram na mão, de esmola, porque gastavam com gigolô. Raimundinha Leite era uma das mulheres que tinha o melhor cabaré do mundo. Acabou tudo com gigolô. Hoje em dia ele vive bem, no Rio. Nunca acendeu uma vela pra ela... Era casado com a filha do capitão Ó. Foi embora. Acabou tudo... Tudo! [259]

[256] Gerusa Santos, entrevista em 08/01/2005.
[257] FOUCAULT. 1999; p.79.
[258] ADLER, Laure. *Os Bordéis Franceses.* 1991; p. 163
[259] Maria Ambrósio, entrevista, em 23/07/1999.

Todos os entrevistados, perguntados ou voluntariamente, reportaram-se à existência de muitos gigolôs no auge da prostituição em Teresina e sendo eles considerados os responsáveis maiores pelo estado de miséria no fim da vida de muitas prostitutas, sobretudo, aquelas da Paissandu, empresárias, donas de cabaré. "Raimundinha Leite e Rosa Banco, todas duas... As mulheres mais ricas que tinha aqui em Teresina. Morrerem de esmolas."[260] Relembra Tijubina com tristeza. A boa condição financeira de ambas era reconhecida e comentada na cidade. Há a informação, passada de geração a geração pela tradição oral, que Rosa Banco assim era chamada porque teria sido a primeira mulher a ter uma conta no Banco do Brasil. E que emprestava dinheiro a homens de grande posse em Teresina. Luiz Cavaquinho, que por muitas vezes trabalhou como músico, tocando violão, banjo e cavaquinho, nos cabarés, concorda:

> A Raimundinha Leite era a mulher mais rica daqui. Ela comprava era carrada de bebida. Ela nunca comprava uma caixa de bebida. Me lembro até do gigolô dela... Chamava-se Raimundo Nonato. Andava todo bonito, todo de terno branco. [...] Você olhava para ele na rua assim, era um cidadão, mas não trabalhava em coisa nenhuma. Ela sustentava ele de tudo. [261]

Os gigolôs submetiam as prostitutas à sua autoridade e controlavam suas vidas. "Ele chegava, sentava ali, a mulher entrava com outro. Quando ela saía, era só pegar a grana..."[262] Existiam vários tipos de gigolô: o *compreensivo*, ou seja, aquele que se mantinha discreto e se conformava quando a mulhe,r não tendo conseguido muitos programas à noite, não lhe dava a quantia em dinheiro que ele esperava; havia o *determinista,* que ditava, sob ameaça de algumas bofetadas, a quantidade de dinheiro que ele queria receber naquela noite. Antonio Carlos Marques diz que:

> Tem deles que é agressivo e faz assim: Olhe! Você hoje vai ter que arrumar tanto em dinheiro pra mim, se não, eu não vou mais gostar de você ou então você vai se arrepender. Quer dizer: ele já colocava a mulher numa situação difícil. Então ali ela ficava com os clientes dela a qualquer custo, o que aparecesse ela estava arrumando: não queria saber nem como, nem de que jeito. Ela tinha de produzir, arrumar aquele dinheiro para aquela pessoa.[263]

O outro tipo era o *ciumento.* Continua Antonio Carlos:

---

[260] Idem, ibid.
[261] Luis Cavaquinho, entrevista em 19/06/1999.
[262] Antonio Carlos Marques. Idem. ibid.
[263] Idem, ibid.

> Ele quer que a mulher arranje pra ele e não quer... E não dar bem quando ele via a mulher com outros homens. [...] Sentia ciúme, às vezes ía até brigar com aquele freguês e colocava ela numa situação delicada porque ela não sabia onde ia ficar com aquela pessoa. E no final da noite ele queria um pouco daquele dinheiro.[264]

O que justificava uma vivência masoquista de uma prostituta subjugada, explorada, oprimida e psicologicamente torturada em alguns casos, senão o sentido que os gigolôs tinham em suas vidas, justificando um pouco a existência delas, enquanto mulheres? Como prostituta, não se permitia ter prazer com os clientes, mas dar-lhes prazer, mas o gigolô era o homem com o qual podia entregar-se de corpo e alma, fazendo dele a razão maior de sua vida, evocando uma afeição que, às vezes, provocava uma maternidade, despertando nela um sentimento maternal, contrariando o que era considerado um azar na vida de uma prostituta. A gravidez de um gigolô era assumida com prazer, porque era resultado de uma relação prazerosa e, unilateralmente, sentimental.

Algumas prostitutas tiveram filhos de seus gigolôs, como a Gerusa. Afirma ela que "foi o único gigolô que teve na vida", apontando para uma fotografia em cima de uma mesinha. Américo[265] era um jovem de família tradicional de Teresina que teve esse tipo de relação venal com Gerusa, tornando-se pai de uma de suas filhas. Por ele, brigou e foi presa, pelos menos duas vezes, das cinquenta e três vezes em que foi detida pela Polícia.

> Porque eu era danada pra brigar... Com outras mulheres. Eu só briguei com homem uma vez porque um homem queria dar no Silvério... Ele era um homem muito fraco, tinha medo de tudo. [...] Quebrei uma garrafa nele (o agressor). Fugi! Era véspera do 7 de setembro. De manhã tomei um banho me arrumei, fui assistir a *parada*. Aí eu cheguei perto do palanque... Tinha o compadre João Mendes, Senador Matias Olímpio, José Aguiar... Aí a Polícia chegou e foi me prender. [...] fui nada. Eu toda arrumada, chapeuzinho na cabeça...[266]

As autoridades que estavam no palanque cerimonial não permitiram que Gerusa fosse presa, não somente por ser aquela uma cena publicamente constrangedora, embora ela tivesse cometido um delito, mas, sobretudo, pela relação de amizade que tinha com aquelas homens públicos, alguns sendo seus clientes de cabaré. O romance com Américo rendeu-lhe uma história de momentos alegres, decepcionantes e trágicos. Recém-bacharel em Direito, Américo foi enviado para o Rio de Janeiro para fazer o curso de Postalista, financiado por Gerusa, com anuência de toda a família dele. De volta, assumiu emprego nos Correios e continuou o romance.

---

[264] Idem, ibid.
[265] Gerusa, entrevista 08/01/2005.
[266] Idem, idem.

Além do perfil social, o desempenho sexual e elegância, Américo encantava Gerusa por ser também um excelente dançarino, principalmente de tangos e boleros, os estilos musicais que mais contagiavam as noites na *zona .M*as com ele sofreu grande decepção.

Foto 19 - Gerusa faleceu no dia 18 de setembro de 2005.
Fonte: Acervo da família de Gerusa

Os anos de 1960 foram marcados pela configuração de um feixe de temporalidades que se transformou ou se rompeu, resultado do avanço científico e tecnológico, nos códigos de comportamento social, novas formas de ver as coisas e os objetos, bem como as novas formas de representá-los através de novas linguagens científicas, artísticas e corporais. Intensificaram-se e surgiram novos movimentos políticos, artísticos, sociais, remodelando ou introduzindo novas formas de viver, de se comportar, de criar, de se relacionar. Era tempo dos festivais, de *Beatles, Jovem-Guarda, Bossa Nova, Cinema Novo e Tropicália*. Era tempo de guerra, de revolução

sexual, de conquista espacial. Teresina não poderia ficar imune a tantas transformações e inovações. Mudaram-se alguns hábitos da sociedade, nas formas de lazer e entretenimento, na forma de ser romântico e boêmio. As serenatas já não eram à luz do luar, mas à luz elétrica e com música mecânica de radiola. Prostituição já não era mais só perda da virgindade. A pílula anticoncepcional garantiu à mulher a relação sexual sem o perigo da gravidez. Caiu o tabu da virgindade. Teve início o processo de mudança no formato da prostituição.

A Paissandu continuou sendo uma zona boêmia, porém com os primeiros sinais de decadência. Os territórios da prostituição começam a se fragmentar, iniciando um processo de dissolução. Os espaços na *zona* começaram a dar lugar a outras funções sociais. *Cabarés, chatôs, randez-vous*, bares e botequins foram fechados e demolidos. Em seus lugares, surgiram prédios comerciais de arquitetura imponente; surgem escolas, estacionamentos, comércios varejistas e atacadistas. Em outros pontos da cidade, vão surgir os motéis para abrigar os "amantes" e suas práticas sexuais.

Verdadeiro arquivo,
inesgotável fonte de desassossego e de
prazeres, o corpo de um indivíduo
pode revelar diversos traços
de sua subjetividade
e de sua fisiologia mas,
ao mesmo tempo, escondê-los.
(***Denise Bernuzzi de Sant´Anna***)

5 OS CORPOS PÉRFIDOS

A falta de cuidados de si no uso dos prazeres gerava marcas profundas nos corpos dos sujeitos, tanto do ponto de vista moral como do ponto de vista patológico, que a sociedade com sua cultura geradora de simbolismos e preconceitos, dependendo da conduta das pessoas, classificava os corpos como sadios, e doentes, clínica e moralmente.

4.1 Doenças do Mundo

Nas décadas de 1930 a 1950, a *Diretoria de Saúde Pública do Piauhy* apresentou vários relatórios sobre as condições de saúde da população urbana e rural de Teresina. São dados sobre as doenças com maior ou menor incidência, a quantidade de pessoas infectadas, bem como os procedimentos adotados pelos médicos e outros profissionais da Saúde. O que mais chamou atenção nessa documentação acerca da saúde dos teresinenses foram as informações reveladoras do alto índice de pessoas infectados com doenças venéreas. Um fato plausível de reflexão para uma abordagem histórica.

Convém lembrar que somente há pouco mais de duas décadas, foi que os historiadores começaram focar as doenças como objeto de suas pesquisas. O conhecimento que se tinha até então era fruto das pesquisas médicas ou das Ciências Sociais, produzido, respectivamente, por infectologistas e sociólogos ou antropólogos. Com a ampliação do conhecimento histórico e o enfoque de novos objetos, foi que os historiadores atentaram para a possibilidade de realizar uma história do corpo, vinculando a esta a história das doenças. "O corpo sofredor transformar-se-ia em objeto privilegiado dos historiadores,"[267] pontua Jacques Le Goff ao apresentar a obra "*As Doenças têm História"*.

Nessa perspectiva, corpo e doença são objetos indissociáveis de uma mesma abordagem, atravessados pela cultura de cada sociedade e épocas distintas, o que faz com que o corpo, historicamente concebido, se constitua num campo complexo e subjetivo, servindo de base para compreensão de outros aspectos da vida humana como a sexualidade, a religião, o esporte, a moda, a moral e o pudor.

[267] LE GOFF, Jacques. *As Doenças tem História*. 199; p. 7

Na nossa cultura, concebe-se a imortalidade da alma, mas o corpo, na sua dimensão biológica é mortal e mutável, submetido aos ciclos naturais que o tornam vulnerável a , causando-lhe desequilíbrios ou interdição definitiva da vida. A doença faz parte da vida humana e tem a história que lhe é atribuída pelo homem. Diz Sournia que "a doença não existe em si, é uma entidade abstrata à qual o homem dá um nome. A partir das indisposições sentidas por uma pessoa, os médicos criam uma noção intelectual que agrupa os sintomas de que sofre o paciente e passa a nomeá-los e classificá-los como doenças: *sífilis, peste, cancro, lepra, tísica, gonorréia, AIDS,* etc."[268]

E o que seria então a saúde? Seria apenas a ausência de doença ou o estado do corpo em total equilíbrio físico e mental? Desde 1946 que a *Organização Mundial de Saúde* (OMS) reconheceu oficialmente que "a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de distúrbios ou doenças".*[269]* Paradoxalmente, saúde e doença são categorias de análise cultural dentre as inúmeras possibilidades de se conhecer o corpo, historicamente concebido em cada sociedade.

Território biológico e também de significações simbólicas, o corpo, sadio ou doente, numa sociedade que pretende ser disciplinar, assume uma dimensão moral diante do desejo de se manter um corpo social sadio. Com esse fim, criam-se, através de saberes, poderes e técnicas, maneiras de controlá-lo socialmente. As pesquisas recentes apontam para a "permanência de três medos muito antigos: o medo da doença, o medo da dor e o medo da desumanização das aparências."[270] Além da família e o meio social, é através do Estado, gestor maior da saúde, que são revelados dados sobre o estado de saúde da população, que informa a sociedade, mas também causa-lhe preocupação.

Em 1932, o *Ambulatório e Dispensário do Hospital de Caridade de Teresina* apresentou relatórios sobre diversos aspectos referentes a pacientes infectados por doenças venéreas: consultas, curativos, amputações, cirurgias e outras práticas médicas. O dado mais alarmante foi o número de pessoas infectadas ali atendidas, em relação a outros tipos de doenças. Foram *12.128 consultas a doenças venéreas* e apenas *7.656 a doenças não venéreas.*[271] Diante desses dados, poder-se-ia inferir que a cidade, naquele momento, vivia uma epidemia desse tipo de enfermidade. Conforme o documento, assinado pelo Dr. Jarbas de Sousa Martins, Inspetor

[268] SOURNIA,Jean-Charles. O homem e a Doença . In: LE GOFF, Jacques. *As Doenças têm História*. 1997. p. 359
[269] MOURA, 1987, p. 43
[270] SANT´ANNA, Denise: *As Políticas do Corpo*. 2001; p. 05.
[271] Relatórios Diversos – Diretoria de Saúde Pública. Teresina – PI. Arquivo Público; códice 1424.

Sanitário, tudo leva a crer que já havia conhecimento da gravidade do problema por parte das autoridades, constituindo-se uma preocupação maior que exigia cuidados especiais, a tal ponto de as *doenças venéreas* constituírem-se num grupo destacado dos relatórios de saúde. Como também o fato de a *Santa Casa de Misericórdia* ter criado o *Dispensário Área Leão*, com o objetivo de cuidar, exclusivamente, desse tipo de enfermidade. Ali se encontravam matriculados 1.502 pacientes infectados com *sífilis, gonorreia e cancro venéreo simples*, os quais exigiam cuidados maiores. A demonstração por sexo é a seguinte:

- Doentes matriculados	1502
- Sífilis: - homens	586
- mulheres	686
- crianças	01
- Gonorreia: - homens	156
- mulheres	60
- Cancro venéreo simples:	
- homens	11
- mulheres	02

Tab. 1 Secretaria da Saúde – Relatório da Santa Casa de Misericórdia.

A *sífilis*, que na segunda metade do século XX, tornou-se uma patologia fácil de ser curada, naquela época, era a doença sexualmente transmissível que mais infectava a população. Doença perigosa, mas não tão fácil de ser diagnosticada, devido ao seu período de incubação (2 a 5 semanas) e aos sintomas, no primeiro momento, banalizados pela maioria dos pacientes. Uma simples ferida, sem dor, geralmente na área genital do homem ou da mulher, não era motivo de preocupação. A ferida desaparecia, mas a doença continuava a se espalhar pelo corpo. Semanas ou meses depois, novos sintomas apareciam: febre baixa, dor de garganta, feridas na boca, queda de cabelos, carocinhos, erupção na palma das mãos e planta dos pés. A doença atacava qualquer parte do corpo, como o coração, provocava paralisia, loucura e outras complicações .[272] O quadro abaixo demonstra o porqu da preocupação das autoridades, com esse tipo de enfermidades.

[272] WERNER, David. *Onde não há médico.* 1984; p. 237-8.

ANO DE 1942

Doenças	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Sífilis Aberta	17	10	23	22	30	31	37	31	26	24	27	26	304
Cancro Mole	8	20	17	15	14	9	19	14	18	24	18	22	198
Granuloma Venéreo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Gonorreiaa	21	16	40	23	31	45	26	24	27	27	15	23	318
Nicola Favre	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Helmintoses	31	13	21	37	34	48	30	13	16	28	21	34	326
Lepra	2	0	1	2	0	0	2	0	0	0	0	0	7
Tuberculose	8	6	17	19	5	7	8	8	7	3	8	4	100
Sarampo	2	2	35	10	9	21	5	0	1	0	0	0	85
Varíola	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Difteria	9	0	5	2	1	4	1	2	1	0	0	0	25

Tab. 2 Fonte Secretaria de Saúde – Relatório da Santa Casa de Misericórdia

Em todos os relatórios o número de mulheres infectadas é superior ao de homens. Hipoteticamente, uma das explicações para esse fato, seria a anatomia do órgão genital feminino, dificultando á própria mulher perceber os primeiros sinais sintomáticos. Por esta razão, muitas mulheres passavam mais tempo que os homens para perceberem que estavam infectadas.

Em relação à *gonorreia*, a segunda doença que mais infectava a população, o número de pacientes do sexo masculino excedia ao do sexo feminino. Os sintomas para os homens eram precocemente percebidos: dor ao urinar, gotas de pus no pênis, dificuldade em urinar e, às vezes, febre. Enquanto as mulheres, inicialmente, podiam não sentir nenhum sintoma. Com algum tempo, podiam sentir um pouco de dor ao urinar ou ter um pequeno corrimento vaginal. No homem, o período de incubação varia de 2 a 5 dias ou mesmo 3 semanas, após o contato sexual com a pessoa infectada; na mulher, podem passar anos, antes que apareça algum sinal, no entanto, durante esse período, ela é uma transmissora da doença . Alguns pacientes eram, simultaneamente, portadores e transmissores dos dois tipos de infecção, o que complicava ainda mais seu tratamento.

ANO DE 1943

Doenças	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Sífilis Aberta	35	44	18	7	18	16	26	23	58	78	57	82	467
Cancro Mole	19	22	27	11	13	9	14	6	28	18	26	19	212
Granuloma Venéreo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Nicolas Favre	0	4	3	3	3	1	2	0	6	3	2	8	35
Helmintoses	26	34	13	9	16	16	20	4	4	3	0	9	55
Gonorreia	44	50	34	12	37	24	48	34	43	29	34	49	438
Malária	0	0	0	1	10	11	13	3	9	0	4	0	55
Lepra	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Tuberculose	5	10	10	2	4	4	8	13	9	5	5	6	81
Tifóide e Paratifoide	11	19	3	3	3	3	8	23	45	30	7	2	157
Sarampo	0	0	0	0	0	1	1	10	4	2	0	0	18
Difteria	1	3	1	2	1	2	2	2	1	1	0	1	17

Tab. 3 Fonte Secretaria de Saúde – Relatório da Santa Casa de Misericórdia

O *cancro venéreo simples*, ou *linfogranuloma venéreo*, era, dentre as doenças venéreas, a infecção com menor incidência na população teresinense. Esta é uma patologia que ataca os nódulos linfáticos na região pubiana, se manifestando através de "gânglios linfáticos inchados, grandes e escuros na virilha que se abre para sair pus, fecham-se e se abrem novamente. Ou feridas doloridas no ânus e que purgam".[273]

Outros procedimentos médicos, tomados naquele ano, demonstram a gravidade do problema causado pelas doenças sexualmente transmissíveis em relação a outras enfermidades:

- curativos a venéreas 5.671
- outros curativos 3.975
- Injeções mercuriais 7.328
- Injeções de 914 371
- Outras injeções 2.927
- Pequenas intervenções cirúrgicas 30

Tab. 4 Procedimentos médicos – Santa Casa de Misericórdia

[273] WERNER, op. Cit. 1984, p. 238).

Outros procedimentos:

- Extirpação de elefantíases dos grandes lábios 6
- Inversão da vagina 2
- Reparação de fístulas vesico vaginais 7
- Curetagem uterina 2
- Curetagem de úlceras; curetagem e drenagem de fístulas; destruição de vegetação do pênis, grandes lábios e ânus; operações de fimose e parafimoses; excisão de pterígios e outras pequenas intervenções.....27
Outros procedimentos:

Tab. 5 Pequenas intervenções cirúrgicas e outros procedimentos Fonte: Santa Casa de Misericórdia de Teresina[9].

Existiam casos de enfermidades venéreas ou não venéreas em estado clínico avançado em que o saber médico tornava-se impotente para curá-lo, a não ser amputando o órgão do paciente. No ano de 1932, vejam quantos membros foram amputados, como consequências de doenças venéreas e outras enfermidades.

Amputações:

- perna 1
- braço 1
- pênis 5
- artelho 1
- polegar 1
- seio.....1

Tab. 6 Amputações – Santa Casa de Misericórdia

O constrangimento de estarem infectados por doenças sexualmente transmissíveis era a razão de muitos homens, principalmente jovens, protelarem por muito tempo a decisão de revelar a alguém o seu estado de saúde e buscarem recursos médico-hospitalares. Quando isso ocorria,

em muitos casos, já era tarde demais. A rusticidade da *práxis* médica no campo da infectologia venérea, entretanto, não desqualificava o poder do hospital: "instrumento terapêutico, instrumento de intervenção sobre a doença e sobre o doente, instrumento suscetível, por si mesmo ou por alguns de seus efeitos, de produzir cura;"[274] ou seja, quando não era possível interditar e curar a infecção, através de aplicação medicamentosa no paciente, e no caso de ser o pênis a parte anatômica visivelmente mais afetada pela moléstia, a recorrência médica era a amputação.

A negação do cuidado de si, no sentido de prevenir-se contra esse tipo de doença, resultava em mutilação, através de intervenção cirúrgica, do órgão que, nas sociedades de cultura judaico-cristã, é a representação maior da masculinidade no corpo humano. Literalmente, um exemplo de *corpo sem órgão*; uma desconstituição do corpo masculino da sua função sexual e procriadora, caracterizada pela impotência, tanto do ponto de vista médico-legal quanto do ponto de vista religioso-cristão. A impotência para o cristianismo católico não significa apenas a ausência de ereção do pênis, mas também a incapacidade de penetração e de fecundação, através da ejaculação, já que a fecundação artificial era e ainda é condenada pela Igreja.

> Uma anomalia que situa o indivíduo fora das normas fixada por Deus e pela sociedade. A impregnação falocênctrica é, aliás, tão forte que se traduz pela imperiosa necessidade de falar, antes de tudo, do homem viril. Sistematicamente, opõe-se o normal ao anormal. No centro dessa dialética, um duplo objetivo: tranquilizar/culpabilizar. Definir as normas no interior das quais todo homem poderá se afirmar potente e, em oposição, integrar, a partir desse estágio preliminar, o impotente em uma "estrutura de exclusão."[275]

Numa sociedade de consistente base machista e de valorização da representação falocêntrica onde a anatomia e funcionalidade do pênis são expressão de virilidade, *um corpo sem órgão*, mutilado, não representa apenas uma perda de uma parte anatômica do corpo, mas também da alma, segundo a ideia aristotélica de que " a alma é a "forma" do corpo, o seu princípio dinâmico. A alma é, portanto, ligada ao corpo. E este, por sua vez, é composto de alma e matéria."[276] O corpo marcado pela doença venérea era estigmatizado pela sociedade, em decorrência da dimensão moral que a sociedade atribuía a esse tipo de doença, relacionando - a à libertinagem. As sanções ao comportamento sexual, sobretudo de homens jovens ocorriam, muitas vezes, no interior da família e fora dela, o que era bastante traumático para qualquer

[274] FOUCAULT, *Microfísica do Poder*. 1996, p. 99.
[275] DARMONS, Pierre. *O Tribunal da Impotência,*. 1988; P.29-9.
[276] SANT´ANNA, Idem. 2001; p. 8.

indivíduo que viesse a contrair alguma *doença do mundo.* As mais comuns, além da sífilis, eram a *gonorreia* e *condiloma venéreo*, popularmente conhecido como *cavalo de crista.* O tratamento era, físico e moralmente, muito doloroso, como relata o Dr. Angeline:

> As doenças que se pegava era *cavalo de crista e blenorragia.*[...] O *cavalo de crista* é o *condiloma venéreo*. Era tratado da forma mais brutesca que pode existir: era com *Ácido Fênico*, pingando o ácido fênico em cima. Caía imediatamente, mas ficava a ferida... Um buraco terrível.[...] E depois passaram a tratar com *podocilina*, solução de *podocilina*, que ainda hoje existe. A *blenorragia* era uma infecção bacteriana que atacava principalmente a *próstata*. Então se tratava...Naquela época não existia antibiótico, o que existia era *prodijetório.* Naquele tampo, era a medicação salvadora; mas, era uma medicação para animal, pra cavalo.[...] Era injetável. Dava uma febre de quarenta, quarenta e um graus, como reação. Era uma coisa horrível, horrível, horrível mesmo! Então existia, também na época um profissional de idade mais antiga que pegava um dente *de alho*, picotava ele com um alfinete ou com uma agulha de costura e colocava no reto do paciente...Que dava uma febre de quarenta graus. Aí, se matava essa infecção. Era o que se fazia na época.

Foto 11 – Santa Casa de Misericórdia de Teresina

Santa Casa de Misericórdia de Teresina
Pé de Jasmim, com mais de um século (1860?).
Ao lado da Estátua de Nossa Senhora de Fátima

Santa Casa de Misericórdia de Teresina. Primeiro anestesista

Foto 12 Dr. Jarbas de Sousa

A rusticidade dos métodos tornava o tratamento mais doloroso, além do constrangimento moral perante a sociedade, que muitos jovens sentiam ao tomarem conhecimento de que sua condição de infectado já não era mais segredo; ou ainda, quando tinham que expor ao médico e enfermeiros, os órgãos genitais lesionados por *doença do mundo,*[277] Quando a doença era a *gonorreia,* o problema ainda era maior..Muitos evitavam a recorrência médica, em face do preconceito aumentando o constrangimento devido a uma das práticas médicas curativas, que consistia em introduzir o dedo no ânus do paciente para massagear-lhe a *próstata* até estourar uma espécie de calo que ali se formava:

> ou se colocava uma sonda de balão – não existia sonda de fole – pra lavar a bexiga com essa sonda...dava uma febre violentíssima de trinta e oito graus. [...] massageava-se a próstata prá quebrar o calo da próstata...o pacienta passava o tempo todo urinando sangue e pus, e com dores na micção. Isso foi por muitos anos. Quando surgiu o antibiótico, só vinha pra classe média alta. Eram umas injeções que se dava de uma hora em hora.[...] era *penicilina G cristalina*...não existia um remédio para reter o antibiótico no organismo. Cavalo de crista, era *nitrato de prata*...era um lápis de *N.P.*pra se queimar todo dia. Eles escondiam tanto que era, às vezes, até preciso se amputar o pênis,[278]

O sistema de saúde era público e sempre voltado para a medicina curativa, nunca para a prevenção. O atendimento médico–hospitalar era exercido pelo *Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Teresina,* entidade que fora fundada em Oeiras, em 1849, e transferida dois anos após para a nova capital. Os "atendimentos iniciais, de acordo com os registros estatístico de ordem epidemiológica, foram de *febre amarela, catarro pulmonar, sífilis e úlceras sifilíticas, reumatismo e sesões.,"*[279] Embora funcionando em condições precárias de atendimento, a *Santa Casa* cumpriu uma função importantíssima para Teresina, graças à boa vontade de médicos, irmãs de caridade e enfermeiros, até 1941, quando foi inaugurado o *Hospital Getúlio Vargas.*

Diante de tal quadro, as autoridades sabiam que o problema da saúde pública, especialmente o relacionado à vida sexual, era obra desafiadora que requeria esforços múltiplos e concentrados, não somente no âmbito de práticas curativas, mas sobretudo na conscientização da população em relação a seus hábitos e higiene. Trecho do relatório do Diretor de Saúde Pública enviado ao Secretário Geral do Governo Landri Sales apontava neste sentido, quando dizia que:

> Era preciso, primeiro que tudo, transformar o conjunto do pessoal em um só bloco de entusiastas pelas vantagens incontestes dos serviços e assim podermos marchar coesos na estrada do progresso; convencer porém ao povo, em geral atrasado, em serviços de higiene, não é obra fácil, apesar de sua índole boa e tolerante. [...] Procuramos primeiro

[277] Era o termo na linguagem popular que se usava referindo-se às doenças sexualmente transmissíveis.
[278] Euvaldo Angeline. Entrevista, em 03/092000.
[279] GUIMARÃES, 2001; p. 1424

> fazer um serviço da propaganda intensiva, distribuindo normas e conselhos úteis à boa saúde. [280]

As medidas tomadas pelo poder público, ao que tudo indica, surtiram um efeito positivo, pois pelo primeiro relatório do movimento, dos anos de 1933 a 1937, do *Posto de Saneamento Rural – Seção "João Virgílio*", apresentou uma queda no número de pessoas infectadas.

Doenças	Pacientes	1933	1937
Syphilis	Homens	467	366
	Mulheres	697	481
	Crianças	8	33
Gonorréa	Homens	56	61
	Mulheres	30	65
	Crianças	-	

Tab. 7 Inspetoria de Prophylaxia das Doenças Venéreas.[281]

Observa-se que nos pacientes adultos, no caso da sífilis, o índice reduziu, prevalecendo o número de mulheres infectadas. No caso da gonorreia, o índice aumentou. Entretanto o fato que mais mereceu atenção foi o crescimento da quantidade de crianças com sífilis. Ainda que não se possa explicar, cientificamente, a razão desse fato, uma das possibilidades teria sido a transmissão congênita pelos pais infectados

A doença pertence não somente à história dos saberes científicos e tecnológicos, como também à crença inveterada na eficácia de outras práticas de cura do corpo doente: rezas, chás de ervas, garrafadas e outros. Como também se acreditava em formas de contaminação e técnicas para evitar doenças, que a ciência não reconhece. O imaginário coletivo povoado de elementos que constituem a base da cultura popular está relacionado aos hábitos e costumes dos membros de uma sociedade. O indivíduo e a sociedade associam a seus comportamentos,

[280] Arquivo Público do Piauí. Códice 1424.
[281] Idem. ibid.

racionalidade e afetividade, mas também ingenuidade, religiosidade e até charlatanismo. Portanto, estudar o corpo infectado por doenças venéreas em Teresina no período em foco remete à necessidade de se conhecer um pouco dos hábitos e crenças dos teresinenses a esse respeito. A começar pela linguagem popular: as doenças sexualmente transmissíveis eram chamadas "*doenças do mundo*", numa menção direta à prostituta, também chamada de "mulher da vida" e considerada a principal responsável pela transmissão de tais patologias, as quais eram conhecidas por nomes bastante pitorescos como, *esquentamento, cavalo de buraco e cavalo de crista, chato, fubila, mula* etc.

Desde a necessidade de informação sobre as doenças e de noções de higiene do corpo, reclamada pelas autoridades, até o local da prática do ato sexual têm relevância para essa compreensão. Mesmo os cabarés, chateaus e rendez-vouz da zona boêmia mais famosa em Teresina, a Paissandu, não possuíam instalações sanitárias adequadas à higiene do corpo, após o ato sexual. Como diz o Sr. Antonio Alves de Sousa: "Existia muita doença. Logo não se tinha asseio... Nos próprios prostíbulos onde se ia pegar mulher, não tinha banheiro, era tudo na base da bacia, da coité. Lavava um, lavava outro... Outro era só passar o pano e pronto."[282]

O perigo maior existia para aqueles que faziam sexo nos matagais, não apenas pela possibilidade de contrair *doença do mundo*, mas à própria integridade física, além de situações constrangedoras, como afirma um outro entrevistado que atende pelo nome de Carrola. Diz ele que as prostitutas que habitavam fora da zona, como no Morro do Urubu:

> Fazia sua cama no mato, de caixa velha ou papelão. Quem chegasse podia usar. O tipo de cliente era rapaz novo, sem muito conhecimento que não podia frequentar cabarés mais movimentados. Ia lá, pagava uma quantia mais barata. Às vezes, chegava uma outra "carga torta", puxava uma faca e botava você para correr. Você corria nu, deixava a roupa lá...[283]

Algumas instituições estatais colaboravam com as medidas de controle profilático contra a expansão de doenças venéreas. O *Setor de Saúde* do *25º Batalhão de Caçadores* distribuía mensalmente uma pomada para os soldados usarem antes da relação sexual, como forma de evitar a contaminação de alguma doença sexualmente transmissível. Mas havia também aquele tipo de informação pitoresca, que era passada aos soldados em tom de gozação, mas que era seguida por alguns, afirma seu Antonio:

---

[282] Francisco Alves de Sousa, entrevista em 15/07/1999.
[283] Antônio Alves de Sousa, entrevista em 12/09/2000.

> Você pode meter o dedo lá e cheira, se tiver com aquele cheirinho de sebo ardido e tal, você não entra não... Agora se tiver com cheiro de jatobá, aquela fruta que tem no mato que a gente come, pode entrar que não tem nada. Ensinavam também, depois da relação, apertar o membro ali, e botar força para urinar para sacar alguma doença que tivesse. [284]

Das inúmeras vias que um determinado grupo social cria como forma de conhecer e controlar o corpo, a culinária é um desses meios, identificados em Teresina dessa época. Ajudava não somente no tratamento ou agravamento das doenças do mundo, como também a identificar quando uma pessoa, sobretudo os homens jovens estavam infectados com esse tipo de doença. Quando um rapaz recusava-se a ingerir certos alimentos como carne de porco, peixe, abóbora, pato e outros, era porque, certamente, estava com alguma doença do mundo. Carrola relembra o caso de um jovem que veio a óbito em consequência de não ter se curado, a tempo, de uma *doença do mundo*:

> O nome era Osvaldo, conheci. Morreu de doença do mundo, porque ele não tinha resguardo na boca. Ele comia tudo. O sujeito falava, mas ele comia tudo: era porco, era pato, era tudo. Aquilo tomou conta do corpo dele, quando ele pensou que não...[285]

Mas a medicina popular sempre esteve presente em todas as sociedades. Pessoas simples sem instrução, costuma produzir remédios para os mais diversos tipos de doença, Dona Honorata foi frequentadora da Paissandu, como mulher e como trabalhadora, o que lhe rendeu alguns conhecimentos de como curar algumas *doenças do mundo*, como *esquentamento* (gonorreia) e *mula* (cancro). Para a primeira, segundo ela, a *raspa da raiz de juá*, tirada do lado que o sol nasce, colocada no sereno com um pouco de sal, batido na manhã seguinte, o doente ingere com água e expele toda a doença através da urina. Para mula (cancro), diz ela:

> a paulista se parte em quatro partes, se bota um quarto 30 minutos de molho, bate com colher; apanha a espuma botando fora nove vezes; junta com uma dose de cana, três dedos, e dá pra pessoa beber. Desaparece a doença, a pessoa mija todinha. [286]

Além de ser um território de retenção de significações morais, religiosas, políticas, econômicas e éticas que possibilitam a leitura de diversas linguagens, o corpo é um campo de práticas medicinais (científicas e populares) na história de cada povo.

Apresentando a sexualidade como um dispositivo, Michel Foucault indaga: "Por que o sexo é assim tão secreto? Que força é essa que, durante tanto tempo, o reduziu ao silêncio e mal acaba de ceder, permitindo-nos talvez questioná-lo, mas sempre a partir e através da

---

[284] Antônio Alves de Sousa, entrevista em 12/09/2000.
[285] Idem, ibid..
[286] D. Honorata Oereira dos santos, entrevista em 07/07/2000.

repressão?"[287] Tal indagação nos remete à necessidade de considerar que toda sociedade repressora tem a vontade de manter o corpo sob controle, visando, sobretudo, livrá-lo de doenças e mantê-lo disciplinado sexual e moralmente. O corpo sexualmente doente, além da dimensão clínica, assume também uma dimensão moral, dada às significações que, historicamente, são atribuídas às doenças no interior de cada sociedade.

Do discurso médico moralizador, herdado do século XIX, a sífilis bem como a gonorreia e outras doenças venéreas estavam estritamente vinculadas à prostituição, e o infectado enquadrado na condição de depravado, pervertido e pecador, desajustado às leis da normalidade do corpo e da alma. "*Prisão da alma, sede dos desejos sexuais, o corpo torna-se um 'espaço' suspeito,*"[288] volúvel aos instintos em detrimento da racionalidade. As doenças do mundo, fruto da irracionalidade, que buscava apenas a realização dos desejos, eram vistas como doenças não apenas do corpo, mas também da alma. E a prostituta, o agente propagador que levava o homem à degradação física e moral.

Entretanto, a prostituição pública, ou clandestina, era considerada um mal, mas um mal necessário à preservação da virgindade das moças de família e, por extensão, à honra e à afirmação da virilidade masculina. A ausência dela, certamente, levaria a aumentar os crimes de sedução e estupros, também vinculados à ideia de desequilíbrio, tara e depravação.

Muitos jovens "desciam" a Paissandu à procura de relações ilícitas e entretenimento; outros, menos afortunados, procuravam, com o mesmo fim, outras zonas, como o *Morro do Querosene*, o *Moio de Vara*, ou algum cabarezinho, dentre tantos, fora da zona, espalhados pela cidade. Adoecer, entretanto, com *doença do amor*, era motivo de reprovação, descriminação, constrangimento e repressão, a partir da própria família. Eis a razão por que muitos homens escondiam a doença dos amigos e até da própria família, buscando ajuda a quem, certamente, não iria discriminá-los, geralmente, um farmacêutico, o qual lhe receitava alguma droga e uma dieta alimentícia. Além da ideia de depravação, a sociedade discriminava-os, também, baseada na crendice que gerava o medo de contágio, no sentar e até no aperto de mãos.

4.2 O que fazer

[287] FOUCAULT. *História da Sexualidade 1*. 1997. p. 76-7.
[288] SANT´ANNA. 2001; p. 17.

Em 1939, foi criada a Revista da Associação Piauiense de Medicina, um órgão da imprensa médica local em colaboração com a imprensa médica do país. Tinha por objetivo divulgar trabalhos originais dos profissionais médicos em todo o Estado bem como a publicação de editoriais sobre assuntos de interesses médicos sobre os problemas de saúde pública do Estado, higiene, e assistência social com o propósito de:

> Fazer nestes setores, obra de crítica imparcial e de colaboração com os poderes públicos do Estado. Manterá ainda seções de noticiário, de apreciação de livros e artigos, de transcrições e resumos de órgãos congêneres do país e do estrangeiro.

O periódico como órgão divulgador dos saberes médicos, pode-se dizer que fazia parte do processo de preocupação das autoridades com a saúde pública, diante de um conjunto de doenças que afetavam a sociedade, sobretudo, a população pobre, causando muito sofrimento e levando a óbito pessoas de todas as faixas etárias.

A criação de um Centro de Saúde do Estado, como parte da reforma da saúde, só teve suas atividades iniciadas no ano seguinte. Essa instituição de saúde é consequente da institucionalização da saúde pública, incluída no conjunto de reformas realizadas por Getúlio Vargas a partir da década de 1930:

> A área sanitária passou a compartilhar com o setor educacional ministério próprio, o Ministério da Educação e da Saúde Publica. [...] O novo ministério determinou uma ampla remodelação dos serviços sanitários do país. Com isso pretendia-se, na verdade, garantir a burocracia federal e controle desses serviços, numa estratégia decorrente do centralismo político – administrativo imposto por Getúlio Vargas.

"A estratégia organizada pelo postulado de um poder". Num regime de exceção, visava manter institucionalmente o controle dos órgãos e das políticas de saúde, o controle dos corpos e por consequência o controle do corpo social. O Centro de Saúde Padrão era aquele que seguia o que o poder central instituía para todo o país. Escrevia-se na Revista da Associação Piauiense de Medicina que:

> Havendo uma descentralização muito nítida na administração sanitária, com o funcionamento de Centro de saúde, terá este que possuir todos os serviços que constituem propriamente uma repartição de saúde. Sua organização típica para o Brasil compreende(Barros Barreto e Fontenele):
>
> I – administração, registro, estatística e propaganda
>
> II – Higiene Pré-natal
>
> III – Higiene da criança
>
> IV – Tuberculose
>
> V – doenças venéreas

VI – Lepra

VII – Outras doenças transmissíveis

VIII – Saneamento e Política sanitária

XI – Higiene da Alimentação

X – Higiene do Trabalho

XI – exames de Saúde

XII – Laboratório

XIII – Enfermagem

O tipo de administração e propaganda estabelecia a relação do Centro de Saúde com os demais serviços públicos em geral, nas esferas federal, estaduais e municipais, "desde que haja interesse, e realiza-se entendimento sempre vantajoso com profissionais de várias naturezas: médicos, farmacêuticos, dentistas, parteiros, enfermeiros.

Nesse conceito de administrar a saúde pública no país, o Centro de Saúde Pública em Teresina instituía o serviço de doenças venéreas, que orientava atenção especial à sífilis, sendo as demais doenças venéreas consideradas com menos pessimismo. Isso porque a sífilis era a que mais afetava a população, gerando uma estatística desastrosa, causando complicações consequentes e aumentando o obituário global, a partir desse tipo de enfermidade homens e mulheres infectados, gestantes e crianças. Um grande problema de saúde pública, desafiador para as autoridades propagaemr um discurso convincente à sociedade, da necessidade de tomar precaução para evitar a sífilis e outras doenças venéreas como linfogranuloma, gonorreia e outras. Desenvolvia-se uma campanha antivenérea cujos pontos principais eram:

1º Diagnóstico preciso e precoce;

2º Tratamento precoce e adequado;

3º Investigação das fontes da infecção;

4º Propaganda e educação popular antivenérea.

Falava-se da necessidade de dar vulto a esse tipo de serviço, mas também ao fato de haver um vasto campo de reinfecções, visto que nunca foi olhado seriamente o problema da prostituição.

Vários foram os recursos de que lançaram mão os homens, com o fim de evitar doenças venéreas. A camisa de vênus era dos métodos recorrente mas criticado por alguns .

Dizia-se de sua ineficácia devido ao não contato físico com órgão sexual oposto, e portanto, "não satisfaz em absoluto o fim pretendido, como também acarreta prejuízo ao organismo."[289]

> Não satisfaz o fim que se pretende por duas razões, a primeira das quais, é que "camisa" se pode romper e a segunda, é que no caso de não se romper, ela só garante a proteção do pênis, deixando completamente desprotegidas, todas as demais regiões passíveis de contaminação.
> Acarreta o seu uso prejuízo ao organismo, devido ao fato de não permitir a atrito da mucosa peniana na mucosa vaginal, substituindo assim a sensação voluptuosa produzida pela copula, cujo efeito sedutivo é benéfico para o sistema nervoso, por uma sensação vaga e imprecisa, que deixa o organismo insatisfeito e irritadiço, dando lugar ao aparecimento de diversas formas de neurastenia, pela sua repetição continuada.[290]

Outro recurso vulgarmente empregado era a prática das cópulas fora do tradicional, tidas como anormais. Embora fossem práticas de outros tipos de prazeres recorrentes, eram também, segundo a moral vigente, consideradas perversão:

> .cavidades outras que não a vaginal supondo tais indivíduos que assim procedendo se põem a salvo de contaminações venéreas, o que é um grande erro porque, da mesma que a mucosa vaginal, as mucosas bucal e anal podem ser séde de afecções venéreas.Além disso, como no caso precedente, o uso destas práticas prejudica grandemente a sistema nervoso, maximé em se tratando de coito bucal, como também acaba não raramente, tornando o indivíduo incapaz para a realização da cópula pelos meios naturais.[291]

Finalmente outro recurso que se lançava, não habitualmente, era a chamada autodesinfecção, que consistia na preparação de líquido medicinal preparado a partir de recita emitida através de Boletim do Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Dizia-se que era "o único aconselhável, não só por ser, o que de fato, pode garanti uma proporção maior, a preservação da contaminação venérea, como também, por ser o único que não acarreta prejuízo para o sistema nervoso e para as funções sexuais."[292]

Há por consequente necessidade de uma fórmula em que esses dois medicamentos se achem associados a esta, é dentre outras, a seguinte, da autoria de GAUDEAUCHEAU:

---

[289] Folhetim: Como evitar as Doenças Venéreas- Circulo Brasileiro de Educação Sexual – CBES. N.4, 1937.
[290] Idem, ibid.
[291] Idem, ibid.
[292] Idem,ibid.

Cyanurreto	0,10
Thynol	1,75
Calonelanos	25,0
Lanolina	50,0
Vaselina .....q. 5. para	100,0

Como se deve proceder a prophylaxia antivenérea

Terminada a cópula, lavar com sabão e água em abundância, o pênis, a bolsa escrotal, as virilhas e a região pilosa supra pubiana, não se esquecendo de arregaçar completamente a pele do prepúcio para se ensaboar e lavar integralmente as partes por ele encobertas, e de lavar, o meato urinário, para o que, com auxilio dos dedos deverão ser afastados os seus dois lábios, afim de mantê-lo perfeitamente aberto e poder ser atingido pela água e sabão. [293]

E assim, eram muitas as tentativas de se evitar a proliferação das doenças venéreas, que iam desde a ingerência de meizinhas e garrafadas; formulas químicas para desinfecção, até o discurso conscientizador das autoridades no sentido de educar sexualmente a população, com o propósito de conter a epidemia que se alastrava pela cidade, com esse tipo de patologia.

A repressão partia também do próprio Estado. O Exército, por exemplo, não admitia que um militar se contaminasse. Para isso, ensinavam-lhes técnicas, distribuía medicamento a fim de evitar a contaminação. E se algum militar fosse infectado, após ser atendido e medicado na enfermaria do quartel, era punido. Tudo, resquícios da moral cristã e do discurso médico higienista da segunda metade do século XIX. Analisando os significados das doenças e da prostituição, nesse período, diz-se que a prostituição era "concebida como espaço da sexualidade doente, como lugar das perversões; e a do casamento, concebido como instituição higiênica e único espaço da sexualidade sadia".

Sexo ilícito, mal necessário, ou doença da alma, a prostituição tem no corpo o território de sua prática que muda na sua forma, mas não na sua essência, e que se constitui num campo complexo de informações que merece ser visitado pelos historiadores.

[293] Idem, ibid.

CONCLUSÃO

Estou convicto de que não me contentaria pesquisar a cidade vista apenas de cima e do centro, com suas edificações modernas e/ou neoclássicas, com seus habitantes bem vestidos, impregnados de poderes, produzindo e reproduzindo um discurso moralista onde as pessoas eram focadas como se fossem seres assexuados, imunes aos desejos e despossuídas da libido que aflora nos corpos, fazendo-os ceder à prática de prazeres carnais e ilícitos.

Para ver o"invisível", o não dito, o periférico, o marginal e o "imoral", percorri caminhos sinuosos para compreender que a noite cai como um véu negro e envolve a cidade onde pessoas e objetos criam condição para que se atribua a eles outros significados, designando-lhes outras funções. Foi assim que pude compreender a cidade noturna: um campo de subjetividades. Dos lugares românticos, de práticas lúdicas aos ambientes marginais de práticas ilícitas, os sujeitos estavam sempre estabelecendo relações diversas, às vezes perigosas, movidas pelos desejos, construindo identidades. Entretanto, apesar da liberdade de expressão, produzindo um debate democrático, aberto em vários lugares da sociedade, e ser o sexo a razão de quase tudo, as discussões sobre ele ainda são direcionadas, prioritariamente, para o âmbito da repressão, negligenciando outros aspectos como desejo, poder e prazer.

Devido à banalização expressa, ocasionalmente, através de tantos discursos orais no meio acadêmico, certamente, a história que produzi ainda será vista por alguns, mais pudicos, como um conhecimento menos importante, em relação aos discursos que envolvem, prioritariamente, os grandes intelectuais e artistas da elite. Aliás, dessa forma, a história da cidade e da sociedade que nela habita seria menos interessante, se não pudéssemos conhecer os sujeitos que, entre moças donzelas, grandes chefes de família, políticos e intelectuais, transitam desconstruindo a ordem estabelecida, produzindo transgressões, desafiando os defensores da moral e dos bons costumes. Cafajestes, meretrizes, malandros e gigolôs são apenas alguns dos sujeitos que fazem da noite o seu tempo de ação, da zona e da periferia o seu lugar ideal, construindo identidades.

É notório que, mesmo não havendo uma delimitação do espaço urbano em relação à atuação de sujeitos de perfis tão diferentes, observa-se uma segregação na cidade entre o centro e as margens. E também, a partir dos territórios da prostituição, onde os sujeitos (prostitutas e

clientes), de acordo com seu perfil econômico, atuam em espaços diferenciados, embora estes estejam interligados através de diferentes estratégias, em busca do prazer.

Nesse contexto, seria um equívoco situar socialmente a prostituta apenas na perspectiva da violência, da exclusão, sendo vítima do mundo e de seus próprios atos. Ao contrário, para muitas, a prostituição foi uma opção e não se arrependem de terem seguido o caminho inverso àquele que toda família desejava para suas filhas: um bom casamento e um bom marido que lhes assegurassem o sustento para o resto da vida. Não se aceitava que uma filha não seguisse o modelo de vida que não fosse o tradicional: casar virgem e ser uma boa esposa e uma boa mãe. Na mentalidade da época, esse era o único e verdadeiro modelo de vida a ser seguido por uma mulher digna.

Contrariando essa concepção, algumas jovens foram para a zona como uma opção de vida, atraídas pelo *glamour* da noite nos territórios da prostituição, principalmente aqueles de elite. Algumas chegaram aos lupanares ainda virgens. Eram moças pobres e carentes, sem uma estrutura familiar que lhes assegurasse viver com dignidade, como pessoa humana. Entre viver uma vida de opressão e de carência afetiva e de bens materiais, preferiram aventurar-se pelo submundo da prostituição.

Conclui-se também que a incorporação da prostituição como objeto do saber na perspectiva do prazer, situa-se num universo discursivo complexo, em face das diferentes conexões que os sujeitos estabelecem entre si, produzindo subjetividades e construindo identidades, principalmente, a partir de concepções binárias e opostas, como norma e transgressão, prazeres lícitos e ilícitos, sexualidade sadia e perversão, ambientes públicos e privados, continuidades e descontinuidades. Nessa perspectiva, o centro da cidade considerado um ambiente de relações sociais, normais e sadias se opõe ao ambiente periférico, duplamente marginal e de relações ilícitas, de prazeres "proibidos".

A realidade mostra que, apesar do discurso tornando proibitivo e ilícito determinadas práticas, o Estado e a sociedade civil são extremamente tolerantes, ou seja, em Teresina não se identificou qualquer tipo de ação repressora direcionada, especificamente, para os territórios da prostituição. A ação repressora do Estado que atuava na zona não era diferente daquela que reprimia as transgressões à ordem social cotidiana. Também não se criou qualquer tipo de instituição específica para combater a prostituição, a exemplo de outras capitais, nesse período. O que se combatia eram os excessos, do ponto de vista da moral e dos pudores vigentes.

A prostituição, na sua dimensão fundamental de busca do prazer, produz um conjunto de experiências responsáveis pela manutenção e reprodução de uma estrutura de poder expressa através do corpo e do discurso que produzem identidades e subjetividades; que produzem relações de gênero, além de uma hierarquia que reproduz uma estratificação social e uma ordem econômica que agrega diversos tipos de trabalhadores. E, finalmente, a prostituição está associada a um foco de doenças venéreas fora do controle dos órgãos públicos, apesar de seus gestores se esforçarem bastante para que as patologias sexualmente transmissíveis fossem controladas. O alto índice de pessoas infectadas aponta para duas possibilidades: ou a ignorância da população era muito intensa em relação à higiene do corpo; ou, a cidade era, sexualmente , muito promíscua.

Nos anos de 1960, ocorre uma ruptura dos elementos fundamentais que determinam o comportamento sexual. Entretanto, a prostituição não acabou aí, tomou um outro formato, dissimulado, subjetivo, anônimo, clandestino. A zona, gradativamente, foi entrando em decadência. Os tradicionais cabarés foram sendo substituídos por outros espaços da prostituição, não mais formando um baixo meretrício, mas espalhados por todos os pontos da cidade. Qualquer lugar pode, disfarçadamente se constituir em ponto de "pegação" para prostitutas e clientes firmarem seus contratos de compra e venda de prazeres sexuais. Do ponto de vista material, a especulação imobiliária e outras atividades econômicas são responsáveis pelo intenso processo de desfiguração da Paissandu e dos outros espaços de prostituição. As imagens da boemia e da prostituição em Teresina, nesse período, resiste ao tempo, mas apenas na memória daqueles que, nostalgicamente, gostam de relembrar o passado..

BIBLIOGRAFIA:

ALAIN, Corbin, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do Corpo – 3. As Mutações do Olhar: O Século XX*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes. 2009.

ALAIN, Corbin. (Org.). *História da Virilidade 2*. *O Triunfo da Virilidade*. Petrópolis/RJ. Editora Vozes. 2013.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, Leis e Moral*. São Paulo: Editora UNESP. 1999.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família.*Rio de Janeiro; ed. Guanabara, Kooga S.ª 1978.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza.* Teresina. Fundação Mons. Chaves, 1994.

ADLER, Laure. *Os Bordéis Franceses. SP. Com. das Letras.* 1990.

_____. Os Segredos da Alcova. Lisboa; Terramar. 1997.

ARANHA, Adalberto José Q. T. de. *Crimes Contra a Honra*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1993

AUGÉ, Marc. Não-Lugares: *Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas/SP: Editora Papirus; 4ª Ed. 2004.

BADINTER, Elizabeth. KY: *Sobre a Identidade Masculina*. RJ, Nova Fronteira, 1993.

BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens*.Curitiba; Aos Quatro Ventos; 1997.

BESSA, Karla Adriana Martins. *O Crime de Sedução e as Relações de Gênero*. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, Campinas, SP; v. VIII, n° 4, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. 1999.

BOSI, Eléa. *O Tempo vivo da memória*. Ensaio de Psicologia Social. São Paulo. Ateliê Editorial, 2004.

CASTELO BRANCO, Maria Nerina Pessoa. *Cruviana*. Teresina: APL. 1979.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e Masculinidades*. Teresina: EDUFPI. 2008.

CALDAS, Dario(Org.) *Homens. Comportamento, Sexualidade, mudanças*. Editora do SENAC; 1997.

CHAVES, (Mons.). Teresina-Subsídio para a História do Piauí. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1994.

CERTEAU. Michel de . *A Invenção do cotidiano.* RJ; Vozes; 2 ª ed. 1990.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra*. Campinas(SP). Editora da UNICAMP. 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*.Rio de Janeiro; Graal; 4ª ed. ; 1999.

COURTINE, Jean - Jacques.(Org.) *História do Corpo* – 3. *As Mutações do Olhar: O Século XX*. Petrópolis/RJ. Ed. Vozes. 2009

CARDOSO, Elizangela Barbosa.. *Múltiplas e Singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina(1930 – 1970*).Dissertação defendida no Curso de Mestrado de História do Brasil da UFPE; Recife; 2002.

_____. *Identidades de Gênero, Amor e Casamento em Teresina.*Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense. Niterói; 2010

Código de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa: São Paulo. Edições Loyola, 11ª ed.; 1998.

DARMON, Pierre. *O Tribunal da Impotência*. Tradução: Fátima Murad. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.

DOMINGOS NETO, Manoel. *et al*. *Piauí: Evolução, Realidade e Desenvolvimento.* Teresina; Fund. CEPRO. 1979.

DOS SANTOS, José Lopes. *Templos Católicos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1992.

DUBY, Georgs e PERROT, Michelle.(Orgs.) *História das Mulheres – O século XX*. SP. Ebrasil . 1991.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História do Amor no Brasil.* São Paulo. Ed. Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary e AMANTINO, Márcia (Orgs). *Histórias dos Homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp. 2013.

DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.*RJ. Rocco, 1997.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro(1840 – 1890).* São Paulo. Brasiliense. 1989

EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.) *Histórias de Vário feitio e Circunstância*. Teresina. Instituto Dom Barreto. 2001.

FAOUR, Rodrigo. Dolores Duran – *A Noite e as Canções de uma Mulher fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record. 2012.

FENELON, Déa Ribeiro (Org.). Cidades. São Paulo. Editora Olho Dágua. 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* RJ. Graal. 12 ª ed. 1996.

_____ . *Vigiar e Punir.* RJ. Vozez.17 ª ed. 1996.

_____ . *História da Sexualidade 1 – a vontade de saber.* RJ. Graal. 12 ª ed. 1997.

_____ . *História da Sexualidade 2 – o uso dos prazeres.* RJ. Graal; 7 ª ed. 1994.

GAIARSA, José A. *O que é Corpo*. São Paulo: Editora Brasiliense. 2002.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. Teresina – Pesquisas Históricas. Teresina. Editora júnior Ltda. 1991.

GUATARRI, Félix e Rolnik, Suely. Micropolítica – *Cartografias do Desejo*. Petrópolis/RJ, Editora Vozes Ltda. 1986.

GUTIERREZ, Gustavo Luís. *Lazer e Prazer*. Campinas(SP); Ed. Autores Associados. 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva.* São Paulo. Vértice; 1990.

IBIAPINA, Fontes. *Paremiologia Nordestina*. Teresina: EDUFPI. 2008.

KRUEL, Kenard. Genu Moraes – *A Mulher e o Tempo*. Teresina: Editora Zodíaco. 2015.

LE BRETON, David. *Antropologia do Corpo e Modernidade.*. Petrópolis/RJ; Ed. Vozes. 2011

_____, *Sociologia do Corpo*.Petrópolis/RJ; Ed. Vozes. 2007

LE GOFF. Jacques. *As doenças têm história.* Lisboa; Terramar; 1994

_____. *História e Memória*. Campinas (SP). Editora da UNICAMP; 2003.

LOPES, Marta Júlia Marques (org.). *Gênero e Saúde.*Porto Alegre; Artes Médicas. 1996.

LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana Vilodre.(Orgs.) *Corpo, Gênero e sexualidade*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes. 2010.

LINS, Daniel. (Org.). *A dominação masculina revisitada.*. Campinas (SP); Papirus; 1998.

MACHADO, Roberto. et all. *Danação da Norma*. *Medicina Social* e *Constituição da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1978.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Dolores Duran – *Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1997.

MATOS, Maria Izilda. *Meu Lar é um Botequim*. S.P. mimeo. 1996.

_____ . *Gênero em Debate; trajetória e perspectivas na historiografia contemporanea.*SP. Educ. 1997.

_____ . *Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues.* RJ, Bertrand, 1986.

_____, Dolores Duran – *Experiências Boêmias em Copacabana nos Anos 50.* Editora Bertrand, 2005.

_____, *Âncora de emoções: Corpos, Subjetividade e Sensibilidades* Bauru/SP. Ed. Da Universidade do Sagrado Coração – EDUSC. 2005

MAGALHÃES, Raul Francisco. *O que é Imoralidade*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1991.

MEDINA, João Paulo S. *O Brasileiro e seu Corpo*. Campinas/SP: Editora Papirus. 1991.

MENEZES, Lena Medeiros de. *Os Indesejáveis:* Rio de Janeiro: EdUERJ. 1996.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória* – 4. Teresina: Edufpi. 2015

NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade.* RJ; Rocco; 1993.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do .*A Cidade sob o fogo.* Teresina; Fundação Cultural Monsenhor Chaves; 2002.

OLIVEIRA, Juarez de. Código Penal. Acompanhado de Disposições Penais da Legislação de Janeiro de 1990. São Paulo; Câmara Brasileira do Livro. 1998.

PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual.* SP; Paz e Terra. 1993.

PAULO FILHO, Pedro. *Notáveis Bacharéis na Vida Boêmia*. Leme/SP, 2005.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Editora UNESP. 1998.

PHILIPS, Roderick. *Desfazer o Nó – Breve História do Divórcio*. Lisboa/Portugal: Editora Terramar. 1991.

QUEIROZ, Teresinha. *As diversões Civilizadas em Teresina 1880 – 1930.*Teresina.: FUNDAPI, 2008

QUEIROZ, Áurea. *Vieira Toranga*. Teresina: snt. 2011

ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História.* RJ. Rosa dos Ventos. 1998.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890 – 1930.* RJ, Paz e Terra.1991.

_____ . *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos de sexualidade em São Paulo, (1890 – 1930).* RJ. Paz e Terra; 1991.

RAMOS, Francisco Ferreira. *Memorial do Hospital Getúlio Vargas*. Contexto Histórico – Político – Econômico – Sociocultural – 1500-2000. Teresina. Gráfica do Povo, 2003.

RIBEIRO, Pedro S. Clube dos Diários. Teresina: Halley. 2003.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo. Editora Brasiliense; 3ª ed.; 1994.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental – Transformações contemporâneas do Desejo*. São Paulo. Edições Liberdade, 1989.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Ayrton (Org.) História da Medicina no Piauí. Teresina. Academia de Medicina do Piauí. 2003.

SANTOS, José Lopes dos. *Templos Católicos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1992.

SÁ FILHO, Bernardo P. de. *Teresina: Espaços Marginais e Desfiguração.* Cadernos de Teresina. N.15. Teresina; Fund. Mons. Chaves; 1997.

_____. *O Carnaval em Teresina*. IN: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.) *Histórias de Vário Feitio e Circunstância.* Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.) P*olíticas do Corpo*. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1995

_____. *História da Beleza no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto. 2014.

SANTOS NETO, Antônio Fonseca dos. (Org.) *Teresina 160 Anos* – 2ª ed. Teresina: Ed. O Dia. 2012.

SILVA, Pedro. *O Piauí no Folclore*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1988.

SOUSA, Ilnar de. *O Cliente – o outro lado da Prostituição.*SP. anablume. 1998.

SOARES, Carmem. (Org.) *Corpo e História*. Campinas/SP; Editora Autores Associados. 2001.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica.*IN: Revista Educação e Realidade. V.15. n º 2.; faculdade de educação do Rio Grande do Sul.

Teresina – Caracteres Gerais. Prefeitura Municipal de Teresina. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópicos dos Pecados.* RJ. Nova Fronteira; 1997.
WERNER, David. Onde não há Médico. São Paulo. Câmara Brasileira do Livro. 1984.

Fontes:

Jornais:

- O Dominical
- A Cidade
- Jornal do Piauí
- Estado do Piauí
- Jornal do Comércio
- Jornal o Dia

Processos Crimes:

- Auto de Exame cadavérico. Inquérito Policial – Delegacia de Segurança Pessoal e Ordem Pública de Teresina – PI. 1959
- Processo Crime: Sedução. Juiz de Direito da 2ª Vara da Comarca de Teresina. TJ-PI
- Inquérito Policial. Delegacia de Costumes de Teresina. Autuação em 22/10/1959. TJ-PI.
- Processo Crime – Sedução, TJ-PI.

APENDICE – LISTA DE ENTREVISTADOS

- Antonio Pereira da Silva nasceu em Teresina na Rua Paissandu onde viveu até hoje, filho de mãe solteira, não conheceu o pai, trabalhou em vários cabarés da Paissandu.

- **Antonio Alves de Sousa** nasceu no Ceará em 13 de julho de 1932, cursou o segundo grau (incompleto) na Escola Industrial até ir para o Exército. É casado e fotógrafo. Entrevista a Bernardo Pereira de Sá Filho, no dia 15/7/1999.

- **Antônio Carlos Marques** nasceu em Teresina no bairro Poti Velho, em 1955. Cursou o ginásio e exerce, atualmente, a profissão de motorista, casado, tem o pseudônimo de *Galego*. Entrevista em 29/6/2005 e 24/1/2005.

- Euvaldo Angeline da Silva nasceu em Miradouro (MA), em 9/9/1934. Estudou no Liceu e Diocesano. Em 1956, foi para Recife onde se formou em medicina e retornou para Teresina em 1961. É casado. Entrevista em 3/9/2000.

- Gerusa Santo, nasceu em Teresina, na rua São José, no dia 2/10/1925. Morou em Floriano e retornou para Teresina com 11 anos de idade. Estudou no Colégio das Irmãs (no setor destinado a educação de quem não podia pagar). Viveu na Paissandu como prostituta, depois se tornou gerente de cabaré até os anos 70. Faleceu no dia 18/9/2005. Entrevista em 8/1/2005.

- **Honorata Pereira dos Santos**, nasceu na Vila da Manga (Floriano), no dia 15 de fevereiro de 1928. Veio para Teresina com 22 anos. Foi casada durante 7 anos, sendo abandonada pelo marido. Escolarizada. Entrou para a vida livre, mas vive fora da zona. Entrevista em 07/07/2000.

- **Luís Gonzaga Vieira**, pseudônimo "Luis Cavaquinho". Casado, ex-guarda civil, cursou o ginásio. Nasceu em Nova Rússia (CE) no dia 15/9/1928.

- Maria Ambrósio da Silva. Nasceu em Barras (PI) em 1926. Pseudônimo "Maria Tijubina". Chegou a Teresina em 1954; faleceu em 2005. Entrevista em 23/7/1999